This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437903 7

Digitized by Google

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437903 7

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

D. VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

TERRA BENDITA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

LISBOA

Digitized by Google

Digitized by Google

7377
.116

TERRA BEMDITA

NQT
Casm.

Digitized by Google

1. Fiction, Portuguese

DA MESMA AUTORA:

A FADA TENTADORA

LIVRO PARA CREANÇAS

COMO DEVO GOVERNAR A MINHA CASA

ADAPTAÇÃO E MODIFICAÇÃO DO LIVRO ITALIANO
DE GIULIA FERRARIS TAMBURINI

CEU ABERTO

LIVRO PARA CREANÇAS

EM PLENO AZUL

LIVRO PARA CREANÇAS

NO PRELO:

COMO DEVO CREAR E EDUCAR MEUS FILHOS

Digitized by Google

D. VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

TERRA BEMDITA

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
A. M. TEIXEIRA & C.TA
20 — Praça dos Restauradores — 20

1907

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
574004B
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1951 L

Typ. a vapôr da Emprêsa Litteraria e Typographica
178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

Digitized by Google

PREFACIO

Passei no campo a maior parte da minha vida; e habituei-me a gostar com todo o meu coração da terra e dos que trabalham na terra.

Mais tarde tive occasião de comparar a nossa vida rural com a vida rural de outros paizes e pensei com tristeza no desamparo, na ignorancia, e na miseria dos nossos campos.

As instituições que apresento na segunda parte d'este livro e que podem parecer utopias, vi-as eu dispersas na Suissa, Dinamarca, Belgica, Italia, e sei que estão já englobadas n'um conjuncto quasi perfeito na Australia.

Digitized by Google

Dirige-se de preferencia o meu trabalho á gente muito nova, ainda não immobilisada pela força dos habitos adquiridos; porque o seu coração e o seu cerebro são terrenos virgens onde mais facilmente germinam, florescem e fructificam os ideiaes generosos, desinteressados, enthusiastas, de que a humanidade precisa para a conquista do progresso e da felicidade.

Pensei na Terra portugueza; pensei na miseria dos que sobre ella se matam de trabalho improductivo; pensei na gente nova que é toda a nossa esperança de um futuro melhor.

E foi assim que fiz este livro.

D. VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA.

14 de Setembro de 1907.

Digitized by Google

PRIMEIRA PARTE

Digitized by Google

Digitized by Google

TERRA BEMDITA

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

— Que belleza de noite! — disse a Maria José, levantando-se e passeando no terraço com as mãos atrás das costas.

— Linda!... cheia de luar, cheia de poesia, deliciosa... tudo que quizer... mas muito quente, muito quente!... —

E o gordo sr. Viellard passava o lenço pelo pescoço curto, levantando o cabello corredio e branco de neve que lhe descia abaixo das orelhas.

Digitized by Google

— Que horas são? — perguntou a Maria José depois de um silencio.

— Nove. Vê-se o relogio perfeitamente á luz da lua; como se fosse dia. —

— O tempo costuma fugir-me — tornou ella. — Mas hoje, estas horas não teem fim. —

O sr. Viellard sorriu com bondade.

— Quem espera, desespera — disse elle.

E d'ahi a um instante perguntou:

— Que é feito do Antonio? —

— Pediu-me licença para ir á leziria; foi ver se o texugo teria já cahido na ratoeira que lhe armaram hoje de tarde. —

— Quem foi com elle? —

— Ninguem. Montou a cavallo ha talvez uma hora e partiu sósinho. —

— E não tem receio . . . —

A Maria José sorriu.

— O sr. Viellard ainda se não costumou á liberdade do nosso estroina.

Digitized by Google

Mas se soubesse o bem que esta liberdade lhe tem feito! Não imagina como elle era fraco em pequeno... A cada momento julgavamos que nos ia morrer. —

A Maria José parara defronte do sr. Viellard.

— Fomos com elle a Paris, a Londres, a Berlim... Os medicos diziam todos a mesma coisa: campo, ar, luz, liberdade. Viemos então para o campo; demos-lhe ar, luz e liberdade. O pequeno começou finalmente a robustecer. Era um prazer tão grande para nós, vêr os musculos que enrijavam, as côres que a pouco e pouco lhe appareciam, o brilho dos olhos, a vida, emfim, que tomava conta d'elle!...—

O sr. Viellard escutava com attenção a doçura d'aquella voz quente e harmoniosa. O vulto alto da Maria José toda vestida de branco, illuminado de luar, fazia-lhe lembrar um lyrio pela pureza das linhas.

— E assim o deixaram ir crescendo

Digitized by Google

— observou o sr. Viellard — sem permittirem a menor applicação, livre e selvagem como um liãosinho, até agora? Sempre com medo de que a saude o abandonasse de novo? —

— É verdade. E por isso o snr. Viellard o encontra com treze annos, atrazadissimo para a sua edade. Mas não faz mal. Tem tempo de estudar, agora que é forte e vigoroso. E demais a mais nas suas mãos, entregue á intelligencia de um tal mestre... Escute! —

Ouviu-se ao longe o galope de um cavallo.

— Será elle? — perguntou o snr. Viellard.

Mas antes da Maria José poder responder, viu-se o vulto de um cavalleiro que se approximava rapidamente, correndo pela avenida que vinha dar ao grande largo de entrada.

— Meu grande estroina! — murmurou a Maria José, encostamdo-se a uma das columnas do terraço e seguindo com a vista o vulto já bem distincto

Digitized by Google

do rapaz que lançara o cavallo a toda a brida.

As arvores que bordavam a avenida eram novas e a sua sombra pequenina deixava a estrada nua e branca de luar.

O cavallo parou de repente defronte da escadaria.

— Victoria! . . . — gritou uma voz forte e sonora de creança.

— O texugo cahiu? — perguntou a a Maria José debruçando-se, interessada.

O Antonio apeava-se n'este momento. Respondeu logo:

— Ora se cahiu! Vaes ver, mãesinha. . . É gordo! Pesa como chumbo. . . —

Emquanto um criado segurava o cavallo, o Antonio desprendia da garupa um corpo grande e pesado.

— Está quieto, Brilhante — dizia elle ao cavallo — gostaste da pandega, hein? Querias mais. . . —

E falando ao criado:

Digitized by Google

— Não sei como embrulhei aqui as correias da garupa... ajuda-me, Bernardino... Prompto, prompto! já não é preciso. Esfrega bem o Brilhante com palha, não te esqueças... Coitado do Brilhante! Vem n'uma sopa! —

O Bernardino observou rindo:

— Isso vejo eu! Lá nas suas mãos, menino Antonio, louvado seja Deus...—

O Antonio respondeu:

— Deixa lá, Bernardino... elles gostam... Não é verdade, Brilhante? É tão bom!... Não grasines, Bernardino... Bôa noite, Bernardino! —

E o Antonio subiu a escadaria.

A Maria José e o sr. Viellard foram ao seu encontro.

— Olha para isto, mãesinha! Hein? Que monstro! O pae vae ficar contente quando vier... —

E o Antonio deixou cahir na lage do terraço o corpo gordo do texugo que trouxera de rastos pela escada acima.

Digitized by Google

Vinha em mangas de camisa, coberto de poeira, sem chapeu, esgadelhado, cheio de calor, felicissimo.

— Cuidado com essa espingarda — disse a Maria José.

O Antonio encostou a arma á parede:

— Está descarregada. Não imaginas como foi... A ratoeira apanhou-o pelo rabo. Dava cada pinote!... Se não fosse eu, amanhã já lá não estava... Safava-se com certeza. Vi aquillo e disse commigo: Espera, ladrão! E zaz! ferrei-lhe uma chumbada. Foi logo! Depois o que me levou mais tempo foi a içal-o para cima do Brilhante. Não tinha ninguem para me ajudar e elle pesava... Vamos vel-o aqui á luz, na sala. —

E sem esperar resposta, pegou no texugo pelo rabo e arrastou-o para a entrada da sala. Sentou-se no chão, ao lado d'elle.

— Anda ver... Olha as unhas... Apre! que unhas! E a dentuça? Re-

Digitized by Google

para na dentuça... Anda, maroto, que não comes mais milho!... E o pêlo? Achas bonito? É tão aspero! Queres que te dê esta pelle para um tapete? O' sr. Viellard, que pena a carne não ser boa para se comer! Tão gordinho! guisado com batatas, quem sabe? talvez soubesse a carneiro. Estou tão contente! Mãesinha, aquillo é que foi galopar na leziria! Parece-me que estraguei algum milho... talvez mais do que o texugo... Mas foi tão bom! Estás zangada? —

E o Antonio, que não tivera até alli olhos senão para o texugo, voltou-se de repente para a mãe.

A Maria José estava de pé, curvada para o filho; sorria devagarinho com uma expressão enternecida e feliz.

— Como tu és bonita! — disse o Antonio levantando-se e deitando-lhe os braços ao pescoço — Não ha ninguem no mundo, mais lindo do que tu! —

Digitized by Google

O sr. Viellard sorria tambem. Mas na sua cara côr de rosa, nos seus olhos pequeninos que brilhavam de intelligencia por detrás das lunetas de oiro, notava-se uma expressão perplexa.

— O que poderei eu fazer d'este... discipulo? — pensava elle.

— Falas tanto, meu filho — disse a Maria José — que me tiras a respiração. Que é do casaco e do chapeu? —

O Antonio olhou para si, passou a mão na cabeça.

— É verdade! — disse elle admirado — Onde teriam ficado?!... Não te importes, mãesinha. Ficaram decerto na leziria... Amanhã manda-se lá o Joaquim procurar. Fazia tanto calor! —

Calou-se um momento, olhou para a mãe com attenção e continuou:

— Mas se queres eu vou lá agora outra vez. Não custa nada. Não estejas triste por isso. —

E correu para o terraço.

— Bernardino! — gritou elle.

Digitized by Google

— Anda cá, doido! — chamou a Maria José correndo atrás d'elle. — Não... não é preciso. Amanhã. Agora socega... Escuta-me um momento. —

Pegou-lhe nas duas mãos, trouxe-o para a sala, fel-o sentar defronte de si.

O Antonio ria; e o sr. Viellard seguia a scena com satisfação, esfregando devagar as suas mãos pequeninas e papudas.

— Sabes quem chega d'aqui a pouco? — perguntou a Maria José.

— Então não havia de saber?! É o pae! —

— Chega o pae que vem de Lisbôa onde foi buscar os teus primos. —

O Antonio encolheu os hombros com desdem.

— Lá dos primos não me importo. Meninos da cidade... —

— Então!... É preciso seres bom, Antonio. É preciso gostares d'elles. Coitados! Perderam os seus paes e agora veem viver comnosco... Vão ser tal qual como uns irmãos para ti. —

Digitized by Google

— Veremos... Elles montam a cavallo? —

Houve um momento de silencio.

— Olha para esses sapatos cobertos de poeira... — continuou a Maria José — para essas mãos sujas, para esse cabello esgadelhado... —

O Antonio interrompeu-a, preoccupado:

— Achas que estou muito sujo? —

— Acho que deves ir lavar-te, pentear-te, vestir-te decentemente, com socego e cuidado. O teu pae não gostaria nada de te encontrar assim. —

— Tens rasão — declarou elle. — Não me lembrava de nada d'isso. Vou já. —

Levantou-se de repente e sahiu da sala com impeto.

Mas voltou no mesmo instante.

— E o texugo? — perguntou elle.

— Diz ao Duarte que o venha buscar. Não póde ficar aqui... Cheira mal. —

Ouviu-se o barulho cadenciado das

Digitized by Google

patas de uma parelha batendo o macadam; a areia a estalar sob a pressão das rodas de borracha; o som intermitente do guizo pendurado na ponta da lança.

— Ouves, Antonio? — disse a Maria José.— É o Gonçalo que vae buscar o teu pae á estação. D'aqui a vinte minutos estão ahi... —

— Vou já! — gritou o Antonio; e sahiu correndo.

Mas logo abriu novamente a porta:

— Onde está a minha espingarda? Ah!... Já sei! —

Foi buscal-a ao terraço e trouxe-a para junto do candieiro, onde se demorou a examinal-a.

— Olha, mãesinha, ha qualquer coisa aqui no gatilho que não está bem. Vê se és capaz de concertar. Tu entendes de tudo... —

Poz a espingarda no collo da mãe e, sem esperar resposta, partiu outra vez.

A Maria José olhou sorrindo para o sr. Viellard e murmurou:

Digitized by Google

— Ás vezes desanimo. . . —

Um passo precipitado subiu n'este momento a escadaria, atravessou o terraço. . . e o Antonio entrou pela terceira vez na sala.

— Sr. Viellard! — gritou elle — imagine que o seu Thermidor arrancou hoje o rabo ao Curandeiro! —

O sr. Viellard disse, interessado:

— Isso póde lá ser! Onde foi? Elle esteve toda a tarde commigo. . . —

A Maria José interveiu:

— Antonio, parece-me que não vaes ter tempo de te vestir. —

— Tenho, mãesinha, verás! . . . —

E voltando-se para o sr. Viellard:

— Foi no curral das vacas. —

— No curral das vacas? — perguntou o sr. Viellard. — O que estava lá fazendo o Curandeiro? —

— Vinha da lavoura atrás dos bois; e quando passou no curral, entrou. Encontraram-se lá, o Thermidor e elle. . . O Thermidor tem-lhe uma zanga! Não

Digitized by Google

é verdade que lhe tem muita zanga?...—

—Immensa—respondeu o sr. Viellard.—Quando o vê, mesmo de longe, começa logo a rosnar. E depois?—

—Depois, o pateta do Curandeiro investiu com elle...—

E o Antonio desatou a rir.

—Que pena tenho de não ter visto! O Thermidor trocou-lhe as voltas, passou-lhe para trás, enterrou-lhe a dentuça na lã e... lá foi o rabo do Curandeiro!—

E o Antonio deixou-se cahir n'uma cadeira, rindo com tanta vontade que a Maria José e o sr. Viellard começaram a rir tambem.

—Mas porque deram esse nome áquelle carneiro?—perguntou o Sr. Viellard.

—Foram os boieiros. Esta gente imagina que um carneiro na abegoaria livra os bois de doenças. Então chamaram áquelle: Curandeiro. Que estupidez! Mas dá vontade de rir...—

Digitized by Google

O Antonio ria . . . ria . . .

— Antonio — disse a Maria José — Não vaes ter tempo . . . —

— Agora é que é certo! — exclamou o Antonio sahindo como um vendaval.

— Está ahi outra vez, não tarda nada — observou o sr. Viellard socegadamente, olhando com attenção para as suas unhas côr de rosa e polidas como as de uma senhora.

— Vae ser difficil . . . muito difficil, sr. Viellard! — suspirou a Maria José sentando-se n'uma cadeira de baloiço.

— Com bôa vontade e paciencia consegue-se muito — respondeu o sr. Viellard. — E depois, não sabe que morro pelo seu Antonio? Nunca vi uma creança igual. É um diamante bruto . . . mas é um diamante. —

A Maria José estendeu o braço e tocou n'um botão electrico.

Appareceu um criado de casaca.

— Duarte, faça-me o favor de levar esse texugo para a copa. —

*

Digitized by Google

— Sim, minha senhora. —

Mas quando se abaixava para pegar no texugo, ouviu-se ao longe o guizo e o trote pesado dos cavallos.

— Não! — disse a Maria José levantando-se de um salto — Deixe isso... Venha cá abaixo abrir a portinhola da carruagem. —

— Boa noite, mulhersinha! — exclamou alegremente uma voz de homem, bem timbrada. — Que saudades! —

E apertava-a contra o peito:

— Não posso passar sem ti... Quatro dias de separação... é já uma doença. —

Voltou-se para o cocheiro:

— Já entregaste as malas pequenas ao Duarte? Bem. Não é preciso mais nada. Pódes desengatar. Bôa noite, Gonçalo. —

Chegados um ao outro, immoveis nos primeiros degráos da escadaria, estavam dois pequenos olhando com timidez e admiração para tudo.

Digitized by Google

O Alvaro apontou para elles sorrindo:

— Vês, Maria José? Trago-te mais dois filhos. —

Ella já os estava abraçando:

— Então, então... Não ha por aqui dois bons abraços para a tia Maria José? —

E accrescentou:

— Coitados dos meus filhos! É preciso não estarem assim estranhos... Vamos para cima. Quero ver estas caras á luz. O luar não me basta. —

— E o Antonio? — perguntou o Alvaro emquanto subiam.

— Está fazendo *toilette*. — Respondeu o sr. Viellard, que os esperava lá em cima.

— Oh! velho amigo! — exclamou o Alvaro com prazer. — Parece-me que não o vejo ha seculos! —

E o Alvaro chegou ao terraço de braços abertos.

O luar illuminava-lhe a figura alta e robusta.

Digitized by Google

E, como tirara o chapeu, via-se-lhe o farto cabello anelado, já muito grisalho, coroando como uma juba a testa larga e intelligente.

Quando entraram na sala, o sr. Viellard perguntou:

— São estes os meus novos discipulos? —

— Anda cá, Paulo, — disse a Maria José. — Como estás crescido! És mais alto do que o Antonio. Mas delgadito... e não gosto d'essas olheiras tão fundas... —

— Tenho estudado muito por causa dos exames — murmurou o Paulo. — A Beatriz tem melhor côr... —

A Maria José voltou-se para a pequena, quasi tão crescida como o irmão, mas com aspecto de mais saude.

Não teve tempo de falar. Abriu-se a porta com estrondo e, entrando como um furacão, o Antonio precipitou-se nos braços do pae.

— Viva o pae! Viva o pae!... Apanhei o texugo! Olha, olha! Alli

Digitized by Google

está elle, vês? E que tal! Um monstro! Não estás contente? Não foi uma bôa surpreza? —

— Bravo! Que tamanho elle tem! — Exclamou o Alvaro sorrindo e observando o texugo.

Depois acrescentou, pondo as duas mãos nos hombros do Antonio.

— Agora olha para mim. Deixa ver essa cara. Estás muito janota, muito asseiado, sim senhor! Gosto de te ver assim... e não é vulgar. —

— Se tivesse chegado um quarto de hora mais cedo... — começou o sr. Viellard.

Mas o Antonio interrompeu-o:

— Então, sr. Viellard, a gente não póde andar a galopar na leziria uma hora e trazer para casa um texugo ainda por cima... com as mãos limpas... —

O Paulo e a Beatriz, olhavam o primo com assombro.

— Então não falas aos teus primos, Antonio? — disse a Maria José.

Digitized by Google

O Antonio estendeu-lhes a mão:

— Boa noite, Paulo. Adeus, Beatriz... —

Parou um momento, procurando conversa, e accrescentou:

— Vocês montam a cavallo? —

— Nunca montei — respondeu o Paulo.

— Ah!... Já viram o texugo? Em Lisbôa ha texugos? —

— Nunca vi lá nenhum... —

A Maria José cortou este cavaco:

— Venham aos seus quartos; precisam de se arranjar para a ceia. Depois, cama; já é tarde e vocês devem estar cançados. —

Os quartos dos dois irmãos communicavam entre si por uma porta.

Apenas a Maria José se retirou, essa porta abriu-se devagarinho:

— Paulo... — disse a vozita assustada da Beatriz.

E foi entrando.

O Paulo estava parado no meio do quarto com as mãos nos bolsos, olhando

Digitized by Google

em volta de si com a expressão de quem não acredita no que está vendo.

— Paulo... — repetiu a Beatriz.— Tenho vontade de chorar... —

— Não sejas pateta! — respondeu o Paulo fazendo-se forte.— Agora chorar... porquê? —

— Não sei. Sinto-me só. —

— A tia Maria José é tão bôa! Os tios são tão nossos amigos!... —

— Escuta!... Vês?... Não se ouve nada... Nem electricos, nem gente na rua... Nada! Mette medo. Olha por aquella janella... Nunca vi em Lisbôa um luar tão claro... —

Calaram-se os dois.

No silencio profundo que subia da terra adormecida, entorpecida pelo calor do dia, ouviam-se os ralos.

— Paulo... O que é aquillo, lá fóra, que faz assim: sss... ssss... Ouves? É um bicho? —

— São bichos lá no campo... — respondeu o Paulo tomando uns ares en-

Digitized by Google

tendidos para socegar a irmã.—Texugos, talvez...—

—Achas que elles entram pelas janellas?...—

—Não sei. Mas se entrarem, eu mato-os. Não tenhas medo.—

Outro silencio.

—Paulo...—murmurou a Beatriz muito baixinho—Eu não gosto do Antonio. Faz tanto barulho!—

—É preciso teres paciencia... Bem vês, elle não sabe nada senão de cavallos, e de texugos, e d'essas coisas assim de correr, de gritar e de ter força... Ainda não fez exame de instrucção primaria!...—

Digitized by Google

CAPITULO II

— Venham cá para cima! — gritou o Antonio aos primos debruçando-se do alto da meda de trigo maior que havia na eira.

— É bom? — perguntou a Beatriz tentada.

— É tão bom! — respondeu o Antonio — Corre um ar tão fresquinho! Tem-se uma vista linda. Anda!... —

— Mas como hei-de subir? —

— Como eu. Agarra-te aos molhos com unhas e dentes... Trepa. Não custa nada. —

A Beatriz deu volta á meda procurando um ponto mais accessivel.

Digitized by Google

— Não se pode... — disse ella desapontada — Por todos os lados é como se fossem paredes... —

O Antonio ria... ria...

— Tambem te não atreves, Paulo? — perguntou elle — Um homem!... —

O Paulo chamou a Beatriz, empurrou-a pela meda acima, e á força de boa vontade, conseguiu assim fazel-a trepar até uma pequena altura.

Mas a Beatriz deixou-se novamente escorregar.

— Não posso — exclamou ella — Isto arranha... —

— Agora, rapazes! — gritou o Joaquim Salvador enterrando com valentia a pá no grão e animando os eirantes que estavam limpando um monte de trigo. — Toca a aproveitar este assopro! —

E as pás estreitas entravam no pão, atiravam com elle ao ar a compasso; e a aragem que passava ia levando com molleza os restos de palha, as poeiras, em nuvemsitas preguiço-

Digitized by Google

sas que logo se abatiam no chão duro da eira.

—Então, menino Antonio—disse um dos eirantes falando para o topo da meda—Então hoje não vem ajudar a gente?—

—Isso hoje não presta, Ricardo—respondeu o Antonio—Sem vento!... Vocês estão ahi parados a olhar para o trigo... Uma tarde assim morta não dá vontade de trabalhar. Olha... olha... Por mais que atirem o trigo, as alimpas cahem todas outra vez por cima d'elle. Vês?—

O Alvaro, o sr. Viellard e a Maria José dirigiam-se devagarinho ao encontro de duas pessôas que chegavam de novo pelo atalho.

—Quem serão aquelles senhores?—perguntou a Beatriz ao Paulo.—Como são extraordinarios!—

Ella era gorda e baixa com o cabello já grisalho e um ar imponente. Avançava devagar arregaçando a saia de quadradinhos e mostrando os sapa-

Digitized by Google

tos de duraque sobre os quaes subia a brancura da meia de linho. Com a outra mão agitava um grande leque batendo-o em pancadas cadenciadas sobre o folho que enfeitava o peito do *mandrião* branco muito esgoleirado.

O grande guarda-pó do homem que a acompanhava, descia-lhe abaixo das curvas das pernas e deixava pender de um dos bolsos a ponta vistosa do lenço tabaqueiro.

—Bons dias, vizinhos!—disse o Alvaro com bom humor, estendendo-lhes a mão.—Ditosos olhos!...—

Entretanto a senhora do *mandrião* dera dois beijos ruidosos na Maria José.

E estabeleceu-se a conversação emquanto se sentavam todos no murosinho da eira, em correnteza.

—Que dia de calor, hein?—

—E olhe para a barra do poente... Amanhã ainda vae ser peor.—

—Não conseguem hoje limpar o trigo, não é verdade?—

Digitized by Google

— Estou a ver que tenho de o deixar na eira... —

— Então, senhora D. Rosa, como vão os seus cravos e os seus majaricões? —

— Jesus, senhor! É lá um cheiro no quintal que até consola!... Mas dão-me um trabalhão! —

— Está contente com o pão, Alvaro? Que tal é a semente? —

— Assim, assim, compadre... O anno foi muito seco. —

— É o mesmo de que nos queixamos. E a passarada deu cabo de muito. —

O Alvaro sorriu.

— Apesar do compadre lhe dar um desbaste mestre com as suas armadilhas, não é verdade? — perguntou a Maria José.

As palavras muito simples cahiam lentamente no silencio do entardecer.

— Vossas Ex.as é que descobriram o segredo da felicidade — declarou o sr. Viellard — Uma vida igual, sem emoções, na sua casa refrescada de

Digitized by Google

trepadeiras, perfumada de majaricão e de alfazemas, sem cuidados, e sempre contentes. . . —

A senhora D. Rosa expandiu-se n'um sorriso de beatitude e precipitaram-se um pouco as pancadas rythmicas do leque de papel.

— Ora. . . — explicou ella — temos saude, graças a Deus, e estamos sempre entretidos com uma coisa e com outra. . . —

— Olhem para aquelle gato, pelo amor de Deus! — exclamou a Maria José rindo.

E apontava para o Antonio que descia precipitadamente da meda agarrando-se aqui e alli e a cada momento parecendo em perigo eminente de cahir.

— Estes é que são os seus sobrinhos? — perguntou a senhóra D. Rosa ao Alvaro mostrando os dois pequenos que se approximavam.

— Mais dois filhos. . . — respondeu o Alvaro, sorrindo. — Por hora andam aqui vendidos, como peixes fóra de

Digitized by Google

agua... Ainda se não costumaram ao campo. Mas em se habituando, hão-de gostar immenso. —

— Ó tio Alvaro! — murmurou o Paulo, corando. — Nós já gostamos. Os tios são tão bons! —

O Antonio apenas se viu no chão, apanhou o chapeu que lhe saltara da cabeça e veiu correndo, todo cheio de sarugas, agarrou n'uma pá e metteu-se entre os eirantes a padejar trigo.

Ouvia-se-lhe a voz alegre e forte:

— Agora sim! Ai, que rico fresquinho! Vá, vá!... E' aproveitar... Valentes! Valentes! Olha as alimpas como ellas vôam! Que regalo! Um, dois... Vá... a compasso! —

Os eirantes riam.

— E' de uma canna! — exclamou o Salvador com a sua voz de clarim que soava ao longe.

O sr. Viellard voltou-se para o Paulo:

— Então, não pegas tambem n'uma pá? —

Digitized by Google

— Não sei, sr. Viellard. Nunca experimentei. —

O Alvaro levantou-se:

— Vamos a ver se és capaz. Anda cá. —

E levou o Paulo para junto dos eirantes.

— Ricardo, — disse elle a um homem baixo e grosso, com a camisa desabotoada sobre o peito cabelludo como o de um macaco — ensina aqui este menino a padejar. E' um lavrador tambem. E' o dono da quinta do Grou. —

O Ricardo descobriu-se, cumprimentando o Paulo:

— Lembro-me muito bem do senhor seu pae, que Deus haja. Elle tinha a quinta arrendada, mas ás vezes vinha cá pelos sitios, receber as rendas... —

O Paulo não respondeu.

Olhava para aquelles homens e, assim de perto, reparava como estavam sujos do pó da palha e como as camisas rotas ou cheias de remendos

Digitized by Google

se lhes colavam aos corpos, ensopadas em suor.

E, á medida que padejavam, ouvia-lhes as respirações offegantes, olhava para as mãos negras, para os braços onde as mangas arregaçadas mostravam os musculos salientes no esforço do trabalho...

O Alvaro mandou-lhe despir o casaco e a lição principiou.

Mas durou pouco.

As mãos delicadas esfolavam-se com o attricto da pá, os braços molles cançavam-se...

— Não posso mais; — disse elle ao Ricardo — amanhã has-de dar-me outra lição. —

È acrescentou, olhando mais uma vez para os eirantes:

— Como isto custa! —

— Então, meu menino, — respondeu o Ricardo com um sorriso triste — é preciso ganhar o pão... —

— O pão! — exclamou o Joaquim Salvador atirando bem alto o trigo —

*

Digitized by Google

Aqui está elle, o pão!... Mas desde que a gente o espalha á força de braço por aquella leziria fóra, até que nos entra na boca... louvado seja Deus! os nossos corpos ganham-n'o bem! —

— Lá isso é verdade! — murmurou um dos eirantes, cujos cabellos grisalhos appareciam molhados de suor por debaixo do carapuço. — Lá isso é verdade! —

— Seja tudo pelo divino amor de Deus... — acrescentou outro.

Os eirantes já não riam.

Passara por elles, como um vento doloroso de miseria, a lembrança do trabalho penoso e constante, dos tristes lares que não conheciam a abundancia, do desamparo que os esperava a todos, futuros pedintes, quando os braços perdessem o vigor.

O Alvaro fitava sem ver as ondulações das collinhas que se sobrepunham no afastamento, cobertas de montado, abrindo-se lá ao fundo sobre os restolhos resequidos da vargea; na

Digitized by Google

cara toda rapada, onde as feições muito regulares se accentuavam cheias de bondade e de intelligencia, espalhara-se um veu de tristeza.

Toda a vida trabalhara tanto! Os seus livros, as suas conferencias, os seus discursos na camara tinham-lhe dado uma grande fama de reformador. As convicções profundas ás quaes consagrára a sua vida de trabalho, faziam-n'o considerar por toda a gente culta como um apostolo ardente das ideias modernas que não acceitam a miseria nem as desigualdades de fortuna.

O sol escondera-se no horizonte deixando uma enorme barra alaranjada que se alargava pelo ceu fóra; e o crepusculo vinha surgindo, encinzeirado, lá do nascente.

O Alvaro pensava, absorto na sua meditação:

— . . . Então no campo . . . nem um alvorecer sequer se distingue ainda . . . Como ha-de ser difficil! —

Digitized by Google

— Olhe o menino a canceira da gente: — dizia o Ricardo ao Paulo com uma voz monotona, emquanto padejava o trigo — logo pela manhãsinha a espalhar e a desatar os molhos na eira; depois, emquanto as eguas debulham a arrastar os trilhos, a trote, sempre em redor, debaixo de um sol de rachar... e a gente com o chicote nas unhas no meio d'ellas ou com a forquilha a virar a palha... Agora uma coisa, logo outra; não ha descanço. E toda a tarde a limpar o trigo como está vendo; e d'aqui a um instante, medir, ensacar, carregar os sacos de seis alqueires... Veja lá o menino o gosto com que a gente logo, depois da ceia, se não ha-de estender, seja onde fôr, e dormir como se estivesse morto! —

Mas o Joaquim Salvador, muito estroina, já estava massado d'aquellas jeremiadas. Elle só queria rir. Tinha saude e o pão ia chegando cada dia para a mulher e para os filhos. O fu-

Digitized by Google

turo... havia de ser o que Deus quizesse! Interrompeu o Ricardo com uma graçola, a graçola costumada, que só varia na forma, a pedir *a pinga:*

— Vê? O menino Paulo devia dizer ao seu tio para nos deixar desentupir a guela que está cheia do pó da eira...—

O Paulo não entendeu.

Parecia-lhe tudo aquillo tão novo e tão extraordinario! Nunca pensara no trabalho, nas canceiras, no soffrimento que representava cada pedacito de pão que mettia á boca.

E crescia-lhe no coração uma angustia que não sabia ainda definir e que o suffocava.

— Olhem! olhem! quem vem ahi!... — exclamou de repente o Antonio.

E apontava para o campo de restolho que se estendia a um dos lados da eira.

Lá ao longe via-se um ponto negro que avançava n'uma carreira desenfreada.

Digitized by Google

— O Thermidor! — disse o sr. Viellard — De onde virá aquelle doido?! —

E o Thermidor chegou offegante, com a lingua de fóra, parou um momento e dirigiu-se para o dono, de rabo caido, de cabeça baixa, n'um trotesinho humilde de quem não tinha a consciencia limpa.

Por mais que o Antonio o chamasse, não fazia caso; deitou-se aos pés do sr. Viellard, erguendo para elle os olhos amarellos cheios de doçura e de expressão.

O sr. Viellard sorria e passava-lhe a mão na grande cabeçorra preta e lustrosa.

— Anda, meu trapalhão! — dizia elle — Tu fizeste alguma... Foste á procura do Curandeiro, hein? —

O Thermidor, ao ouvir o nome detestado, levantou as orelhas felpudas, olhou em volta com desconfiança e principiou a rosnar.

— Eu bem sabia... bem me queria parecer... — continuava o sr. Viel-

Digitized by Google

lard — Feio Thermidor! Isso não se faz! —

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! — disse uma voz rouca por detrás d'elles.

O Thermidor partiu como um raio, e ladrando furiosamente, arremessou-se a um velho magro e esfarrapado que parara no caminho de carros, de barrete na mão.

—Thermidor! Thermidor! Aqui!...—

Antes que ninguem pudesse fazer um movimento, o Paulo precipitou-se atrás do cão e deitou-lhe a mão á colleira.

O Thermidor perdera a cabeça; ladrava com furor; queria resgatar-se da sua culpa, mostrando agora um zelo exagerado. E como não conhecia ainda o Paulo, não lhe obedecia: dava taes saltos e arrancos que o rapaz mal o podia segurar.

Tudo isto fôra tão rapido que ninguem tivera tempo de acudir.

Digitized by Google

O Alvaro correu para elles com o seu bordão de passeio erguido ameaçando o Thermidor. Mas antes d'elle chegar, o cão desesperado, voltou-se para o Paulo e mordeu-lhe o braço.

O Paulo não o largou.

O Antonio vinha correndo quanto podia do outro lado da eira; porém, quando chegou, já o Thermidor levara a sua conta de cacete e a Maria José arregaçava a manga do Paulo a ver se os dentes do cão o teriam magoado.

— Nada... minha tia, — dizia elle cançado da lucta e pallido de commoção. — não me fez mal. —

— Effectivamente só vejo uma arranhadura insignificante. Foi o punho que te salvou. —

— Tens mais força do que eu imaginava. — disse o Alvaro, batendo-lhe no hombro.

O Paulo sorriu:

— Não tenho força nenhuma, tio Alvaro. Lá no lyceu, em Lisboa, os

Digitized by Google

rapazes até me troçavam por eu ser tão fraco. —

—Mas seguraste o Thermidor como um homem, como um valente. — observou o sr. Viellard.

O Paulo sorriu outra vez, envergonhado.

— Era a força da afflicção . . . —

— Deus lhe pague, meu menino. — disse o velho avançando para elles com mais segurança por ver o Thermidor humildemente deitado aos pés do Alvaro.

O Alvaro exclamou:

— Boas tardes, Alexandre. Então como vae isso? —

— Como ha-de ir? Miseria e mais miseria . . . —

— Então o teu filho não te dá nada? —

— O que ha-de elle dar? Tem seis cachopos pequenitos e a mulher sempre doente . . . —

— Mas a fazenda? Então a tua fazenda? . . . —

Digitized by Google

— Ah! Senhor! a minha fazenda!... A molestia levou a vinha e não houve dinheiro para plantar outra. E a terra está cançada... como eu. Já deu o que tinha a dar. Batata, milho, fava, hortos... nada prèsta! Olhe para mim: nem camisa tenho, louvado seja Deus! E para isto mata-se um homem de trabalho a vida inteira! Se a terra pagasse o trabalho e as canceiras, não andava eu a pedir esmola. —

Lá longe, perto dos eirantes passeiavam devagarinho de um para outro lado, o sr. Viellard, os dois vizinhos e a Beatriz. Esta ficara tremula e nervosa com a scena do Thermidor e do Paulo; e o compadre tentava distrahil-a còntando-lhe historias de passaros apanhados nas suas armadilhas.

Ouvia-se a voz do Joaquim Salvador medindo o trigo no silencio que a pouco e pouco tomava conta dos campos.

— Primeiro!... dois!... tres!... quatro!... cinco!... Valem seis!... —

Digitized by Google

E dois homens carregavam o saco pesadissimo ás costas de um terceiro que partia, direito ao carro de bois, curvado, com o passo curto e vacilante...

— Paulo... — murmurou o Antonio puxando o primo pela manga. — quero dizer-te uma coisa. Anda cá.—

Mas o Paulo nem o ouvia.

Não perdera uma palavra do velho. Juntava aquillo ao que dissera o Ricardo; as ideias confundiam-se-lhe. Nunca pensara n'aquellas coisas que lhe appareciam agora de surpreza e o assombravam como se fossem uma luz forte demais para olhos costumados á escuridão.

Sentia o coração a trasbordar de sentimentos complicados e dolorosos. Queria fazer mil perguntas, mas não tinha confiança ainda com ninguem; envergonhava-se.

Encontrava-se sósinho com o seu pensamento. E emquanto se ia afastando, arrastado quasi pelo Antonio,

Digitized by Google

a garganta apertava-se-lhe e sentia os olhos humidos de lagrimas.

Acabara o dia.

O silencio augmentava, alastrava, sobre a terra que escurecia.

As ovelhas passaram, direitas ao curral.

Era um rebanho muito grande; assim de longe e com uma claridade já tão diminuida, não se distinguiam umas das outras.

Pareciam agua a correr, uma agua turva com ondulações ligeiras; uma corrente muito igual.

De vez em quando um borrego escapava-se da massa compacta; mas sentia-se logo desamparado, assustava-se e corria novamente a colar-se ao flanco do rebanho.

Ouviam-se as vozes das ovelhas a chamar pelas crias, e as crias a responder; e as vozes dos carneiros, baixas e roucas, dando a impressão de *quente,* fazendo lembrar a lã, e o leite

Digitized by Google

acabado de mugir, e o cheiro do curral...

Dos campos vinha uma serenidade forte onde se destacavam baforadas de perfumes: fenos, cúrraes, matto seco, fumo de lenha verde de pinho... ruidos mansos que passavam devagarinho, como caricias: um ralo, uma rã, o tilintar afinado de uma colleira de campainhas de cobre, quatro notas de um bailharico assobiado lá na estrada por um homem que passava...

— Como isto é delicioso! — disse o Alvaro, passando o braço em volta da cintura delicada da Maria José — E' a hora bemdita entre todas as horas do dia! —

O Antonio parara no meio da eira, sósinho, deante do Paulo; queria dizer-lhe uma coisa que tinha no coração e não sabia como explicar a sua ideia.

— Paulo, — principiou elle — não te desconsoles de não saber montar a cavallo... Apprendes n'um instante...—

— Não é isto... — acrescentava o

Digitized by Google

pobre pequeno abanando a cabeça com desespero — não é isto que eu quero dizer!... —

E d'ahi a um instante continuava:

— Para ser valente não é preciso ser forte... —

E parava perplexo, com um ar hesitante e infeliz.

O Paulo olhava para elle vagamente; não o entendia. Sentia-se cada vez mais só e mais triste.

— Paulo! — exclamou afinal o Antonio abraçando-o com impeto — Gosto immenso de ti! —

E o Paulo, sem saber porquê, desatou a chorar e apertou o Antonio contra o peito como se tivesse encontrado emfim o amigo que o seu coração procurava...

Digitized by Google

CAPITULO III

— Desculpe-me interrompel-o, — disse o sr. Viellard entrando no gabinete do Alvaro.

— E' sempre bem vindo. — respondeu este levantando a cabeça, com um sorriso.

— Como hoje é sabbado e n'estes dias costumo vir dar-lhe conta do aproveitamento dos meus discipulos durante a semana... — principiou o sr. Viellard.

O Alvaro interrompeu-o:

— Não se sente n'essa cadeira... Aqui, aqui n'esta poltrona... Isso. Installe-se bem. Agora todo eu sou ouvidos. —

Digitized by Google

— Estou muito contente com a minha classe — continuou o sr. Viellard — Do Paulo nem se fala. E' um rapaz muito adeantado para a sua edade e com um desejo de saber e uma applicação excepcionaes. Chega a assustar-me. Tenho por vezes receio de que a precocidade intellectual prejudique n'elle o desenvolvimento physico. A Beatriz tem uma intelligencia viva, cheia de sensibilidade e de frescura que me encanta. Quando a faço trabalhar, quando lhe explico as coisas, tenho a impressão de segurar uma grande flôr que desabrocha nas minhas mãos. Mas é sobretudo do Antonio que lhe venho falar. —

— E então? —

— Nos primeiros tempos devo confessar-lhe sinceramente que cheguei a desanimar. Uma creança excellente; um coração de oiro; uma intelligencia pouco vulgar. Mas tão selvagem, tão pouco habituado á mais leve disciplina, que a applicação ao estudo, lhe era

Digitized by Google

um supplicio que eu não sabia em verdade como attenuar. —

— A Maria José e eu falamos n'isso muitas vezes com desgosto e sem lhe achar remedio. Confesso-lhe que a ideia de ver o meu filho crescer e desenvolver-se conservando-se ignorante e n'essa disposição de repugnancia para o estudo, me é muito dolorosa. —

O sr. Viellard sorriu com bondade:

— Mas parece-me que estamos salvos. — continuou elle — Ha algum tempo que noto no Antonio uma grande transformação. Está sempre attento; faz-me perguntas sobre perguntas; tudo o interessa; não larga o Paulo para que lhe explique as lições; põe na sua repentina applicação e desejo de saber, o mesmo impeto, o mesmo enthusiasmo com que faz todas as coisas. —

O Alvaro estava encantado.

— Mas a que attribue essa mudança que me dá uma tão grande alegria? — perguntou elle.

*

Digitized by Google

—Attribuo-a ao Paulo. O Antonio admira o primo. Conversa muito com elle; deseja imital-o. E sente-se tão atrazado ao seu lado, que de repente comprehende a necessidade de estudar, de fazer um esforço para chegar á altura do seu amigo.—

—Será duradouro esse enthusiasmo?—

—Julgo que sim. Uma natureza como a do Antonio é briosa. Havia na sua sensibilidade qualquer coisa adormecida que a presença das qualidades do Paulo veiu acordar. Viu o caminho que tinha a seguir; não o abandonará.—

—Deus o oiça, sr. Viellard. Veiu trazer-me uma grande satisfação.—

O sr. Viellard sorria e esfregava as mãos como se as acariciasse n'um gesto vagaroso e continuado que elle tinha sempre quando estava contente.

—E, antes de partir, ainda outra coisa . . . —disse elle já de pé.—Isto agora é a respeito do Paulo. Aquelle rapaz faz-me pena.—

Digitized by Google

—Porquê? Acha-o muito fraco?— perguntou o Alvaro inquieto.

—Não é isso. De saude vae indo bem. Mas anda preoccupado, sem alegria. Perguntei-lhe hontem o que tinha. Respondeu-me que nem elle mesmo sabia; que eram muitas ideias novas que lhe entravam de repente na cabeça e lhe faziam doer. Depois, a medo, pediu-me que lhe explicasse porque é que a gente do campo soffre tanto e se ninguem pensava em melhorar a sua sorte. Aconselhei-o a que viesse ter comsigo que, melhor do que eu, poderia satisfazer o seu desejo. Hesitou, córou, acabou por me responder:—Hei-de ir. Mas por emquanto não. As ideias estão muito embrulhadas e eu não quero massal-o. E' preciso socegar primeiro . . . —

— E' um pequeno extraordinario— disse o Alvaro. E depois de um silencio acrescentou:

— Vê, sr. Viellard, como estes pensamentos serios vão germinando agora.

Digitized by Google

cedo nas intelligencias? E' a necessaria, a indispensavel, a fatal evolução em que lhe tenho falado. O mundo transforma-se. Nenhuma alma bem formada póde já acceitar este estado de coisas. Nascemos com o desejo latente de nos elevar acima de nós mesmos, de crear por nosso turno um mundo melhor.

Os olhos vivos do sr. Viellard brilharam por detrás das lunetas de oiro.

— Que deliciosa coisa — murmurou elle — que é morrer-se com a esperança de que tudo caminha para a maior perfeição! Morrer assim é viver ainda, recomeçar a existencia nos que veem depois de nós... —

— Alvaro, — disse n'este momento a Maria José abrindo a porta. — O Antonio veiu desinquietar os primos para irem agora á ceifa. Ficaram no ar; e eu vou com elles. Não te tentas? Nem o sr. Viellard? Está um dia tão bonito! —

— Faz tanto calor! — respondeu o Alvaro. — O sol não irá fazer-te mal e

Digitized by Google

aos dois pequenos que não estão ainda habituados?—

—Não. Vamos devagar, alli pelo caminho da vinha, que é mais fresco. Depois, lá, escolhemos uma sombra. Não te decides?—

—Não. Não tenho coragem.—

—E o sr. Viellard?—

—Se me dispensa, prefiro ficar alli no terraço a ler.—

A Maria José poz-se á rir:

—Preguiçosos!... Então adeus. Até logo.—

—Até logo, mulhersinha. Não apanhes muito calor.—

. . . . . .

—Minha tia,—perguntou o Paulo quando iam na encosta.—aquillo é que é a ceifa?—

—E' a ceifa, alli, vês? onde está aquella grande correnteza de gente. E, mais longe... vês os bois? é o alqueive.—

Lá em baixo estendia-se uma grande varzea inundada de sol ardente.

Digitized by Google

Era uma claridade tão forte sobre aquelle trigo amarello e immovel, que os olhos mal a podiam supportar.

Metade da varzea estava ceifada; no restolho acinzentado espalhavam-se já os molhos de trigo; e uma comprida linha de homens e mulheres dobrados pelos rins, de cabeças baixas, avançavam devagarinho cortando o pão.

Subiam no ar pesado e quente as cantigas das ceifeiras.

— Como aquella gente está alegre, tia Maria José! — disse a Beatriz.

— Coitados! Olha tu a vida que elles teem, para tirar prazer de uma canceira d'estas! —

Agora iam já na varzea; e avançavam sobre a terra desigual e dura do restolho.

— Bôas tardes! — disse a Maria José, parando perto da ceifa.

Correu um sussurro pela linha dos trabalhadores:

— Bôas tardes! Deus a salve! —

O capataz, que estava immovel en-

Digitized by Google

costado ao varapau, a vigiar, approximou-se da Maria José, de barrete na mão.

— Então, Marcolino, — perguntou ella — como vae o serviço? —

— Saberá V. Ex.ª que vae indo bem. Mais tres dias e acabamos a varzea. —

— Que gente anda aqui? —

— Hoje trago setenta mulheres e vinte e seis homens. —

— Antonio . . . — disse a Beatriz baixinho tocando no hombro do primo — como elles estão a suar!

Uma das mulheres erguera-se um momento e passava a ponta do avental pela cara, onde escorriam gottas de suor como se tivesse retirado a cabeça de um balde cheio de agua.

Os homens tinham as camisas ensopadas nas costas e nos braços.

Chegou um garoto que vinha da fonte com uma bilha ás costas.

E a bilha passou de mão em mão. Punham todos a boca na borda e be-

Digitized by Google

biam com soffreguidão ás goladas grandes; e a agua escorria-lhes pelos cantos da boca.

— Ah!... — Suspiravam elles ruidosamente passando a bilha ao vizinho.

Como estavam negros, tisnados do sol, sujos e afogueados de calor!

E avançavam... avançavam... E o trigo agarrado aos punhados, cortado pelos golpes certeiros da foicinha, tombava com uns estalidos secos, com o barulho das espigas duras roçando umas nas outras.

— Olha a Joaquina! — disse o Antonio.

E correu para uma das ceifeiras que acabava de beber e limpava a boca ás costas da mão.

— Adeus, Joaquina! Então já estás boa? —

— Boa, boa, não senhor. Ainda hontem tive a sezão. —

— Para que andas na ceifa? —

— Então, menino Antonio, o que

Digitized by Google

se lhe ha-de fazer? E' preciso trabalhar. —

Um homem, ao lado d'ella, desatou a rir:

—Deixe falar, menino; ella é desesperada. Tem cantado hoje ahi que vai tudo raso. Uma voz que se ouve a tres leguas em redor! —

—Quem canta seus males espanta . . . —respondeu a Joaquina, rindo tambem.

—Dá cá a tua foicinha, Joaquina—disse o Antonio.—Vae descançar.—

E tirando-lhe a foicinha das mãos, principiou a ceifar com desembaraço.

—Veja, veja!—dizia o capataz á Maria José, apontando para elle—Aquillo sempre é um alho! . . .—

Os ceifeiros conversavam, diziam chalaças, riam e cantavam.

Uma alegria brutal, selvagem, dominando o esforço, a canceira que tornava as respirações offegantes, as caras afogueadas, as vozes roucas.

Digitized by Google

— Minha tia, — perguntou o Paulo que até alli se conservara calado, olhando para tudo com assombro — quanto tempo por dia trabalha esta gente? —

— Todo o dia, meu filho. Desde que o sol se levanta até que se esconde. Descançam durante a sésta, do meio dia ás duas horas. —

— Não posso mais; — declarou o Antonio dando a foicinha á Joaquina — faz muito calor. Sinto já um barulho nos ouvidos como se viesse um comboio atrás de mim. Apre! que sol! —

E o Antonio passava o lenço pela cara vermelha.

— E' que o menino não está costumado. Faz-lhe mal estar assim de cabeça para baixo—explicou a Joaquina, continuando a ceifar.

— Anda para deante, José! Não quero conversas! — gritou o capataz á um rapaz que parára um momento falando com o seu vizinho. — Mexe-me

Digitized by Google

esses braços, Conceição! Raio de preguiça!... —

E acrescentou voltando-se para *os senhores*, para mostrar o seu zelo:

— Isto... em a gente não estando com os olhos em cima d'elles... —

— Coitados! Coitados! — respondeu a Maria José. — Deixa-os lá, Marcolino. Não apertes tanto! Deixa-os lá!... —

E afastou-se com os pequenos na direcção do alqueive.

— Tia Maria José... — disse o Paulo, tremulo de commoção. — Não ha outro meio de cortar o trigo? —

Mas o Antonio interrompeu-o:

— O que é aquillo? Vejam! O Compadre!... —

O compadre vinha andando devagarinho pela borda da ribeira, lá ao longe, com um grande chapeu de palha na cabeça e um guarda-sol vermelho aberto como uma papoila monstruosa.

Todo vestido de linho crú, o guarda-pó batendo-lhe na barriga das per-

Digitized by Google

nas, uma caixa de lata a tiracollo, o compadre andava colhendo *simples* para a sua pharmacia, como elle dizia; porque o Compadre não era só passarinheiro, era tambem ervanario. E fazia drogas com as ervas do campo. Tinha theorias muito especiaes sobre os venenos.

— Olá! — gritou elle, agitando o guarda-sol quando avistou a Mari-José e os seus companheiros.

Mas o grito e o gesto chamaram a attenção do Curandeiro, que andava lá adeante a pastar no restolho ao pé dos bois.

Levantou a cabeça; ficou um momento immovel e attento; e de repente partiu como uma setta na direcção do Compadre.

Era enorme, o Curandeiro; lãsudo, corpulento, fortissimo.

Um raio pelo restolho fóra, deixando atrás de si um rasto de poeira levantada.

Digitized by Google

— Olhe o Curandeiro! Olhe o Curandeiro! — berrava o Antonio.

O Compadre largou a correr.

Mas o Curandeiro corria mais do que elle.

Parecia que tinha mólas n'aquellas pernas, o Curandeiro! Os quatro pés batiam a um tempo a terra dura.

O Compadre tentava-o com o seu guarda-pó que voava na carreira e se agitava como uma bandeira desfraldada, com o guarda-sol vermelho, vistoso e gritante na grande claridade do dia...

Com que prazer investiu contra o Compadre! Foi uma pancada seca, por trás... mesmo em cheio!

O guarda-sol foi parar a uma grande distancia; o chapeu de palha saltou da cabeça e voou para longe em companhia do bordãosinho; a caixa de lata desprendeu-se e bateu sobre os calhaos com estrondo... E o Compadre cahiu de bruços.

No mesmo instante quiz levantar-se e chegou a pôr-se de pé.

Digitized by Google

Mas o Curandeiro recuara devagar como um toiro; e arremettendo novamente, deu outra marrada no mesmo sitio e o Compadre tornou a cahir na mesma posição.

N'esté momento chegava o Antonio, que acudia, esfalfado da carreira e do calor.

—Então? Então? O que é isto?...—

Não teve tempo de continuar.

O Curandeiro, triumphante do seu successo, fitou aquella segunda victima e investiu.

O Antonio virou-se rapidamente para não apanhar a pancada na barriga e logo foi atirado ao chão.

Levantou-se furioso.

Mas pela terceira vez o Compadre apanhava a sua conta e recahia de bruços.

—Isto afinal, sempre no mesmo sitio, dóe—gritava elle.

A este tempo já o Antonio estava outra vez em terra.

—Estupido Curandeiro! Idiota!

Digitized by Google

Malcreado! — repetia elle vermelho de furia.

Dois moços dos bois acudiam a toda a pressa.

A Maria José segurava o Paulo, que tambem queria metter-se no barulho, e ria, ria...

O Antonio e o Compadre pareciam os pratos de uma balança. Ora um, ora outro, deante da cabeça teimosa, persistente, do terrivel Curandeiro.

Finalmente os moços da lavoura agarraram *a fera* e com muitas exclamações e ralhos cortados do riso que não podiam esconder, lá o prenderam a uma oliveira.

O Compadre e o Antonio, ainda estonteados, olhavam um para o outro com um ar de espanto e sacudiam a terra que lhes ficara presa ao fato.

— O restolho pica — declarou o Antonio, olhando para as palmas das mãos.

O Compadre observou, emquanto

Digitized by Google

esfregava persistentemente o logar mais magoado:

— O que vale é elle ser môcho...—

— Então que desastre foi este? — perguntou a Maria José, que acabava de chegar perto d'elles com os dois sobrinhos.

Todos riam.

Mas o Compadre estava um pouco vexado:

— Ser assim enxovalhado por um carneiro! Ainda se fosse um toiro!...—

A Beatriz ria ás gargalhadas:

— Era tão exquisito! Parecia uma representação! —

— Vamos alli para o alqueive; — disse a Maria José — temos lá a sombra de uma oliveira. Aqui faz muito sol. —

Foram andando.

Durante aquella scena, o Paulo rira com vontade; mas á medida que se approximavam do alqueive, a sua cara ia retomando o expressão preoccupada que havia tempos o não largava.

Digitized by Google

Sentaram-se alli no chão, á beira de um valado, a descançar.

Uma oliveira velha, carcomida e retorcida pelo tempo, estendia sobre elles os braços curtos cobertos de folhas pequeninas de um triste verde acinzentado.

Os bois, lá muito ao longe, no fim do rego, deram volta devagar.

Os homens viravam as folhas das charruas.

Ouviam-se as vozes, gritando aos bois:

— *Hasta trás,* Galante! . . . —

Mais nada; a não ser o ruido continuado e monotono das cigarras.

O ar parecia espesso, pesado á força de calor.

Agora, as campainhas dos bois que se approximavam e as vozes mais distinctas . . .

Vinham duas juntas a cada charrua; bois enormes, da Beira, pesadões e possantes.

*

Digitized by Google

E os olhos do Paulo fitavam-n'os com attenção.

A primeira junta avançava, um boi no rego, outro sobre o restolho; as mãos cautelosas assentavam no chão, devagar, e logo por um esforço lento e seguro, as unhas enterravam-se, os musculos surgiam sob a pelagem lustrosa.

Cabeças baixas, pacientes e resignadas, de olhos tristes e bons; o caxaço caloso e grosso encostado á madeira roliça da canga...

E a espinha que se curvava em arco, as pernas que se estendiam, os musculos das coxas retezando-se no esforço enorme...

Uma junta... outra junta... E atrás, a charrua.

Em pé sobre ella, um homem, para que o seu peso obrigasse o ferro a enterrar-se mais fundo. Com um comprido aguilhão tocava os bois; e a sua voz sonora excitava-os a persistir n'aquelle trabalho violento.

Digitized by Google

E, curvado sobre a rabiça, outro homem ainda, vermelho, suado, latejante de fadiga e de calor, carregando com o peito meio nú sobre a charrua...

E que estalos da terra dura e resequida, abrindo-se, rasgando-se sob o esforço brutal d'aquelle ferro que a feria!

Cada torrão!... Erguia-se um momento e tombava enterrando as plantasitas do restolho e os toros de palha, e mostrando as raizes espatifadas e a terra mais escura e fresca lá do fundo que vinha agora por seu turno, receber o calor esbraseante.

Uma charrua... mais duas juntas... outra charrua... outras duas juntas...

O Paulo contou oito.

Atrás de cada charrua, levantava-se uma nuvemsita de pó.

— Deus a guarde! —

— Tenha V. Ex.ª muito bôas tardes! —

— Salve-a Deus! —

Digitized by Google

Iam dizendo os boieiros ao passar deante da Maria José.

Ella sorria, chamava-os pelos seus nomes, perguntava-lhes pelas familias.

Depois de passarem todos, a tal nuvemsita de pó conservou-se no ar muito tempo; e entre ella via-se um grande bando de alveloas delicadas, airosas, procurando nas leivas revolvidas, os insectos da terra.

E ficou um cheiro a terra, um cheiro forte, acre, que trazia ao pensamento o trabalho doloroso e violento que ella, a Terra, exige para dar em troca, o pão.

— Tia Maria José... — murmurou o Paulo. — Isto é sempre assim? Em toda a parte é assim? Não se póde alqueivar a terra de outro modo? É preciso... é preciso este esforço terrivel?...

E o pobre pequeno olhava para a tia anciosamente como se a sua resposta o podesse aliviar do tormento que lhe pesava no coração...

Digitized by Google

CAPITULO IV

— Pombinhos! Pombinhos!... — chamou a voz clara e musical da Maria José.

E logo um barulho de azas com aquelle silvo especial que os pombos fazem cortando o ar.

Uma nuvem de pombos.

Vinham da cobertura do terraço onde estavam havia que tempos á espera, enfileirados pela borda, em correnteza, de cabecinhas á banda espreitando para baixo, ou catando-se uns aos outros com ternuras infinitas, ou rolando e dando voltas fanfarronas com os papos cheios de vento...

Digitized by Google

Vinham de longe em grandes bandos descrevendo circulos no ar luminoso e puro da manhã...

Vinham desgarrados a um e um, aos pares, aos tres e aos quatro, gulosos e impacientes com um bater de azas precipitado.

Vinham de todos os lados.

Chegavam ás centenas.

— Pombinhos! Pombinhos!...—

Abatiam-se em volta da Maria José, poisavam-lhe nos braços, nos hombros, na cabeça; agarravam-se ao cesto que ella segurava, soffregos, insolentes...

E o milho espalhado aos punhados, cahia sobre elles como uma chuva de oiro.

Como ella era nova e bonita!

— Tia Maria José! — disse do alto da escaria a vozita fresca da Beatriz. — Não dês tudo antes de eu chegar. Espera por mim...—

— Vem devagarinho. Não os assustes.—

Digitized by Google

E a Beatriz desceu devagarinho, atravessou o largo juncado de azas abertas, de pescoços estendidos, de bicos avidos que enguliam o milho como se não comessem havia tres dias.

— Olha como elles poisam em cima de mim! — exclamou a Beatriz radiante. — Que mansinhos! —

— Queres vêr? — disse a Maria José. — Este faz uma habilidade. —

E a Maria José segurou entre os dentes um grão de milho.

Então um grande pombo *mariola* veiu poisar-lhe no hombro e com muito geito foi buscar-lhe á boca o grão de milho.

A Maria José ria como se fosse uma pequena.

— Queres vêr outra habilidade? —

E estendia a mão com alguns bagos de milho.

Levantaram-se do chão dois pombos de leque de pôpinhas brancas.

A Maria José ia afastando o braço e virando até que os obrigou a dar

Digitized by Google

uma volta perfeita em torno de si. Quando finalmente lhe poisaram na mão, agarrou-os contra o peito, cobriu-os de beijos:

— Meus ricos pequeninos! — exclamava ella com immensa ternura.

Quando se acabou o milho, os pombos não se foram logo embora. Deixaram-se ficar alli pelo chão, a rolar, a passear de um lado para o outro, empanturrados, com um ar satisfeito.

E partiam a pouco e pouco, espalhavam-se, dispersavam-se em bandos, em revoadas, subindo no azul do ceu.

— Que linda manhã! — disse a Maria José sentando-se n'um banco de pedra com a Beatriz e concertando o cabello que os pombos tinham despenteado.

O chão ficara todo marcado pelas patinhas dos pombos; era sobre a areia fina e amarella, o desenho de uma renda complicada.

— A esta hora é que apetece estar

Digitized by Google

cá no jardim — declarou a Beatriz.— Ha um fresquinho tão bom! —

— Que horas serão? —

— Ainda não são sete e meia com certeza.—

Por detrás d'ellas o jardineiro andava regando os canteiros. Deixava cahir de alto com a mangueira uma chuvinha fina como poeira de agua.

E as plantas consolavam-se todas.

Havia tantas rosas! E havia um perfume tão suave das *resedas!*

— Olha, tia Maria José, quem vem alli? —

Era um homem do campo de jaleca e chapeu desabado. Seguia-o uma rapariga descalça, com uma saia pelos hombros e um lenço branco atado á roda da testa por debaixo do outro lenço. Tinha mau parecer; via-se que estava doente.

— Bons dias, José Ribeiro, — disse a Maria José — bons dias, Joaquina... Então o que temos? Voltaram as sezões? —

Digitized by Google

O Paulo, que n'este momento sahia de casa, parou junto da tia, interessado na conversa.

—Senhora D. Maria José...— principiou o José Ribeiro—isto é uma desgraça! Esta rapariga não presta para nada. Tenho lá mais duas em casa que é mesmo um louvar a Deus! Não ha serviço que as cance. Mas *isto*... —E apontava com o polegar por cima do hombro para a Joaquina desdenhosamente.

Interrompeu-se um momento e continuou:

—Olhe, minha senhora, o que ella está é mesmo talhadinha para ir para a cidade.—

A rapariga começou a chorar.

—Mas que ideia é essa, José Ribeiro?—respondeu a Maria José—Então você que não é dos mais pobres, em logar de tratar da sua filha, quer mandal-a para a cidade? Você não sabe que a cidade é má para as raparigas do campo? e que não é facil arran-

Digitized by Google

jar-se uma casa onde ellas sejam bem estimadas?—

—Saberá V. Ex.ª que eu trato d'ella o melhor que posso...—

—O melhor que póde! Então porque deixou ir a Joaquina para a ceifa ainda com as sezões?—

—O que se lhe ha-de fazer? A gente é pobre e não póde estar a sustentar uma pessoa que não ganha... Faz logo differença.—

—Você tambem está sempre com essas lamurias; mas no meio de tudo, quem tem terras de pão e de azeite como você...—

O José Ribeiro interrompeu-a:

—Ahi está! Ahi está!... Terras de pão! Que pão, senhora?! A terra não dá nada... No tempo do meu pae que Deus haja bebia-se lá em casa do nosso azeite metade do anno. E agora? Agora?... Louvado seja Deus! O anno passado não durou nem um mez. A terra já não tem força e ninguem quer saber d'ella. Olhe, os meus dois rapa-

Digitized by Google

zes lá foram para caixeiros para a cidade... Aquillo sim senhor! E' logo sapato fino e corrente de prata. E sem canceiras... as mãos brancas que é um regalo! As minhas duas cachopas mais velhas, se eu as deixasse, já para lá tinham abalado ha que tempos. Mas não deixei, que ellas são rijas e cá em casa sempre vão ganhando para a gente. Agora esta...—

A Maria José, contrariada, não o deixou continuar.

—O que quer você, a final?—

O José Ribeiro olhou para ella, hesitou um momento dando voltas ao chapeu entre os dedos. Por fim decidiu-se:

—Se V. Ex.ª soubesse de alguem em Lisbôa que precisasse de uma criada...—

Mas a Maria José respondeu logo, terminantemente:

—Não, José Ribeiro, isso não lhe faço.—

Houve um silencio.

Digitized by Google

A Maria José não estava contente. A sua cara tão alegre havia pouco, tornara-se muito seria, preoccupada.

—Olhe,—disse ella—mande-me a Joaquina cá para casa. O que ella precisa é descanço e comer bem. Depois, veremos, talvez eu a possa émpregar na capoeira, ou no jardim, ou na queijaria... Emfim, vamos a vêr. Mande-m'a para cá amanhã.—

O José Ribeiro estava contente e a Joaquina ainda mais.

—Pois, Deus lhe pague, senhora D. Maria José... E queira desculpar... A gente não entende mais...—

—Está bem, está bem... Vão com Deus!—

Quando elles partiram, a Beatriz foi-se tambem embora, porque era tempo de ir trabalhar com o sr. Viellard.

A Maria José ficou algum tempo immovel e calada, a scismar.

De repente sentiu que lhe pegavam na mão e lh'a beijavam devagarinho.

Digitized by Google

Voltou-se e encontrou os olhos serios do Paulo.

— Minha tia, — murmurou elle — como tu és bôa! —

A Maria José sorriu.

— Minha tia, — continuou o Paulo depois de um momento de silencio — achas que me vou costumar? —

— A quê, meu filho? —

— A vêr tudo isto sem soffrer... esta pobre gente do campo a matar-se de trabalho, sem resultado... esta vida dos pobres, ignorantes, selvagens, infelizes como animaes de carga...—

A Maria José respondeu com vivacidade:

— Mas *é preciso* justamente que não te costumes. *É preciso* pensar em tudo isto. *É a tua obrigação.* O Alvaro trabalha... não pensa n'outra coisa. E eu... Mas eu sou uma pobre mulher. Não sei nada. Não me acodem as ideias justas, efficazes... Tento uma coisa e outra e engano-me sempre. —

Digitized by Google

Houve outro silencio; e depois a Maria José disse gravemente:

—Paulo... serás capaz de me entender?...—

O Paulo sorriu com uma expressão apaixonada de confiança:

—Diz, diz tudo. E' tão bom falar comtigo!—

—Meu pobre pequeno!—continuou ella.—Eu tenho pensado e soffrido como tu. Mas agora tenho uma esperança.... uma esperança enorme... não de que o mundo se transforme de repente. E' impossivel! Mas tenho a esperança de que pelo menos aqui, em volta de nós... para principiar... a terra produza mais e a condição da gente do campo melhore.—

—Qual é essa esperança? Diz, minha tia. Se soubesses como eu te entendo!—

—O meu irmão está alli a chegar... E' na sua intelligencia, na sua bondade, na sua sciencia, na força da sua coragem e da sua mocidade que eu te-

Digitized by Google

nho esperança. Verás. Elle é que vae achar...—

—O tio Manoel!...—repetiu o Paulo devagarinho.

Calaram-se novamente os dois.

O Paulo mal conhecia aquelle tio que sahira de Portugal havia muitos annos.

Lembrava-se vagamente de uma cara magra e seria e de uns grandes olhos escuros e pensativos. Era muito novo e muito intelligente; e lá em casa os paes costumavam apontar-lh'o como exemplo de todas as perfeições.

—Tens razão—murmurou o Paulo afinal.—Deves ter sempre razão. Não sei o que encontro em ti... Descanças a gente... Parece tudo mais facil e melhor quando se está ao teu lado...—

. . . . . .

N'esse dia depois do jantar, o Paulo e o Antonio sahiram a cavallo; e, mais tarde, a Beatriz pediu licença á tia para ir alli acima ao caminho do matto para os ver voltar.

Digitized by Google

O matto estava tão bonito áquella hora! Cheirava tão bem! As urzes, as murtas, as estevas, o tojo, apesar de não terem flôr, viviam com tanta força a sua vida de plantas!

A Beatriz metteu-se pelo matto e deixou o caminho quasi sem dar por isso.

Depois de algum tempo julgou ouvir ao longe o tilintar grave de chocas, no grande silencio...

E o grito do maioral.

—São as vacas bravas.—disse ella comsigo.

E entendeu que era melhor ir-se embora, apesar do Antonio assegurar que as vacas não faziam mal.

Procurou o atalho.

Mas depois de andar um bocado, achou-se n'um pinhal.

—Eu não passei por aqui...—pensou ella.

Ouvia as chocas de momento a momento mais perto e parecia-lhe que as ouvia de todos os lados.

*

Digitized by Google

De repente viu uma vaca alli mesmo, a dois passos.

— E agora? — murmurou a Beatriz perplexa.

Mas não deitou a fugir, nem gritou...

Lembrou-se da Maria José, que lhe dizia tantas vezes: — A primeira coisa a vencer deante de um perigo, é o medo. — E tambem: — A mulher deve ser sempre socegada, serena... —

E procurava com a vista por entre os pinheiros tentando descobrir o maioral, de quem ouvia a voz gritando ás vacas. Parecia-lhe que se o encontrasse estava salva.

Chamou por elle duas vezes.

Afinal viu-o avançar lá do matto com o seu andar vagaroso e pesado.

O homem descobriu-se deante d'ella:

— E o que anda a senhora minha ama pequenina a fazer sósinha por aqui? —

Digitized by Google

A Beatriz respondeu, perguntando anciosamente:

— As vacas marram?—

— Marrar?... Coitadas! O que ellas querem é comer. Mas não ha... não ha nada. Olhe, olhe... nem uma ervita sequer! Andam por aqui, por alli, aos carvalhiços... Não encontram nada... A terra não dá nada. Tudo secco, secco... Marrar!!... Ellas nem podem com a cabeça!...—

— Estarei muito longe de casa, maioral?—

Mas o maioral não respondeu.

— Ah! raça damnada! — exclamou elle.—

E abaixou-se, pegou n'um calháo, arremessou-o com mão certeira a um bezerro que roia lá ao longe o tronco de um chaparro.

— Eh! Carriço!... *Rrraios!* Não tens olhos n'essa cara, alma do diabo!...—

O Carriço, o roupeiro, muito pequenito e esfarrapado, appareceu cor-

Digitized by Google

rendo, de cacete erguido para o bezerro.

O maioral era um homensarrão de grandes barbas brancas. Tinha uma voz de trovão.

Quando se abaixara para agarrar o calháo, a manta escorregara-lhe do hombro e a Beatriz vira que elle não tinha o braço esquerdo.

— Está a olhar para isto, senhora minha ama? — perguntou o homem mostrando-lhe o coto de onde pendia a manga vasia da camisa. — Foi ha tanto tempo que nem já me lembro. Mas não faz mal... Já depois d'isso *acachafundei* dois, lá na serra. —

A Beatriz perguntou, interessada:

— Dois quê? —

— Dois quê?! Dois homens, senhora! —

E acrescentou sorrindo e olhando com ternura para o seu formidavel braço estendido:

— Meu rico braço direito!... Já duas vezes me salvaste a vida! —

Digitized by Google

A Beatriz fitava-o com assombro. Sentia arripios pelas costas de se ver alli só no meio do matto ao pé d'aquelle homem tão selvagem e tão grande. E ao mesmo tempo não era medo o que ella tinha. Percebia que elle não lhe faria mal nem deixaria que ninguem lh'o fizesse.

— Maioral... — disse ella depois de um silencio — Ensine-me o caminho para casa. —

O homem levou-a até um carreiro pela extrema do pinhal.

As vacas levantavam as cabeças, de olhos muito vivos e espantados. Algumas desviavam-se com uns longos mugidos de inquietação, chamando as crias.

— Vê o carreirito acolá? — disse o maioral. — Vá sempre andando a direito. Está aqui está na estrada. Deus a salve! Muito bôas noites... Diga lá ao senhor meu patrão que as vacas não teem que comer... —

— Adeus, maioral. Muito obrigada. —

Digitized by Google

E a Beatriz foi andando sósinha.

Reparou que o sol estava muito baixo e apressou mais o passo.

Ia pensando:

— *Acachafundou* dois!... dois homens!... Isto quererá dizer que matou dois homens?—

Chegou á estrada.

Mas a Beatriz estava com os tios havia pouco tempo e as pessoas habituadas a viver na cidade orientam-se difficilmente no campo.

Não sabia para que lado era preciso voltar.

Achava a estrada igual para a direita e para a esquerda.

Uma fita branca e larga, cheia de poeira, entre pinhaes...

Era quasi sol posto.

— Deixal-o! — pensou ella corajosamente — Vou para um lado qualquer. Na estrada real sempre hei-de encontrar alguem que me ensine. —

Voltou á direita e foi andando.

Agora, sem saber porquê, tinha já

Digitized by Google

a certeza que o maioral matara dois homens, lá na serra.

Mas no fundo do seu coração não sentia por elle repugnancia nem terror.

— Pobre maioral! — repetia ella — Como ha de elle saber as coisas? E' um animal forte, inconsciente, bom talvez... Ninguem lhe ensinou as coisas...—

Que coisas?

A Beatriz não podia explicar. Confundia-se-lhe tudo no pensamento. Mas não sentia repugnancia nem terror pelo maioral.

Não encontrava ninguem.

Um silencio!

Era sol posto.

De vez em quando ouvia uma chilreada de passaros acomodando-se nas arvores para dormir. E dois ou tres morcegos passaram deante d'ella n'um vôo rapido e calado, como sombras.

As sombras cresciam, avançavam lá do fundo dos pinhaes.

E n'aquelle socego, o tal sussurro

Digitized by Google

continuado que lhe fizera impressão na primeira noite e que parecia a respiração abafada do silencio: sss... ss...

A Beatriz parou de repente.

Julgou distinguir um tropel de cavallos, ao longe, na estrada.

E esperou.

Não se enganara. Era o Paulo e o Antonio que voltavam do seu passeio.

Ficaram admirados de a encontrar alli sósinha.

Explicou-lhes que se perdera e que decerto na quinta já deveriam estar inquietos.

Então decidiu-se que o irmão a acompanharia a pé até casa, emquanto o Antonio, levando á arreata o cavallo do Paulo, iria depressa adeante afim de socegar a Maria José e o Alvaro.

D'ahi a um instante o Antonio desapparecia a meio galope na volta da estrada, emquanto os dois irmãos seguiam apressando o passo, porque a noite descia rapidamente.

— Se soubesses, Paulo, — disse a

Digitized by Google

Beatriz — quem eu encontrei lá em cima, no pinhal! —

E contou-lhe a sua aventura com o maioral das vacas. O Paulo ouviu aquillo tudo, calado. A animação que trazia do bom passeio, das galopadas na leziria, desappareceu por encanto.

— Achas que elle matou dois homens, Paulo? — perguntou a Beatriz depois de um silencio.

E como o Paulo não respondesse, acrescentou:

— Se visses como elle dizia aquillo!... Como se fosse uma coisa bem feita. A tia Maria José contou-me que esta pobre gente é tão ignorante! Não sabem nada, nada, nada... —

O Paulo abanou a cabeça:

— Não pensam como nós. Ninguem lhes ensina o que deve ser... São homens, teem uma intelligencia... mas não serve de nada. São como uns animaes no pensar... —

— Coitados! — murmurou a Beatriz.

Digitized by Google

O Paulo continuou:

— E depois, bem vês, aqui sempre nos mattos, e rotos, e sujos, e miseraveis... Ninguem se lembra d'elles...—

Calaram-se ambos, muito serios, preoccupados.

— Paulo... — disse Beatriz d'ahi a uns instantes — achas que ha-de ser sempre assim? —

— Não; — respondeu elle com segurança — porque nós não deixamos.—

— Nós!! — exclamou a Beatriz pasmada.

— Sim, nós. Tu, o Antonio, eu, os outros... que hão-de pensar, remediar essas coisas...—

— Mas como? como?... Não entendo. —

— Não sei. Mas hei-de saber... quando vier o tio Manoel. Verás. O que é preciso é pensar em tudo isso. A tia Maria José diz que é preciso a gente pensar em tudo isso... não esquecer nunca...—

Digitized by Google

CAPITULO V

O Manoel chegou um dia de manhã cedo.

Não annunciara a sua vinda. Quizera fazer uma surpreza. Deixara as malas na estação e viera a pé, pelo atalho, entre os olivaes.

Derrubara as abas do seu chapeu de feltro cinzento por causa do sol; e vinha depressa com a bengala na mão, assobiando baixinho entre os dentes.

— Como o tempo foge — pensava elle — Ha dez annos que parti... Como vejo agora tudo isto com uns olhos differentes! —

O Manoel parou um momento; poz-

Digitized by Google

se a olhar para uma oliveira velha á beira do caminho.

— Que mal podadas estão estas oliveiras! —

A pobre arvore parecia uma vassoura, com os ramos lateraes cortados e toda eriçada de rebentos verticaes.

— Como ha-de isto dar fructo, Santo Deus! — murmurou elle a meia voz.

Depois abaixou-se; examinou o restolho.

— Que trigo! Nem refilhou! —

Mais adeante entrou n'um campo alqueivado.

— Uma desgraça! — exclamou em voz alta — Tudo minado de grama... a terra toda suja... —

Foi andando. Atravessou a ponte. Passou á beira de um luzernal.

— Amarella... enfezada... — disse elle baixinho abanando a cabeça com desgosto. — Cheia de cuscuta... —

A varzea estava sulcada pelas invasões das cheias que a pouco e pouco

Digitized by Google

a estragavam, depositando-lhe areias e calhaus.

—E a varzea toda roida... Que processo de barragem! Ninguem pensa em defender a terra!—

Sentou-se n'um talude. Tirou o chapeu e passou o lenço pela testa.

Viera depressa demais. Estava cançado.

O Manoel era pequenito e magro. Tinha uma barbicha desbotada que acabava em bico; e desde a ponta da barba, a cabeça alargava-se-lhe até á testa como um triangulo.

A testa era linda, illuminada de intellingencia, sulcada entre as sobrancelhas, de uma linha persistente de energia e de força; e os olhos escuros, fundos, muito grandes, muito serios, rodeados de olheiras.

Tinha o cabello claro, leve, ás ondas largas como o da Maria José.

— Meu Deus! — pensava elle — Como isto vae ser difficil! Curar esta pobre terra... dar-lhe sangue novo...

574004
Digitized by Google

Dar-lhe a minha vida toda... E' preciso. Para que os sucos da terra sejam aproveitados, transformados em abundancia e em felicidade...—

. . . . . .

A Beatriz, antes de sahir do quarto de estudo, foi fechar as persianas, porque o sol ia dando volta e começava a entrar pela janella dentro.

— Sr. Viellard — disse ella abrigando a vista com a mão e olhando para a varzea. — Venha cá ver uma coisa...—

O que é? — exclamou o Antonio precipitando-se — Eu tambem quero ver. —

A Beatriz apontava lá para baixo para a ribeira:

— Olha, vês a ponte? Vês o luzernal?...—

— Vejo... Ah! já sei!... E' aquelle homem que alli vem...—

O Paulo, por detrás d'elles, olhava tambem.

— E' um senhor! —

Digitized by Google

Mas o Antonio respondeu logo:

— Qual senhor! Agora um senhor a esta hora alli na varzea! E' o Ricardo que foi á villa e volta de jaleca vestida. —

— Que ideia! — tornou a Beatriz — O Ricardo tão pequenino! —

O Antonio deu-lhe razão:

— Não é o Ricardo, não... Quem será? —

— O Compadre talvez... —

— O Compadre! Onde é que tu vês o guarda pó e o chapeu de sol vermelho?! —

O sr. Viellard levantou-se devagar e veiu tambem á janella.

— Olha! Olha!... — gritou a Beatriz, excitada sem saber porquê — agora atravessa a varzea por cima do restolho! —

— E' para vir mais depressa. — disse o sr. Viellard com socego.

Os pequenos voltaram-se para elle.

O sr. Villard sorria levemente com um ar malicioso.

Digitized by Google

O Antonio disse:

— Talvez seja algum homem que atravessa a quinta para tomar a estrada real, lá adeante.—

— Traz uma bengalinha...— observou a Beatriz. — e jaquetão . . . E' um senhor !—

— Vem para cá! Vem para cá! — gritou o Antonio — Já tomou o caminho da vinha! —

— Vamos ao terraço para o ver chegar !—

E os tres pequenos precipitaram-se para a porta, abriram-n'a com estrondo e sahiram.

O sr. Viellard seguiu-os com o seu vagar.

O Alvaro e a Maria José andavam passeiando no terraço.

—O que é isto? O que succedeu?— perguntou o Alvaro quando viu chegar aquella avalanche dos pequenos.

A Beatriz declarou, toda corada e nervosa:

— Vem lá um homem! —

Digitized by Google

A Maria José sorriu:

— Um homem? Mas o que tem isso de extraordinario? —

— Não é um homem — disse o Antonio — É um senhor.—

O sr. Viellard estava calado como um rato. Limpava cuidadosamente na ponta do lenço as suas lunetas de oiro.

— Já sei! — exclamou o Alvaro. — É o barbeiro que eu mandei vir hoje para me cortar o cabello. —

Foi um desapontamento.

Os pequenos ficaram tristes. Estavam tão enthusiasmados com a sua descoberta mysteriosa!

Mas o sr. Viellard perguntou:

— O barbeiro vem da villa, não é verdade? —

O Antonio deu dois saltos:

— Vê? Vê? — gritou elle triumphantemente — E o tal senhor não vem da villa; vinha pelo atalho da estação! —

— Então não é o barbeiro! — concluiu a Beatriz radiante.

*

Digitized by Google

— Quem será? . . . —

O sr. Viellard guardara o lenço na algibeira e puzera sobre o nariz as suas lunetas de oiro. Agora examinava as unhas com attenção.

— Não é o barbeiro — murmurou elle com um sorriso entendido.

O Paulo apontou para o fundo da avenida:

— Lá vem elle! —

Via-se lá muito ao longe uma figura que avançava procurando a sombra das arvores.

— Vê que é um senhor? — disse a Beatriz.

A Maria José estava nervosa:

— Quem poderá ser?! . . . —

O Alvaro approximara-se da balaustrada. Abrigava os olhos com a mão.

De repente a Maria José mudou de côr.

— Meu Deus! . . . — murmurou ella.

E tapando a cara, repetia:

— Não póde ser. . . não póde ser. . . Não quero olhar mais! —

Digitized by Google

O Alvaro afastou-lhe com geito as mãos da cara:

— Olha... Pódes olhar... Parece-me que não te enganas. —

O homem, pela avenida abaixo, avançava depressa. Cada vez mais depressa.

Viu a gente que estava no terraço e parou. Tirou o chapeu, acenou com elle e desatou a correr como um pequeno.

— Manoel! Manoel! Manoel!... — repetia a Maria José sem saber o que dizia, cahindo nos braços do irmão.

Quasi o matavam com abraços e beijos.

Lá em cima, no terraço, o sr. Viellard, que o esperava sorrindo com satisfação, deu-lhe um demorado e affectuoso *shake-hands:*

— Não diga mal das minhas lunetas; conheci-o quando ainda vinha na varzea. —

Os pequenos indignaram-se:

— Feio, sr. Viellard! —

Digitized by Google

— Porque não disse logo? —

— Elle que vinha sem ter prevenido — respondeu o sr. Viellard — é porque desejava fazer surpreza. Não havia eu de o trahir. —

— Queres vir ao teu quarto, Manoel? — perguntou a Maria José.

— Deixa-me descançar aqui um bocadinho. Sentil-os bem a todos... —

Installaram-se para conversar.

Mas a alegria trasbordava dos corações. Não havia socego possivel.

Falavam todos a um tempo.

O pobre Manoel não sabia para que lado havia de se virar nem a quem devia responder.

— Quem me diria — exclamou o sr. Viellard — quando em Paris eu o ajudava a preparar-se para o exame da Sorbonne, que haviamos de nos encontrar seis annos depois, no Ribatejo! —

— Que voltas dá o mundo! —

O Alvaro perguntou:

Digitized by Google

— Ha quantos annos não vinhas tu aqui? —

— Deixa ver... Ha dez. Ha dez! Parece impossivel! Das poucas vezes que vim a Portugal, não passava de Lisbôa.—

— O' tio Manoel,— disse o Antonio — mas tu que tanto gostas dos nossos campos, como pudeste passar tanto tempo sem vir matar saudades? —

O Manoel sorriu:

— E' que eu tinha posto na minha ideia que não os tornaria a ver senão quando me achasse com forças de os poder curar... —

— Cural-os de quê? —

— Dos males de que tanto soffrem... E' muito complicado para explicar agora. —

O Paulo e a Maria José trocaram um olhar radiante.

O Manoel voltou-se para o Alvaro:

— Como tu tens trabalhado! Não imaginas com que prazer e com que orgulho tenho seguido pelos jornaes a

Digitized by Google

tua assidua e corajosa campanha de reformador. —

O Alvaro sorriu com uma expressão de grande bondade:

— Não tens que me admirar. Temos ambos o mesmo ideal; e o teu caminho é mais espinhoso. Eu falo e escrevo e dou a minha alma toda. Mas tu és o trabalhador da terra de onde nasce a verdadeira força, a verdadeira saude, a grande esperança do homem cançado e enfraquecido... —

O Manoel pôz-se a rir.

— A proposito de terra... — disse elle — tu sempre tens a tua muito mal tratada! —

— Tanto melhor; — respondeu o Alvaro. — a tua gloria será maior quando a fizeres florescer. —

— Que curso tens tu? — perguntou o Paulo de repente.

— Queres medir o meu saber? dois annos do Polytechnicum de Zurich, dois annos de sciencias naturaes na Sorbonne, em Paris; o curso de enge-

Digitized by Google

nheiro agronomo, diplomado pela escola de Gembloux, na Belgica, dois annos de estudos livres pelo sul da França, pela Italia, pelo norte de Africa. Estás satisfeito? —

O Paulo córou.

— Estou... — respondeu elle envergonhado — Queria saber tanto como tu. —

Depois do almoço chegaram as malas do Manoel.

Os pequenos pediram para não ter mais lições n'aquelle dia.

Installaram-se no quarto do tio emquanto elle desmanchava as malas.

— Que fatos tão esquisitos, tio Manoel! —

— São fatos de viagem. Muito commodos. Vês estes brancos? Eram para eu andar no campo lá em Africa. Estes calções são de montar a cavallo. —

— Gostas muito de andar a cavallo? — perguntou o Antonio com enthusiasmo.

— Não desgosto. Um homem que

Digitized by Google

segue a minha carreira precisa de saber montar, aguentar muitas horas a cavallo... —

A Beatriz interrompeu-o:

— O' tio Manoel, o que é isto? Uma caraça?! —

— São uns oculos de arame para automovel. —

O Antonio ficou maravilhado.

— Tens um automovel?! —

— Não tenho nenhum meu. Mas lá na Italia e no sul da França aluguei um para as minhas excursões de estudo. —

— E sabes guial-o? —

O Manoel sorria:

— Parece-me que sim. —

O Paulo, que remexia no fundo de uma das malas, exclamou:

— E estas blusas cheias de nodoas? O' tio Manoel, que blusas!! —

— Isso é o meu fato de machinista. —

O Manoel estava muito divertido.

— Tu és machinista? — perguntou o Antonio, pasmado.

Digitized by Google

— Tonto! Não sou machinista. Mas bem vês, para a minha vida preciso entender de machinas. Nunca viram uma locomovel? Um grande bicho de ferro que faz mover as debulhadoras do trigo poupando o trabalho dos homens... —

— Como deve ser bonito! — murmurou o Paulo.

E os olhos brilhavam-lhe como dois luzeiros.

O Manoel continuou:

— E charruas-automoveis que vão pela terra fóra alqueivando sósinhas, sem o esforço que faz soffrer; e as prensas para o azeite e para o vinho, e bombas, e ceifeiras mecanicas que vão ceifando n'uma hora sem cançaço o que de outro modo custaria a fadiga de tantos braços... Eu aprendi a trabalhar com todas essas coisas e, para aprender bem, tinha de lidar com ellas. E era preciso este fato especial de operario que apanhava estas nodoas que não se tiram mais... —

Digitized by Google

O Antonio chamou por elle:

— Acode cá, tio Manoel. Ha aqui uma trapalhada que não sahe. Está entalada debaixo da roupa. —

— Isto é uma lanterna de projecções; — explicou o Manoel — vamos fazel-a trabalhar esta noite. —

E voltando-se para o Paulo, accrescentou:

— Tu, que seguirás a minha carreira e que és um estudioso, verás como gostas... —

. . . . . .

E á noite, o Manoel, apesar de cançado, não se quiz ir deitar sem fazer trabalhar, como promettera, a lanterna de projecções.

Lá em baixo havia uma arrecadação grande, que tinha ao fundo uma parede inteira sem portas nem janellas e toda caiada de branco.

Apagaram as luzes e o Manoel installou-se com a lanterna.

D'ahi a um instante viu-se um grande circulo de claridade na parede bran-

Digitized by Google

ca e appareceu uma eira rodeada de medas de trigo e de montes de moinha.

Viam-se as eguas a puxar os trilhos e os homens a remexer a palha.

O Paulo pensou no calor da eira, nos aparelhos defeituosos que feriam os animaes, no cançaço dos eirantes escaldados pelo sol esbrazeante.

E de repente sumiu-se aquella eira e surgiu uma outra onde trabalhava uma grande debulhadora a vapor. A locomovel atirava pelo ar fóra o seu penacho de fumo e os trabalhadores alimentavam a debulhadora deitando-lhe sem cessar os molhos de trigo.

E o trigo já limpo erguia-se em montes enormes a um lado da eira emquanto do outro lado a enfardadora, ligada tambem á locomovel, levantava ao céo o seu braço possante. E os fardos de palha comprimida eram logo carregados e levados em carros.

— Eh! rapazes! — gritou o Antonio aos moços de lavoura que ali estavam tambem a ver, de boca aberta.

Digitized by Google

— Com estes ajudantes ri-se a gente da calmaria. No dia em que isto lidar lá em cima, podem vocês dançar o fandango na eira vasia ao sol posto! —

Os moços desataram a rir.

Mas a eira fôra já substituida por um alqueive como o Paulo vira n'aquelle dia... As duas juntas todas curvadas no esforço brutal, e o homem debruçado, carregando com o peito offegante sobre a charrua que tanto custava a fazer rasgar a terra...

E logo aquelle alqueive se apagou para dar logar a um grande campo de restolho onde passavam charruas-automoveis, guiadas por homens commodamente sentados, e deixando atrás de si uns sulcos negros e fundos.

— Como é bonito!... — repetia o Paulo extasiado.

E procurando na escuridão a mão da Maria José, murmurou baixinho, tremulo de enthusiasmo:

— Tu bem dizias... Tu bem dizias... —

Digitized by Google

CAPITULO VI

— Como eu gosto d'isto! — disse a Maria José estendendo-se no chão e cruzando as mãos por detrás da cabeça.

— Quando me deito assim de costas n'este campo, n'este silencio, parece-me que todo o azul do ceu me entra pelos olhos. A terra está ainda quente do sol. Vem d'ella um calor como se fosse um corpo vivo. Como a gente se affeiçôa ás coisas! Tenho uma ternura por isto!... Pobre terra, tão minha, que me viu crescer... Apetece-me beijal-a...—

O Manoel sentara-se no chão pedregoso e resequido ao lado da irmã.

Digitized by Google

Abraçara os joelhos com as mãos cruzadas.

— Mal empregada terra!... — murmurou elle. — Tanta terra perdida! —

E ficou a olhar com tristeza para aquelle campo enorme, ondulado de collinas baixas, coberto de matto roçado. Estendia-se por ali fóra sem fim; e a linha do horizonte recortava uma grande serra, muito, muito ao longe, esfumada de um azul cinzento e sobre a qual vinha empallidecendo o azul do ceu.

Por detrás dos dois irmãos, a distancia, erguia-se o sobral, onde o vento passava com um barulho dôce.

O Manoel continuou:

— Uma terra sem agua e sem sombras, coberta de calhao, onde não nasce uma herva bôa. Além, só alimenta as raizes seccas e quasi immortaes dos sobreiros; e por ahi fóra, a perder de vista, as raizes pequeninas e asperas do matto onde não se mistura uma relva!...—

Digitized by Google

— Não digas mal dos sobreiros... — disse a Maria José sorrindo. — sempre dão alguma coisa... Não digas tanto mal da terra que os produz! —

— Alguma coisa! — exclamou o Manoel. — Uma arvore que leva vinte e trinta annos a fazer-se, que estende as suas raizes e os seus ramos sobre superficies enormes para afinal produzir uma cortiça que póde deixar de ter valor de um momento para o outro... Não! Eu queria metter uma charrua desde o principio do sobral até á ultima collina d'este descampado; revolver esta charneca, limpal-a do calhao e das ervas más; semeal-a de pão, de bom pão... queria plantar-lhe vinha, olivaes... trabalhal-a, acordal-a d'este somno improductivo e vergonhoso, d'esta miseria deprimente... fazel-a florescer, produzir, viver emfim uma vida saudavel de abundancia, de fecundidade, para maior fortuna e alegria dos que hoje passam sobre a terra sem vêr os filões de oiro que se

Digitized by Google

escondem entre os calhaos e o matto...—

A Maria José conservava-se immovel, com os olhos cerrados mas cheios da claridade que descia do ceu e lhe atravessava as palpebras; sorria devagarinho com uma expressão de paz e de confiança.

— Talvez seja um sonho... — murmurou ella — mas é bom ouvir-te falar.—

— Um sonho? — repetiu o Manoel — Porquê? Eu não sou um visionario nêm um poeta. Só a verdade me encanta e só tenho fé na felicidade sã e vigorosa que nasce do nosso proprio esforço. Sou um apaixonado da terra, um apaixonado ardente mas sem illusões; conheço-a bem, sei o que se póde esperar d'ella...—

E acrescentou depois de um silencio, gravemente:

— A salvação! —

— Amen... — disse a Maria José, sorrindo.

Digitized by Google

— Verás... — continuou elle. — Tive uma conversa muito séria com o Alvaro. Elle está cheio de confiança como eu e fia-se em mim. Não se importa de gastar. Sabe que o dinheiro lançado á terra com intelligencia germina e se reproduz como o trigo n'um solo rico... Ha tanto que fazer! Estou cheio de coragem... Que lindo trabalho quando se tem deante de si um mundo para conquistar! Verás... —

— Tio Manoel! Tio Manoel!... — gritou lá de longe a voz alegre do Antonio que vinha correndo para elles de mão dada com a Beatriz.

— O que é lá? O que temos?... — perguntou o Manoel.

O Antonio e a Beatriz chegaram esfalfados e atiraram para o collo da Maria José com uma gaiola cheia de grilos.

— Não imaginas, minha mãe! — disse o Antonio. — Tem sido uma caçada real. Já temos tudo isso e a outra gaiola está quasi meia. —

*

Digitized by Google

A Maria José sentou-se, interessada:

— Deixa vêr... deixa vêr... Oh! que bello cantor deve ser este! E' para mim. Dão-m'o? —

— Esse foi o Antonio que apanhou —declarou a Beatriz—Parecia um leão quando sahiu da toca. Vinha furioso. Parou á entrada a olhar para um lado e para o outro á procura do inimigo...—

— O inimigo era eu — acrescentou o Antonio, rindo. — Coitado! Perdeu logo a cabeça... apanhei-o n'um instante. Mas não t'o posso dar, minha mãe; já o dei á Beatriz. Tem paciencia. Eu arranjo outro egual. —

Mas a Beatriz acudiu logo:

— Não te desconsoles, tia Maria José... Eu dou-t'o. Guardo para mim aquelle mais pequenito e muito esperto que tambem deve ser bom... —

Entretanto o Manoel examinava os grilos.

— Mas a maior parte d'estes não presta! —exclamou elle.

Digitized by Google

— São quasi todos femeas. Isto não canta...—

Os pequenos debruçaram-se por cima d'elle.

— Como é que tu percebes?—

— Olha bem... os que teem tres rabinhos... vês? como aquelle que está agarrado ás grades... vês? são femeas. Esses deitam-se fóra; não vale a pena guardal-os. —

— Então vamos soltal-os... —

— Não, Beatriz, espera... — acudiu o Antonio. — Podem fugir os outros tambem... —

— Não fogem. Faz-se com geito... Queres vêr? —

E a Beatriz puxou para cima um dos arames. Pela abertura sahiu logo um dos prisioneiros; depois outro; depois outro...

— Este é bom! — gritou o Antonio muito excitado. — Agarra! Agarra!...—

Emquanto queria apanhar aquelle, escaparam-se mais dois.

Digitized by Google

— Acode, tia Maria José... — dizia a Beatriz toda afflicta. — vão fugir todos... —

O Manoel interveiu:

— Dá cá a gaiola. Eu arranjo isso. Dá attenção, Beatriz; puxa o arame, e quando eu disser, sem te atrapalhares, torna a empurrar. Vá! —

Começou a operação a serio.

As quatro cabeças muito juntas e muito interessadas seguiam os movimentos dos grilos.

O Manoel commandava:

— Lá vae uma grila... Deixa ir. Bom. Outra... Fecha agora que é um grilo!... Abre outra vez. Lá vae outra grila... Fecha, fecha depressa que ahi vem o grande a querer sahir! Bom. Abre outra vez... —

E com a ponta de um junco ia guiando os prisioneiros.

— Prompto! — disse elle afinal.

Na gaiola tinham ficado só quatro grilos.

— Só quatro! — exclamou o Anto-

Digitized by Google

nio desolado, emquanto as grilas, contentissimas, se escapavam a toda a pressa correndo e saltando pela saia da Maria José e escondendo-se entre as pedras e o matto raso.

A Beatriz consolava-se, dizendo:

— E' melhor assim. Agora temos a certeza que estes vão cantar. —

— E o Paulo? — perguntou a Maria José — O que fizeram vocês do Paulo? —

— Ficou lá a caçar mais. Tem um geitão! Elle é que apanhou quasi todos. Parece que não fez outra coisa toda a vida. —

A Maria José e o Manoel pozeram-se a rir do enthusiasmo do Antonio, emquanto elle e a prima se affastavam correndo, na direcção de um vulto pequenino que mal se via lá ao longe no meio d'aquelle deserto, estendido ao comprido, de barriga para baixo.

Quando ouviu os passos precipitados do Antonio e da Beatriz, o Paulo, sem dizer uma palavra, levantou o

Digitized by Google

braço com a mão estendida a recommendar-lhes que não fizessem barulho.

Acabara de introduzir na toca de um grilo, a palhinha comprida que agitava lá dentro para o obrigar a sahir.

Mas a recommendação foi tardia.

O grilo (um grilo enorme e lustroso com uma cabeçorra formidavel) sahira como um toiro; surgira á entrada da tóca a sua cabeça lustrosa e dura como o capacete de ferro de um guerreiro antigo, a pescoceira rajada de amarello, os grandes elyctros reluzentes, as pernas musculosas, avermelhadas... Que explendido grilo!

O Paulo estava encantado.

Não apparecera em toda a tarde nenhum tão forte e tão bonito.

Mas antes do corpo sahir completamente, a carreira do Antonio e da Beatriz estremeceu a terra. Ouviram-se calhaos rolando, a areia a estalar, as vozes dos dois...

O grilo parou um segundo, attento,

Digitized by Google

e logo, com a rapidez do relampago, recuou e sumiu-se na escuridão do buraco.—

— Mal empregado! — exclamou o Paulo com despeito — Nunca vi nenhum mais lindo em dias de minha vida! —

E atirou fóra a palha; levantou-se com mau humor.

— Tambem vocês não podiam vir mais devagar? — resmungava elle.

— O que foi? —

— Não era um grilo; — respondeu o Paulo — era um toiro! Aquillo, se cantasse na cozinha, ouvia-se até ás aguas-furtadas. Mal empregado! —

E o Paulo contou a aventura.

— Deixa experimentar outra vez... — disse o Antonio cheio de boa vontade, pegando na palha e deitando-se ao comprido.

Mas o Paulo abanava a cabeça com um ar entendido:

— Não. Agora acabou-se. Eu já os conheço. Em estando desconfiados,

Digitized by Google

amuam e não ha nada que os obrigue a sahir.—

O Antonio não desistia. Procurava qualquer coisa entre o matto.

De repente exclamou:

— Cá está o furão! —

Era uma formiga preta, muito grande e viva, de pernas compridas, com um ar desmanchado e louco de cavalona...

Agarrou-lhe com geito, metteu-a na toca do grilo.

Ao principio a formiga não queria, ou não percebia... recuava, voltava para trás com impeto, desnorteada. Afinal entrou.

— Esperem agora... — dizia o Antonio.

— Mas para que serve isso? — perguntou a Beatriz.

Antes do Antonio responder, o grilo sahiu como um furacão, de cabeça perdida, doido de terror, com a formiga filada a uma perna.

— Vês? Vês? — exclamava o An-

Digitized by Google

tonio triumphantemente, emquanto o Paulo agarrava o grilo. — Quando elles estão teimosos, larga-se-lhes o furão...—

E o Antonio ria ás gargalhadas.

Entretanto vinham avançando devagar do lado do sobral, dois cavalleiros.

Ouvindo as patas dos cavallos, a Maria José e o Manoel voltaram-se.

Montando um grande frisão todo negro, o Alvaro, com as suas polainas á ingleza e o seu jaquetão curto.

Que lindo cavallo! As crinas ondeadas, agitavam-se como uma comprida cabelleira, á medida que o animal curvava a cabeça, mascando o freio, todo na mão, enfeitando-se n'um jogo exagerado e presumido do quarto deanteiro.

Atrás do Alvaro, o feitor, o Dionisio, n'uma *faca* da leziria, nervosa, inquieta, a boca dura, o focinho erguido; a almatrixa rangia a cada solavanco do passo levantado, as pontas da pelle de carneiro batiam-lhe os flancos; os

Digitized by Google

sapatos cardados do homem traquinavam nos estribos de pau e o cacete entalava-se firme, debaixo da coxa.

—Como o Alvaro fica bem a cavallo! — disse a Maria José erguendo-se e pondo-se de joelhos para o vêr melhor.

E ria, desvanecida:

—Tem um ar imponente! —

—Parece um rei mago, — observou o Manoel.

—Ora vivam, meus senhores! — exclamou o Alvaro com bom humor approximando-se e tirando o chapeu n'um cumprimento exagerado que deixou a descoberto a grande juba do seu cabello grisalho.

—Seja Vossa Magestade muito bem vinda! — respondeu o Manoel.

—Não te vás embora! — implorou a Maria José — Fica um bocado comnosco! —

O Alvaro hesitou:

—Isso é tentador como a fortuna. Mas que hei-de fazer ao Girondino?

Digitized by Google

Não o posso entregar ao Dionisio porque este maroto não dá arreata. —

E curvando-se, o Alvaro affagava a enorme pescoceira lustrosa do frisão.

O Manoel teve uma ideia:

— Talvez o Antonio o queira levar para casa. Elle gosta immenso de montar esse elephante. —

— Mas onde está o Antonio? — perguntou o Alvaro.

A Maria José pôz-se de pé e procurou com a vista sobre o descampado.

— Lá veem elles... Acabaram a sua caçada. Teem andado aos grilos. Vês? Acolá uns vultos pequenitos... —

— Mas elles não veem sós. Vejo tambem uns homens... —

— São alguns trabalhadores que recolhem, provavelmente, e seguem o mesmo caminho. —

Mas o Alvaro abanou a cabeça, contrariado.

— Não, não... E adivinho o que é Ha uns dias que sou perseguido por gente que me pede trabalho. E não

Digitized by Google

tenho que lhes dar a fazer. Essa recusa a que sou obrigado desgosta-me, atormenta-me como um remorso. Sinto que, possuidor de tanta terra inculta, não tenho o direito de negar trabalho a quem m'o pede. E' uma tortura. —

Os pequenos reconheceram o Alvaro e precipitaram o passo para chegar mais depressa.

O frisão impacientava-se. Fazia uma grande traquinada com o freio. Tinha a boca cheia de espuma. Raspava a terra dura e sonora. Os calhaos rolavam.

— Boas tardes, pae! — gritou o Antonio — Como eu gosto de te vêr a cavallo! Boas tardes, Girondino... Apre! como estás presumido!... Pae! apanhámos tantos grilos! —

O Alvaro sorria.

— Queres tu montar o Girondino e leval-o para casa? —

O Antonio pôz logo no chão a

Digitized by Google

gaiola dos grilos, abotoou o casaco, enterrou mais o chapeu na cabeça.

— Prompto! —

Alvaro apeou-se devagar, emquanto o Antonio segurava o cavallo pelo bridão.

— Venha cá, Dionisio. — disse o Antonio ao feitor que se conservava a distancia respeitosa, de pé, com a redea do seu cavallo enfiada no braço — Segure-me o Girondino um instantinho emquanto eu encurto os estribos. —

E apenas o Dionisio deitou mão á redea do Girondino, o Antonio em bicos de pés, tratou de encurtar os loros, segurando com a cabeça a aba do selim.

— Pae, agora ajuda-me. O Girondino é muito alto. —

O Alvaro ergueu-o um pouco; assim que o pé tocou no estribo, de um salto firme o rapaz cahiu perfeitamente senhor de si sobre o selim.

— Adeus... Adeus... Venha, Dionisio! —

Digitized by Google

E apanhando as redeas, muito pequenino em cima do grande frisão, fel-o rodar sobre as pernas e partiu a meio galope.

Entretanto os trabalhadores tinham chegado e, desbarretados, esperavam a occasião de falar ao Alvaro.

A Beatriz e o Paulo mostravam com enthusiasmo os grilos á Maria José.

—Vês? N'esta gaiola parece-me que temos só tres grilas.—

O Alvaro voltou-se para os homens:

—Vocês querem falar commigo?—

Avançou um velho alto e magro com uma gadanha ás costas.

—Saberá V. Ex.ª que a gente vinha perguntar se nos poderia dar trabalho para a semana.—

—São gadanheiros?—

—Sim, senhor. A gente vem lá de longe, da nossa terra... Disseram-nos que para estes sitios havia poucos gadanheiros e que pagariam bem. Ao principio tivemos que fazer; mas

Digitized by Google

quando acabou o verde começaram todos a abanar-nos a cabeça. Se V. Ex.ª quizesse dar-nos serviço...—

— Tenham paciencia — respondeu o Alvaro contrariado — Já recusei a uns poucos... Não tenho nada. As ceifas vão quasi no fim...—

O homem insistiu:

— Veja o senhor... se quizer a gente pega n'uma enxada e deixa a gadanha. Se tivesse um mattito para roçar, qualquer coisa... A gente não se envergonha de pegar n'uma enxada.—

— E' impossivel. Não ha que fazer. Isto é uma epoca morta. Tenho tanta pena como vocês...—

— Paciencia! — respondeu o homem. — Ficará para outra vez. Queira desculpar. Coitado de quem trabalha na terra!—

Enfiou o barrete, pôz a gadanha ao hombro e partiu com os companheiros, devagar, pelo descampado fóra. Ninguem falava.

Digitized by Google

O ruido vago dos ralos e dos grilos alastrava-se no silencio.

Havia muita doçura na côr cinzenta que ia cobrindo tudo á medida que a noite descia. E as sombras dividiam-se e espalhavam-se esfumando as cabeças dos pinheiros ao longe, deitando grandes borrões sobre os macissos de sobreiros, estendendo-se como um manto de velludo sobre a nudez da charneca solitaria e triste.

Viu-se de repente a lua por cima da serra, lá muito, muito afastada.

Um quarto de lua com uma estrella grande e brilhante ao lado.

Parecia uma divindade dominando aquella vastidão da terra de onde subia o silencio e a immobilidade da charneca desolada e esteril.

— Que belleza de tarde! — murmurou o Alvaro — Ha occasiões em que sinto a grandeza e a força da natureza como se a minha alma se fundisse n'ella... Manoel! —

O Manoel não respondeu.

Digitized by Google

Os seus grandes olhos fitavam sobre a immensidade da charneca, os homens que se afastavam uns atrás dos outros, com as gadanhas altas recortando no ar a curva da sua comprida lamina dentada, como a foice com que se representa a figura da morte.

A Maria José olhava-o anciosamente.

A ideia da morte surgia tambem da terra nua, de toda aquella terra abandonada, resequida, inutil...

E a Maria José via no seu coração, através da terra inculta, a miseria da gente do campo, os braços fortes sem trabalho; e envolvia na mesma tristeza, na mesma angustia, a terra innocente que não dá porque não a fazem dar, e a dôr, o desalento dos que dizem com o gadanheiro:

— Coitado de quem trabalha na terra!... —

— Tio Manoel... — murmurou o Paulo — E agora?... O que se ha-de fazer agora?... —

*

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO VII

Uma vez quando estavam todos sentados no terraço a gozar o fresco, á noite, depois de um dia esbrazeante, o compadre (que aparecera ás Avé Marias), disse com desdem, apontando para a gaiola dos grilos que o Antonio pendurara alli, na parede da casa:

—Grilos!... Ora digam-me se caçar grilos é divertimento para pequenos de treze e quatorze annos!!—

O Antonio, offendido, respondeu com importancia:

—Ha muito bôa gente que anda á caça de grilos!—

O compadre concertou-se na cadeira e tomou uma pitada, divertido:

Digitized by Google

— Que *boa gente,* não me dirás? Eu nunca vi andar aos grilos senão garotitos de cinco annos. —

— Pois fique sabendo, Compadre, que a mãe e o tio Manoel andaram hoje comnosco na charneca! —

— Ora!... Isso era para lhes dar prazer a vocês... —

Todos riam mas o Antonio principiava a zangar-se:

— Qual! Se os visse... Andavam ambos enthusiasmadissimos. —

— Máo, máo... — disse o Manoel — o Antonio não é bahú de ninguem. Vês, Maria José, como elle nos põe a calva á mostra? —

Os risos redobraram.

Estava-se tão bem alli no terraço!

As trepadeiras subiam pelas columnas e agarravam-se aos beiraes do telhado.

Lá de baixo, do jardim, vinha um perfume leve a rosas e á terra humida, regada de fresco.

O ceu, todo limpo e semeado de es-

Digitized by Google

trellas, era como um campo enorme onde um mysterioso lavrador tivesse espalhado um trigo miudinho e doirado...

A lua estava no quarto crescente e confundindo a sua claridade com uns restos já muito fracos do crepusculo da tarde, estendia sobre os campos uma luz vaga que alongava as perspectivas e recuava o horizonte para muito, muito longe...

Lá no fim do pinhal via-se uma luzinha a brilhar, perdida n'aquella solidão immensa e n'aquelle silencio dos campos adormecidos.

N'aquelle silencio tão bom, tão repousante, apenas interrompido pelo piar muito claro de um noitibó e pelos gemidos intermittentes da nóra, lá em baixo, na margem da ribeira...

E na meia luz turva e indecisa viam-se as curvas dôces da ribeira serpenteando pelo meio da varzea, marcada pela linha dos choupos altos e das faias que pareciam negros entre

Digitized by Google

o cinzento esbranquiçado dos restolhos.

O sr. Viellard tinha ao seu lado um copo de laranjada que de vez em quando sorvia, aos gollinhos curtos, com um prazer de guloso.

E alli no poial estava um cesto de morangos que uma rapariga do serviço trouxera da horta á noitinha e que o creado ainda não levara para dentro.

Vinha um perfume, d'aquelle cesto!

— Então, compadre, — insistiu o Antonio,— vê como se calou? Agora já não é capaz de dizer que andar aos grilos é só para garotitos. . .—

O compadre levou tempo a responder; acabara de tomar uma pitada monstruosa.

— Eu te digo. . . — resmungou elle afinal — talvez seja por eu não entender. . . Lá essa coisa de caçar grilos nunca me divertiu. O que é divertido é caçar passaros.—

Os pequenos indignaram-se; a Beatriz sobretudo:

Digitized by Google

— Feio compadre! Não vê que é cruel matar os pobresinhos que depois não servem para nada?... —

O compadre começou a tomar calor:

— Qual matar! Quem fala em matar? Então os meus pintasilgos, os meus rouxinoes, estão mortos? Pois fui eu, eu, que os cacei! —

Os pequenos chegaram as cadeiras mais para perto.

— Foi o compadre?! —

— Pudera! Quem havia de ser? Com visgo, com alçapões, com trinta manhas de que tenho o segredo. —

— Conte lá, conte lá, Compadre... —

— Não conto nada — respondeu o Compadre com malicia — Vocês divertem-se bastante com os grilos da charneca. *Ha muito bôa gente que anda aos grilos*. Não precisam saber cá dos meus feitiços. —

— Não seja máo, Compadre! — imploraram os pequenos.

Mas por muito que lhe pedissem, o Compadre não disse mais nada.

Digitized by Google

Afinal, depois de muito rogado, debruçou-se de repente na cadeira e perguntou:

— Querem vocês vir amanhã commigo caçar taralhões? —

. . . . . .

O Compadre dissera que o melhor sitio seria na margem do rio, n'um certo logar que elle já conhecia.

A manhã estava lindissima.

Appeiaram-se da *charrette* na estrada e seguiram a pé na direcção do rio atravessando um grande campo de milho já esfolhado.

— Quem tem os remos? — perguntou o Manoel.

O Manoel tambem ia com elles. Tinha que fazer da banda de lá do rio e aproveitara aquella companhia.

Combinara-se que apenas elle acabasse de tratar dos seus negocios voltaria ter com os caçadores.

Levavam n'um cesto um almoço frio que assim comeriam juntos; e seria muito divertido.

Digitized by Google

O Thermidor acompanhara a *charrette* com desagrado do Compadre que declarou logo impossivel a caçada com aquelle companheiro. Mas o Manoel socegou-o dizendo que o levaria comsigo.

— Quem tem os remos é o Zé Carvalho — respondeu o Antonio — o dono d'aquella fazendita, acolá...—

— Vamos depressa — disse o Manoel — Já não é cedo e tenho ainda muito que andar. —

O sol já nascera e subia no ceu todo limpo e azul, doirando os campos.

As ervas, no carreirito que seguiam agora á beira do rio, abrigadas pela sombra pesada dos chorões, ainda se conservavam salpicadas de orvalho.

Não havia a mais leve aragem. E parecia que a terra toda acordava e estendia para a luz brilhante do sol as plantas repousadas e frescas da noite.

— Lá vem o Zé Carvalho! —

E o compadre apontava para um trabalhador que se dirigia para a tal

Digitized by Google

fazenda, cortando a ceara de milho, em mangas de camisa e de enxada ao hombro.

— Eh! Zé Carvalho! Eh!... — gritou o Antonio fazendo um porta-voz com as duas mãos.

O homem parou, viu-os e approximou-se, desbarretado.

— Põe o barrete, homem, põe o barrete... Vimos pedir-te os remos do barco. —

— Tenham Vossas Ex.as muito bons dias — disse o Zé Carvalho. — Façam favor de vir na minha companhia. —

Então foram andando todos juntos.

O Zé Carvalho era um homem ainda novo mas alcachinado, com um ar gasto e cançado, um olhar amortecido e indifferente.

— Então como vae a terra? — perguntou o Compadre — Da ultima vez que te falei não parecias satisfeito. —

O homem encolheu os hombros:

— A terra? Olhe para ella... —

E apontava para a fazendita que

Digitized by Google

agora atravessavam: um milho amarello e doente, uns hortos esguios espetados no chão mal regado e coberto de grama...

— Nem já me importo; — concluiu elle — Para quê? De que serve a gente matar-se de trabalho? Pedi um dinheirito emprestado para plantar uma vinha; coisa pouca... Mas no fim de algum tempo, os juros eram tantos!... Nem vale a pena falar n'isso! Está tudo empenhado, tudo perdido... Tudo isto junto não chega para as dividas... —

E o Zé Carvalho apontava novamente para a *sua terra* e apesar das palavras com que se illudia, lia-se-lhe no olhar desalentado e inconsolavel toda a paixão de a perder, áquella pobre terra á qual sacrificara tanto.

— Um d'estes dias entra-me a justiça em casa — continuava elle, embalado pela sua propria voz, sem poder falar de outra coisa, obsecado pela ideia fixa d'aquella terra *que era sua*

Digitized by Google

e que lhe iam tirar. — e eu nem terei um telheiro onde abrigar os filhos da chuva, louvado seja Deus, nem um talo de couve para lhes enganar a fome!... —

Ninguem disse mais nada.

O Manoel caminhava adeante de todos, com as mãos atrás das costas segurando a bengala.

Quando já iam no barco, voltou-se para o Compadre:

— Que terrivel coisa, a usura nos campos! —

Estava com aquella testa contrahida e dolorosa que o Paulo já lhe conhecia; e accrescentou, falando comsigo mesmo:

— Como tudo isto vae ser difficil! —

O Antonio inclinou-se para o Paulo e perguntou-lhe baixinho:

— Tu sabes o que é *usura?* —

O Paulo encolheu os hombros n'um gesto expressivo de ignorancia e a conversa ficou por alli.

Digitized by Google

— Que lindas plantas! — exclamou a Beatriz olhando para uma grande placa de nenuphares que se espalmavam á superficie do rio tranquillo.

Avançavam devagarinho entre as margens baixas orladas de macissos espessos de salgueiros e juncos de onde irrompiam os choupos altos e as longas e tristes cabelleiras dos chorões.

A agua passava quasi sem corrente, calada e limpida.

Podiam-se contar as pedras brancas e roliças do fundo e a areia doirada pelos raios do sol que espreitavam entre a verdura das margens e mergulhavam a tremer na agua transparente.

As cigarras cantavam agarradas á casca branca das faias, tontas de sol e de luz; havia uns *tira-olhos* grandes e rigidos que passavam no ar como settas; e sobre os tufos de juncos esvoaçavam n'uns vôosinhos rapidos e tortuosos, multidões de libelulas pretas, irisadas de mil côres.

O rio era largo mas o sol estava

Digitized by Google

ainda baixo e a sombra da margem esquerda estendia-se até ao meio, como se fosse uma renda n'um espelho.

O rio era largo e fazia umas grandes curvas que não deixavam os olhos seguil-o até muito longe, escondendo os segredos d'aquella estrada de crystal muito puro, verde do verde macio das margens e azul do azul deslumbrante do ceu.

De vez em quando, assustado com o barulho dos remos cahindo na agua, um grande melro preto fugia espavorido, soltando um grito agudo.

O Thermidor instalara-se na pôpa do barco; de momento a momento sacudia a cabeça e tentava apanhar com um movimento rapido da bocarra as moscas que o importunavam.

De repente viu-se um vulto grande e negro esgueirar-se entre os ramos flexiveis de um vimeiro e mergulhar sem ruido.

— Olha!... — exclamou o Antonio

Digitized by Google

largando o remo e levantando-se com impeto — E' uma...—

Mas o barco déu um grande solavanco e elle cahiu sentado sem poder acabar a phrase.

O Thermidor vira o vulto e com a rapidez do pensamento, saltara para a agua.

— O que foi? O que foi?...—perguntava a Beatriz.

A cabeça do Thermidor appareceu lá perto da margem, a resfolegar, lustrosa e ensopada, espirrando agua pelas ventas, no meio da grande espumaceira que fazia batendo a agua com as patas largas e pesadas; e logo mergulhou novamente.

—Isto não estava no programma; — disse o compadre preparando-se para tomar uma pitada com satisfação— mas ainda é melhor do que a caça aos taralhões. —

O Antonio dava pulos no barco:

— Valente! Eh, Thermidor!... Agarra! agarra!...—

Digitized by Google

A cabeça do Thermidor tornou a surgir. D'esta vez a meio de uma placa de nenuphares cujas folhas espalmadas e brilhantes o toucaram como um tritão coroado...

—Bravo, Thermidor!—exclamou o Manoel rindo.—Que bonito chapeu!—

Mas o Thermidor não lhe deu attenção. Puxava com os dentes uma coisa negra e pesada que se debatia e parecia querer arrastal-o.

E seguiu-se uma lucta entre os redemoinhos da agua violentamente revolvida; surgia ora a cabeça ora o dorso do Thermidor, ora outra cabeça e outro dorso... um dorso flexivel e forte, preto e luzidio, de movimentos rapidos e ondulosos...

—Já a agarrou! já a agarrou!... —exclamava o Antonio n'um delirio de enthusiasmo.

—Está prompta...—

—Que bella dentada!...—

—Olha como ella rasgou a orelha do Thermidor!—

Digitized by Google

— Eh! cão! Não a largues!... —

As exclamações crusavam-se. Estavam todos de pé no barco, excitadissimos.

A corrente empurrava-os devagarinho para trás sem elles darem por isso.

Mas o Thermidor deixou fugir a presa e mergulhou novamente.

E a agua estava tão turva d'aquella agitação, que não se podia vêr nada para o fundo do rio.

N'este momento uma cabeça preta emergiu á superficie, mesmo ao lado do barco.

Mas não era a cabeça do Thermidor.

Era uma cabeça achatada e larga com uns olhos escuros cheios de agonia, e umas orelhas pequeninas e espetadas como as de um gato.

O Thermidor alcançou n'um instante a sua inimiga; ferrou-lhe com raiva a dentuça no pescoço; e a lucta recomeçou, furiosa.

A agua a espaços tingia-se de san-

Digitized by Google

gue e levava tufosinhos do pêlo arrancado do Thermidor.

Ora mergulhavam, ora tornavam a apparecer, debatendo-se e resfolegando.

O interesse, o enthusiasmo, as exclamações dentro do barco estavam no seu auge.

Afinal o Thermidor apareceu nadando contra a corrente, com a dentuça fincada n'um grande corpo morto que trazia a reboque...

— Anda cá, Thermidor... Coitado! — chamou o Manoel.

— Rico Thermidor! —

— Valente! —

E os braços estendiam-se para o ajudar a subir.

Nunca largou a presa senão no fundo do barco; e então olhou em redor de um modo triumphante, todo encharcado, agitando a cauda que salpicava tudo em volta de si.

— Que enorme lontra! — exclamou o Compadre.

Digitized by Google

— E gorda... e pesada! — acrescentava o Antonio pegando-lhe pelo rabo comprido e felpudo. — E' quasi do tamanho do Thermidor. —

A' medida que secava, a pelagem da lontra ia tomando uma côr acastanhada e aveludava-se, muito macia.

A Beatriz passava-lhe a mão por cima.

— Que linda pelle! —

— Vae-se levar á tia Maria José para ella fazer um regalo. — disse o Paulo.

Todos estavam encantados.

O compadre esquecia o rapé e admirava o Thermidor que, depois de se sacudir ruidosamente molhando todos, se installara de novo na pôpa, lambendo-se com persistencia para se enxugar.

O Antonio não pensava nos remos. Não tinha olhos, no seu enthusiasmo, senão para o Thermidor e para a lontra.

O Manoel apontou para elle e pozse a rir.

Digitized by Google

—Se estivessemos atidos áquelle remador, não passavamos hoje d'aqui —disse elle.

E remando vigorosamente com os dois remos, em breve chegaram a um ponto da margem onde poderam desembarcar.

Emquanto o Manoel amarrava o barco ao tronco de uma arvore, o Compadre declarou:

—Ora muito bem. Estamos no logar meu conhecido para os taralhões. Agora tu, Manoel, vaes fazer-me o favor de levar comtigo esse abelhudo do Thermidor... Se m'o deixas, não apanho hoje nem um passaro.—

—Então, adeus.—respondeu o Manoel—Até logo. Espero quando voltar encontrar trinta taralhões na gaiola.—

E chamando o Thermidor que o seguiu logo, afastou-se rapidamente dos seus companheiros.

Digitized by Google

CAPITULO VIII

— Ora muito bem; — repetiu o Compadre tirando da enorme algibeira do seu guarda pó, um canudo de canna do comprimento de meio palmo e atando-lhe a meio uma linha branca. — Vamos a isto.—

O Antonio e a Beatriz seguiam com interesse e curiosidade aquella operação e faziam perguntas sobre perguntas:

— Para que é isso? —

— O taralhão vae entrar no canudo? —

— Para que serve a linha? —

— Então quando puxar a linha ella não se quebra? —

Digitized by Google

O compadre não dava explicações. Estava encantado com a curiosidade dos pequenos e fazia de tudo um mysterio.

O Paulo seguia tambem com a vista os movimentos do Compadre, mas percebia-se que o seu pensamento não estava alli.

— Compadre... — disse elle. E calou-se, sem saber como havia de continuar.

O Compadre voltou-se e ficou parado, á espera do resto.

O Paulo fez-se encarnado como um pimentão e acrescentou, hesitando:

— Compadre... o que é... o que quer dizer... *usura?* —

O Compadre abriu muito os olhos e levantou as sobrancelhas quasi até á raiz do cabello.

— O rapaz está doido... — resmungou elle — Deus me perdôe! —

E logo a seguir perguntou:

— Para que queres saber isso? Os rapazes do meu tempo, quando se tra-

Digitized by Google

tava de caçar taralhões não pensavam em mais nada. —

O Paulo baixou a cabeça.

—Desculpe, Compadre;—disse elle — não faça caso. Tem razão. Eu pergunto logo ao sr. Viellard.—

—Sim, sim... —respondeu o Compadre — E' melhor. —

E mudou-se de conversa.

O Compadre olhou em volta de si:

—Antonio, tu serás capaz de me arranjar uma bicha-cadella? —

A Beatriz desatou a rir:

— Uma bicha-cadella!... O que é isso? —

— E' um bichinho preto e lustroso — explicou o Antonio—muito esperto, sobre o comprido, com uma especie de tenaz no rabo. —

— Já sei. E' um bichinho que apparece ás vezes mesmo dentro de casa, entre papeis e livros velhos... —

Mas o Compadre impacientava-se:

— Sim, sim... E' isso mesmo. Vamos a isto, vamos a isto... Mexe-te,

Digitized by Google

Antonio. Arranja uma bicha-cadella e faz pouco barulho e pouco espalhafato. —

O Antonio coçou a cabeça por baixo do chapeu, com um ar perplexo.

De repente largou a correr para a borda do rio.

Havia alli o resto de um muro velho que servira antigamente de principio a um açude.

Sobre esse muro, viam-se umas pedras achatadas e grandes que o tempo a pouco e pouco despegara do resto da construcção.

O Antonio agarrou n'uma d'ellas e tentou viral-a; mas não teve força, feriu-se n'um dedo e ficou parado um momento a olhar para a gotta de sangue que escorria.

Então o Compadre foi ajudal-o.

— Dá attenção, Paulo. — disse elle — Apenas levantarmos a pedra, espreita a vêr se descobres a bicha-cadella. E deita-lhe logo a unha porque ella safa-se emquanto o diabo esfrega

Digitized by Google

um olho. E quero-a viva, toma sentido! —

A Beatriz estava divertidissima. A historia da bicha-cadella dava-lhe no gotto e não podia ouvir aquella palavra sem desatar a rir.

O Compadre e o Antonio agarraram a pedra.

— Um... dois... tres! —

— O'... ó... iça!... — gritou o Antonio.

Era tão comico, que mesmo o Paulo sahiu do seu serio.

— Agarra! Agarra!..., — exclamou o Compadre apontando com o queixo para um insecto preto, pequenino, que tentava fugir a toda a pressa, escondendo-se entre as outras pedras, emquanto elle e o Antonio conservavam a lage erguida.

O Paulo e a Beatriz, precipitaram-se.

— Não a matem! — berrava o Compadre excitadissimo.

Digitized by Google

Finalmente apanharam a bicha-cadella.

— E' bem bôa — dizia o Compadre com satisfação, segurando-a delicadamente entre dois dedos como se fosse uma pitada. — Dá cá o canudo, Paulo. —

E atou com geito a ponta livre da linha a meio do corpo delgado do insecto.

— Prompto! Agora vamos escolher um bom logar. —

Mal acabara de falar ouviu-se um ruido de azas n'uma arvore vizinha, e levantando os olhos, os nossos caçadores viram um passarito pouco maior do que um pardal, cinzento, com uns tons esverdeados no peito. Estava poisado no ramo de um choupo, mas continuamente e de um modo intermitente e regular, agitava as azas como se as estivesse ensaiando.

O Compadre poz um dedo nos beiços em signal de silencio e disse muito baixinho :

Digitized by Google

— E' um taralhão. Não se mexam. Não falem. —

E, com muitas precauções, abaixou-se, arrancou algumas ervas para deixar a terra nua, fez um terreiro raspando com a sola do sapato; estendeu a linha no chão; cobriu-a com uma camadinha de terra, deixando apenas a *bicha-cadella* a descoberto e escondendo o canudo entre as ervas.

Depois afastou-se devagarinho... devagarinho... evitando o ruido dos passos e com o braço do Antonio agarrado para elle não fazer alguma das suas.

Quando se encontravam já a uma certa distancia, o Compadre escolheu um monticulo de onde se via o terreiro e a armadilha e estendeu-se de barriga para baixo, cosido com a terra, recomendando por gestos aos pequenos que fizessem outro tanto.

E assim ficaram immoveis algum tempo.

O taralhão voara para uma arvore mais distante. Poisara n'outro ramo.

Digitized by Google

As azitas estremeciam batendo o ar como se aquelle movimento rythmico e tão rapido que a vista não o detalhava, fosse uma condição essencial da sua existencia.

— Compadre... — bichanou o Antonio que principiava a massar-se de estar quieto e calado tanto tempo.

Mas o compadre deu-lhe um cotovelão e fez uma cara zangada.

A Beatriz estalou de riso e o taralhão voou para longe.

— Quem se mette com creanças... — resmungou o Compadre furioso.

Mas veiu outro taralhão e poisou n'um ramo por cima da armadilha.

O compadre estava nervoso. Olhava para a armadilha, para o passaro e para os pequenos como se os quizesse magnetizar a todos.

— Se algum de vocês se mexe ou fala — murmurou elle — apanha um *banano*. —

— O que é um *banano?* — perguntou a Beatriz que estava morta de riso

Digitized by Google

N'isto o taralhão viu a bicha-cadella; deixou o ramo onde se baloiçava e poisou n'um junco mesmo ao lado do terreiro.

O compadre vermelhissimo, espiava-o attentamente.

O Antonio tambem sentia a mesma febre de interesse; conservava-se immovel e daria de bôa vontade um cachação a quem se mexesse ou fallasse n'aquelle momento.

O taralhão inquieto olhava para um lado e para o outro. Cubiçava a bicha-cadella.

De repente decidiu-se. Deu um saltinho para o terreiro e enguliu a isca.

Mas engasgou-se com a linha. Quiz voar. As azitas não tinham força de levantar muito alto o canudo que lhe ficara pendurado do bico; e logo adeante se abateu entre as ervas.

— Um! — berrou o Compadre fóra de si, levantando-se com uma ligeireza de que ninguem o julgaria capaz.

Correu para o taralhão; mas em

Digitized by Google

dois saltos o Antonio passou-lhe adeante.

O passaro ergueu-se de novo, mortalmente assustado, esvoaçou um momento e tornou a cahir.

Quando o Compadre chegou, já o taralhão estava nas mãos dos pequenos.

— Dá cá! Dá cá!... — repetia elle — Vocês não entendem nada d'isto. —

Pegou no passaro com geito. Tirou da algibeira inexgotavel uma thesoura e cortou a linha rente ao bico do animalsinho. Depois metteu-o n'uma gaiola pequena de canna que trouxera para aquelle fim.

— Então?! — exclamou elle triumphante enxugando o suor da testa e preparando-se para tomar uma bôa pitada. — Sei ou não sei apanhar passaros vivos? —

O Antonio estava cheio de admiração. O Compadre crescera immenso no seu conceito.

A Beatriz já não ria. Achava aquillo de um engenho maravilhoso.

Digitized by Google

Apanharam-se mais bichas-cadellas, mudou-se de sitio e a caçada continuou com um interesse e uma paixão sempre crescentes.

Tinham já tres taralhões na gaiola; e estavam todos quatro estendidos de barriga para baixo, seguindo com attenção os movimentos de uma quarta victima, quando sentiram de repente um barulho entre as ervas e um grande corpo negro se atirou sobre elles com latidos de prazer.

E o taralhão... trrr... trrr... trrr... pelo azul do ceu fóra!

— Abelhudo! Estupido! Animal insupportavel!... — vociferou o Compadre levantando-se despeitado e dando uma palmada rija no lombo gordo do Thermidor que se agachou logo muito humilde, de orelhas cahidas.

E acrescentou:

— Adeus caçada, por hoje! Com um massador d'estes, é impossivel! —

No mesmo instante ouviu-se uma canção popular assobiada em notas

Digitized by Google

muito altas e claras; e a figura pequenina do Manoel de bengala atrás das costas e com as abas do chapeu derrubadas por causa do sol, appareceu entre os choupos.

— Bons dias! — gritou elle alegremente, sem contemplação pelos caçadores — Foram felizes? Eu andei mais de duas leguas e trago uma fome!... —

— Podias ter andado tres... — resmungou o Compadre com máo modo. — Teriamos apanhado mais um taralhão. Maldito Thermidor! —

O Thermidor conservava-se agachado entre as ervas, de lingua de fóra e de orelhas baixas, olhando para o Compadre com os seus olhos amarellos muito meigos e cheios de humildade.

— Não esteja zangado, Compadre... — disse a Beatriz — Tambem já temos tres. E' uma bôa caçada. Faça uma festa ao Thermidor que está tão triste! —

O Compadre poz-se a rir e passou a mão pela cabeça do Thermidor que

Digitized by Google

logo se alegrou e partiu deante d'elles aos saltos.

— Tres taralhões e uma lontra! — exclamou o Antonio radiante — Que bella caçada! Que horas são? Eu tambem tenho immensa fome. —

Foi tão bom aquelle almoço!

Estendeu-se uma toalha no chão e ao meio poz-se a gaiola enfeitada de verduras; e o Antonio foi ao barco buscar a lontra e pendurou-a como um tropheu ao tronco de uma arvore.

E arranjou-se uma corôa de loiros para o Thermidor que se sentou com juizo, encantado com a corôa que lhe livrava as orelhas das moscas.

Havia ovos cozidos e *croquettes* e frango assado e queijo e fructa. Morangos muito frescos e perfumados e figos tão dôces que até o assucar lhes escorria pelas fendas da pelle, como lagrimas.

E laranjas que o Manoel atara n'um guardanapo antes de partir e deixara mergulhadas no rio, presas por um

Digitized by Google

cordel ao tronco de um salgueiro. Parecia um sorvete cada laranja que se abria.

— Bem — disse o Manoel limpando a boca e levantando-se. — São quasi dez horas. A *charrette* deve estar na estrada. Vamo-nos embora que o Alvaro precisa de mim lá antes das onze. —

— Viva o Compadre! — berrou o estroina do Antonio atirando com o guardanapo ao ar.

— Viva!... — repetiram todos com enthusiasmo.

Mas o Compadre não se comoveu. Mirava e remirava os taralhões.

— São reaes! — murmurava elle — Gordos, lustrosos, vivos... Hei-de voltar a este sitio. —

Arrumaram tudo, metteram-se no barco e seguiram rio abaixo conversando e rindo que era um gosto ouvil-os.

Saltaram para terra e foram levar os remos a casa do Zé Carvalho.

A' medida que se approximavam

Digitized by Google

da miseravel casita arruinada e suja, ninguem falava já, nem ria.

— Paulo, — disse o Antonio em segredo — quando chegarmos a casa, vamos direitinhos perguntar ao sr. Viellard o que é *usura,* queres? —

. . . . . .

— Póde-se entrar? — perguntou a voz clara do Paulo á porta do quarto do sr. Viellard.

— Entrem, entrem . . . —

E os dois rapazes entraram.

O sr. Viellard estava trabalhando, curvado sobre a sua secretaria, com o cabello muito branco e liso cahido dos dois lados da cara escrupulosamente barbeada e toda côr de rosa.

— Meus rapazes! — exclamou elle com bom humor voltando-se para os recem-chegados e pondo sobre o nariz as lunetas de oiro que pareciam encantadas, de tal maneira lia com ellas na alma de quem lhe falava — Meus rapazes! . . . Muito bons dias! Tiveram um bom passeio? Divertiram-se muito? —

Digitized by Google

— Muito, sr. Viellard — respondeu o Antonio — nem imagina! O seu Thermidor caçou uma lontra no rio. E que lontra! Quer vêr? —

— Uma lontra?! E' um grande homem aquelle meu cão! Vou vel-a d'aqui a um instante. E a respeito de taralhões? —

O Antonio enthusiasmou-se. Espetou tres dedos deante da cara do sr. Viellard:

— Tres! E se não fosse o Thermidor, talvez o dobro. Ah! sr. Viellard! O Compadre... se visse!... Aquillo, se quizer, apanha todos os passaros que andam a voar! —

O sr. Viellard esfregava as mãos:

— Que prodigioso Compadre!... E tu Paulo, não dizes nada? Tu não trazes só a lontra e os taralhões, meu rapaz... Anda cá. Deixa vêr esses olhos... Nada, nada... Atrás d'essa testa não vem só a lontra e os taralhões, e o Thermidor... —

O Paulo córou:

Digitized by Google

— Quem lhe póde esconder um pensamento, sr. Viellard? —

O Antonio recordando-se de repente do motivo que o trouxera ao quarto do sr. Viellard, lançou abruptamente a pergunta:

— Diga, sr. Viellard; o que é *usura?* E' isto que o Paulo trás no pensamento. —

O sr. Viellard concertou-se melhor na cadeira e olhou com attenção para os dois.

— A usura . . . — disse elle.

Depois interrompeu-se; quiz saber primeiro como aquella curiosidade lhes tinha vindo.

Contaram-lhe apaixonadamente a historia do Zé Carvalho.

— Começo a vêr claro — murmurou o sr. Viellard fixando n'elles os seus olhinhos bons e perspicazes.

Fez sentar o Antonio e o Paulo em duas cadeiras defronte de si.

— Bem — disse elle. — Eu vou explicar o que é a usura. Imagina tu,

Digitized by Google

Paulo, que tinhas dinheiro e querias que esse dinheiro te rendesse muito. Pensavas comtigo: — Se eu metter 100$000 reis na Caixa Economica, no fim do anno só ganho 3$000 reis; se arrendar uma terra e a cultivar, com os meus 100$000 reis não tirarei de lucro mais de 4$000 reis por anno; se os metter n'uma empreza, n'um negocio... é sempre mais ou menos arriscado, e posso perder tudo; se pozer os meus 100$000 reis n'um banco, não ganharei mais de 5$000 ou 6$000 reis cada anno. Nada d'isto me serve. O que vou fazer é emprestar dinheiro a juros. —

— E' mal feito, emprestar dinheiro a juros, não é, sr. Viellard? — perguntou o Antonio.

— E' conforme. Se uma pessôa me vier pedir dinheiro emprestado para uma empreza qualquer, ou para governar a sua vida, e eu lh'o emprestar a cinco ou a seis por cento, não é mal feito. Esse dinheiro póde, bem admi-

Digitized by Google

nistrado, ser um principio de fortuna ou uma salvação para a pessôa que m'o pediu e que em breve m'o pagará. Mas se eu o emprestar a doze, a quinze, a vinte por cento, é mal feito; porque em geral quem pede é porque está apoquentado com falta de dinheiro ou precisa muito d'elle para um qualquer negocio que vae principiar ou salvar. E n'estes casos, ninguem póde pagar uns juros tão altos. Ora pensem: 20$000 reis por cada 100$000 reis e ás vezes adeantados, de forma que o desgraçado, só recebe oitenta e fica a dever cem e os juros de cem cada anno! —

— Mas se essa pessôa que pediu não póde pagar porque não tem, — observou o Antonio — o peor é para o espertalhão que emprestou, porque fica a vêr navios! —

— Estás enganado — tornou o sr. Viellard — porque o espertalhão, como tu dizes, tomou as suas precauções; não emprestou sem saber primeiro se

Digitized by Google

o desgraçado tinha bens: terras, casas, papeis, emfim, valores que correspondessem ao dinheiro emprestado. E antes de entregar o dinheiro, fez com que essa pessôa assignasse um papel pelo qual se obriga a não vender nada e a dar o que possue, ou uma parte do que possue, como penhor do dinheiro que lhe emprestam. —

— Já entendo; — disse o Paulo — o Zé Carvalho pediu dinheiro emprestado para plantar uma vinha e emprestaram-lh'o com um juro tão alto e em taes condições que o pobre homem agora não ganha para o pagar. —

— Nem os juros póde pagar, certamente — continuou o sr. Viellard. — E então o outro vae tomar-lhe conta da fazenda e de tudo. Emprestar dinheiro assim é que se chama *usura*. E é horrivel. E a usura praticada com a pobre gente que nem sabe ler nem escrever nem calcular e que a maior parte das vezes nem tem bem consciencia do que faz, ainda é peior. E'

Digitized by Google

um abuso de confiança. E' um crime. —

Os dois rapazes calaram-se; ficaram a scismar.

O Paulo recapitulava coisas...

— Sr. Viellard, — disse elle depois de um silencio — á gente do campo é muito infeliz. Um pobre homem trabalha toda a vida como um animal e quando se lhe acabam as forças, tem de pedir esmola porque nunca poude juntar para a velhice... Outros vêem aquillo, deixam a terra e vão para as cidades ou para a America procurar melhor fortuna e quasi sempre morrem miseraveis... outros, ainda fortes e agarrados á terra, querem trabalhar n'ella e não alcançam o trabalho seguido e seguro que lhes garanta ao menos o pão de cada dia...

O Antonio interrompeu-o:

— Outros conseguem juntar uns vintens, compram uns bezerros para engordar, ou uma vaca, ou um porco, na esperança de os venderem mais

Digitized by Google

tarde por bom preço ou de lhes tirar algum lucro... e vem a *ferrugeira* ou outra doença qualquer que em meia duzia de dias ou de horas lhes leva os animaes que tantos sacrificios lhes custaram... E ficam peor do que estavam. Lembras-te, Paulo, d'aquelle pobre homem que encontrámos no outro dia e que chorava como um pequeno porque lhe tinha morrido um boi? Não era o boi que elle chorava, elle bem o disse: eram os annos de economias e de privações que elle passara para poder comprar o boi e que assim perdia, sem salvação... —

— E os pastores... os guardadores de gado que a gente vê e com quem fala — continuou o Paulo — e outros como elles... Sósinhos, miseraveis, embrutecidos, uns animaes, sem conhecimento claro do bem e do mal, abandonados... —

O sr. Viellard não dizia palavra. Nem se mexia. Espreitava com attenção os movimentos d'aquellas duas

Digitized by Google

almas e não ousava sequer fazer um gesto que as podesse distrahir do trilho que levavam.

Apenas nos olhos, por detrás das lunetas de oiro, se lhe via a esperança, a alegria, que apparece nos olhos da gente que assiste ao alvorecer de um dia de primavera, sem nuvens...

—E ainda por cima a usura...— dizia o Antonio—a usura que acaba de os desgraçar, que lhes mata os ultimos arrancos de coragem, que os desanima no seu esforço final contra a miseria e a má sorte!...—

—Ninguem se importa com elles... — murmurou o Paulo—Ninguem os ajuda. Parece que tudo se liga para os desgostar da terra, para os embrutecer...—

Houve outro silencio mais longo e mais pesado.

Os dois rapazes olhavam pela janella aberta. Tinham toda a alma nos olhos; e a sua alma tão fresca e tão nova, tão cheia de vida, era attrahida

Digitized by Google

para a claridade radiosa que innundava os campos deslumbrantes de côres, cobertos de vegetação e de força como um protesto de innocencia contra a miseria dos homens.

— Olhe, sr. Viellard!...— disse o Antonio apontando para a janella. — E a terra é tão bonita! —

— E' — respondeu o sr. Viellard — Mas ainda o ha-de ser mais no dia em que os homens entenderem as coisas e remediarem o mal; e da sua intelligencia emfim esclarecida, do seu intenso desejo de aperfeiçoamento, nascerem as ideias e se expandirem ... as ideias que por emquanto se estão gerando, ainda turvas, ainda obscuras, mas já vibrantes de vida, no fundo das consciencias que acordam ... —

Os rapazes não o entenderam bem. Elle falava mais para si do que para elles.

Olhavam-n'o com os olhos de quem vê de repente uma claridade forte de mais.

Digitized by Google

— Mas como?... Porquê, sr. Viellard?... — perguntou o Paulo.

— Porque o homem aperfeiçoa-se de geração em geração. Porque a vida não acaba e recomeça eternamente, e sempre melhor, mais clara, mais justa. Porque vocês vibram já de um desejo mais ardente de remediar do que eu, quando tinha a vossa edade. E hão-de trabalhar com mais proveito do que eu na conquista da liberdade e da força que salvarão o mundo. Porque eu vejo coisas consoladoras que me enchem de fé e de esperança no futuro da nossa raça, da humanidade triumphante e feliz... coisas que os meus avós não viram nem sonharam. Porque a vida é uma bella coisa e cada vez ha-de ser mais bella e mais merecedora de ser vivida! —

E os olhos do sr. Viellard brilhavam de enthusiasmo como os olhos de um rapaz, e a neve do seu cabello tremia da commoção ardente que o fazia vibrar todo.

Digitized by Google

Para elle não havia velhice nem morte. A vida continuava sempre, a obra abençoada de redempção que as gerações legam umas ás outras, retocando-a, facetando-a, polindo-a, n'um instincto seguro, persistente, fatal, de aperfeiçoamento para a maior bondade, para a maior justiça, para a maior força.

Digitized by Google

CAPITULO IX

—Isto é o que se chama em bom portuguez, um calor de rachar!—exclamou o Alvaro respirando com força o ar abrazado.

—Nem o movimento do carro nos trás algum fresco!—suspirou a Maria José.

—Pobre mulhersinha! Apesar do teu vestido branco e tão leve, não consegues respirar melhor do que nós!—

O Antonio que ia ao lado do cocheiro, voltou-se para dentro do break:

—Olhem! olhem!...—disse elle; e apontava para deante, pela estrada fóra.

Digitized by Google

Todos se debruçaram a espreitar.

O sol no macadam branco fazia um clarão que cegava.

Do lado direito estendia-se uma grande varzea coberta de vinha e de milho de regadio. Mas nem o verde claro da vinha, nem o verde escuro do milho alegravam com um aspecto de frescura, porque a poeira fina da estrada encinzeirava tudo.

Algumas figueiras e vimeiros pela beira dos vallados estavam tão sujos, que por debaixo d'aquella capa cinzenta, ninguem se lembrava de que as folhas eram verdes.

As piteiras, azuladas, com as suas folhas agressivas e immoveis, meio mortas de calor, transmittiam a sua vida toda á flôr rigida e monstruosa que erguiam muito alto n'uma ultima sede de espaço e de luz.

Do lado esquerdo levantava-se uma colina coberta de pinhal; e aquella sombra escura e abafada parecia exhalar um calor ainda mais pesado.

Digitized by Google

No afastamento as perspectivas tremiam na vibração do ar quente que subia da terra offegante...

Lá adeante, no meio de uma nuvem compacta de poeira, vagarosamente, avançava um carro enorme e de aspecto veneravel; um carro como a Beatriz e o Paulo nunca tinham visto.

Era largo, baixo, com as rodas altissimas e afastadas da caixa, como um coche real; preto com enfeites doirados como um carro de enterro.

As rodas de borracha do break, silenciosas, deixavam ouvir o barulho d'aquella bizarma rodando com vagar sobre o macadam, e rangendo e roncando como uma galera carregada.

—Mas o que é aquillo?—exclamou o Paulo, pasmado.

O sol batia na enorme caixa negra e lustrosa; e á medida que se approximavam, percebia-se que tinha nas costas um assento pequenino prezo ao eixo e ás molas trazeiras. Era destinado para dois creados, mas ia vasio.

*

Digitized by Google

Na boleia tambem não levava ninguem.

— Onde está o cocheiro? — perguntou a Beatriz.

Mas o break arredou-se do centro da estrada para lhe passar adeante, e a Beatriz viu com espanto que elle não era puxado por cavallos mas sim por uma grande junta de bois *ratinhos,* gordos e luzidios, guiados por um boieiro que marchava devagarinho á sua frente, de carapuço, jaleca ao hombro e com uma camisa branca de neve.

— Mette a passo! — gritou o Alvaro ao cocheiro quando iam a passar ao lado do chorreão.

— Bons dias, senhores fidalgos! — disse a Maria José debruçando-se e espreitando para dentro d'aquella arca de Noé.

Então appareceram á portinhola as cabeças do Compadre e da Sr.ª D. Rosa.

— Bons dias! — exclamaram elles muito risonhos — Então vamos lá a essa festa dos Taboleiros, á villa? —

Digitized by Google

Estavam ambos lustrosos e vermelhos, quasi roxos, de calor.

O Compadre ia de sobrecasaca e chapeu alto e entalara um lenço branco em volta do pescoço, para livrar o colarinho do suor e da poeira.

O Compadre assim tafulo, parecia outro compadre.

A senhora D. Rosa resplandecia por debaixo do seu chapeu muito enfeitado de flôres e de plumas. E o vestido cheio de folhos e de apanhados, era como que a glorificação da sua gordura risonha e feliz.

O sr. Viellard, que pozera apressadamente as lunetas, admirava tudo como se estivesse no theatro.

— Senhora D. Rosa — disse elle — felicito-a pela sua equipagem. Mas desejava saber... a que horas chegarão á villa? —

— Bem vê... — explicou ella — nós podiamos alugar uma carruagem e chegariamos sem duvida mais depressa. Mas os nossos paes vieram sem-

Digitized by Google

pre de chorreão á festa dos Taboleiros, todos os annos; e nós tambem, desde pequenos... —

— E agora já estamos velhos para mudar — concluiu o Compadre sorvendo com valentia uma grande pitada.

— O' Compadre,—perguntou o Manoel remirando o chorreão — quantos annos terá essa reliquia? —

— Deve ter os seus cem... ou mais. — respondeu o Compadre — Olha que já se não fazem carruagens com esta solidez e que aturem o que esta tem aturado. —

— Isto era para duas parelhas de cavallos... — dizia a senhora D. Rosa ao sr. Viellard — Cocheiro, trintanario, dois moços atrás... Chapeus de trez bicos, calção e meia, cabelleiras empoadas de rabicho... —

O sr. Viellard mostrava-se interessadissimo e cheio de respeitosa admiração por aquellas grandezas passadas.

Digitized by Google

Mas o Alvaro interrompeu a avalanche das evocações:

— A sua conversação é deliciosa — declarou elle — mas assim, a passo, não se póde aguentar o calor. Espero vel-os na villa em casa das senhoras Macedos... se não se derreterem pelo caminho. Adeus! —

E acrescentou, voltando-se para o cocheiro:

— Vamos embora, Gonçalo. —

O Gonçalo tocou ao de leve com o pingalin na garupa dos *hakneys* que mascavam o freio impacientes e que no mesmo instante partiram n'um trote largo e cadenceado.

Um minuto depois, o chorreão do Compadre era apenas um pontinho preto, perdido lá na distancia, envolvido em nuvens espessas de poeira.

D'ahi a pouco o break rodava na grande alameda de platanos, á entrada da villa.

Alli mesmo ao lado passava o rio largo e sereno, muito baixo por causa

Digitized by Google

da seca, deixando a descoberto grandes bancos de areia e as fundações enormes de uma velha ponte romana em ruinas.

Os chorões mergulhavam na agua irisada, os longos ramos tristes; e uma roda de rega erguia-se contra a verdura da margem como uma formidavel teia de aranha, e gemia voltando devagar os seus alcatruzes de onde a agua escorria com reflexos de crystal, n'um pranto sem fim.

Lá no alto, por cima da villa, coroando a colina, apparecia o vulto denegrido e severo de um velho convento de templarios, cujas ameias e torres se recortavam no ceu quasi branco.

— Almas caridosas! — gritou uma voz plangente — Olhae para quem não póde vêr a luz do sol! —

Era um cego, miseravel, quasi nú, estendendo os braços a pedir esmola.

E dos dois lados da estrada viam-se correntezas de pobres, velhos, doentes, estropiados, aleijados, que a concorren-

Digitized by Google

cia atrahira alli na esperança de obterem a esmola dos que passavam para a festa.

Os gritos e as lamentações espalhavam-se como um vento de peste, no ar brilhante e luminoso.

Queimados pelo calor, cobertos de poeira e de moscas, negros, esfarrapados, immundos, os infelizes tinham gestos e vozes theatraes chamando sobre si a attenção, no impudor d'aquella exhibição degradante.

Os pequenos iam tolhidos; não diziam nada, sob o peso de uma tão funda miseria.

— O que desola, — murmurou o Manoel — é que todos estes desgraçados são mais ou menos homens do campo, que toda a vida trabalharam na terra. Toda a vida!... Quando os braços não podem mais, aqui está o futuro que os espera... E ninguem pensa n'isto!... —

E franzia a testa, incommodado, entristecido.

O Paulo olhava para elle. Sentia

Digitized by Google

um grande mal estar, uma opressão como se mais nada n'aquelle dia podesse dar-lhe prazer.

Sahira de casa tão contente com a ideia de ir vêr a festa dos Taboleiros de que tanto ouvira falar! E agora não se importava. Parecia-lhe tudo isso já sem interesse.

Deixaram a alameda de platanos. As ferraduras dos *hakneys* batiam as calçadas sonoras das ruasinhas da villa e o break ia passando entre as casas caiadas de branco, de janellas abertas e enfeitadas de colchas e de flôres.

A gente do campo, endomingada, cheia de animação e de alegria ruidosa, cobria os passeios.

Quando entraram em casa das senhoras Macedos foi como se entrassem no ceu depois do inferno esbrazeante e empoeirado da estrada.

Um grande pateo lageado, muito fresco, sob uma aboboda caiada onde as vozes tomavam sonoridades de orgão; ao fundo abria-se uma porta para

Digitized by Google

o jardim assombreado de buxos, regado e viçoso, de onde vinha um perfume casto de jasmins. E dos dois lados, grandes escadarias de pedra, entaladas entre paredes brancas, discretas e nuas como paredes de convento.

— Ora sejam mil vezes bemvindos! — disseram aquellas senhoras recebendo-os no patamar.

O tempo de sacudir a poeira, de descançar um pouco na deliciosa frescura de uma sala branca de neve e tão asseada como se fosse estreada n'aquelle dia...

E logo foram lunchar.

E que lunch!

Havia *joeirinhos* regados de mel doirado e um certo dôce de ginja para se comer com pão com manteiga e queijo do Alemtejo.

E *tijeladas* côr de canna, muito alastradas nos pratos da India, queimadas por cima com vergões negros...

Foi delicioso.

O sr. Viellard ainda saboreava os

Digitized by Google

seus ultimos morangos nadando em Madeira, quando se ouviu na rua um grande sussurro e um ruido surdo... Um rodado pesado e tremulo, um ranger de madeira, um traquinar de ferros...

Correram ás janellas.

Pelo meio da rua, tomando-a quasi de lado a lado, avançava a bizarma empoeirada e solemne do Compadre. Chegavam pessôas ás janellas e ás portas e logo desappareciam a chamar mais gente para vêr tambem.

O povinho curioso e embasbacado, apinhava-se, empurrava-se pela borda dos passeios.

E o chapeu alto antiquissimo do Compadre e as plumas mirabolantes da senhora D. Rosa, appareciam aos postigos cumprimentando para a direita e para a esquerda. Quando entraram na sala das senhoras Macedos, vinham satisfeitissimos.

—Não estamos cançados...— dizia o Compadre—Dormimos um pouco pelo caminho...—

Digitized by Google

Mas foi interrompido por uma tremenda fuzilaria de foguetes e pelos acordes estridentes de uma philarmonica.

Foi um reboliço.

Todos se precipitaram novamente para as janellas.

— Lá vem! Lá vem! —

Os passeios estavam negros de povo. O povo tão vistoso do Ribatejo, com os seus homens de carapuços verdes, vermelhos ou pretos orlados de côres claras, de cintas azues ou encarnadas, de jalecas ao hombro deixando á mostra a brancura crua das mangas das camisas; os lenços sarapintados das mulheres de chailes no braço e vestidos de chitas garridas... Todo aquelle aspecto festivo, tão especial, que parece nascer do sol, do calor, do proprio ar luminoso que se respira.

— Olha! olha!... — gritava o Antonio muito excitado, debruçando-se todo pela janella fóra.

Lá do fim da rua approximava-se

Digitized by Google

devagar uma onda de gente... uma onda compacta por cima da qual fluctuavam bandeiras, riscada pelas duas filas cerradas das raparigas vestidas de branco, trazendo á cabeça os cestos vindimos de onde se erguiam as torres de pão enfiado em cannas, coroadas de flores e de pombos.

Eram, entre a multidão, como duas longas fitas ondulando ao som da musica, um pouco ennevoadas assim no afastamento, pela fumarada transparente dos foguetes.

—Agua fresca! Agua fresca!...—

—Pastelinhos dôces!—

—Laranjas para refrescar!...—

—Quem merca a bôa melancia!...—

E os vendedores ambulantes furavam entre as alas de povo e luctavam com os policias para atravesssar a rua.

E o traquinar dos copos nos descanços de lata, o ranger das canastras, o som das moedas de cobre que por vezes rolavam na calçada; as vozes, os risos, ás chalaças, tudo era a

Digitized by Google

pouco e pouco abafado pelo barulho da procissão que avançava.

— Olha a Joaquina! — berrou o Antonio fóra de si quando as raparigas principiaram a passar por debaixo da janella. — Como vae sécia! Apre! Que vistão! —

— E a Rosario? Olha... olha a Rosario, alli, com a fita verde!... — exclamava a Beatriz.

E os pequenos acenavam com os lenços.

Mas as raparigas não davam signal de os vêr.

Hirtas, com o dorso immovel por cima do balanceamento cadenciado das ancas, os musculos do pescoço retezados no esforço de aguentar á cabeça o enorme peso dos *taboleiros*, vermelhas de calor, com a testa cheia de bagas de suor, iam andando devagarinho, presumidas dos seus vestidos brancos, das suas faxas vistosas, dos seus *taboleiros* tão grandes e tão enfeitados, e dos irmãos ou namorados

Digitized by Google

que as acompanhavam, de grandes cajados nas unhas, cigarro ao canto da boca, e quasi todos dançadores de fandango, de compridas melenas, farçantes, affectando uns ares desmanchados e insolentes, de brigões de feira.

A philarmonica fazia prodigios.

Os musicos avançavam com modos militares, de lenços entalados em volta do pescoço, de bonés empurrados para a nuca, muito conscientes da sua importancia.

O trombone, o clarinete, o clarim, o bombo, os tambores, despediam sons atroadores, que apertados entre as casas altas, batiam pelas paredes em clamores asperos e estridentes.

O povinho gritava e ria; e os foguetes estoiravam por cima de tudo isto, desmanchando-se no ar em nuvens leves de fumo.

—Agua fresca!... Agua fresca!...—

—Como isto é divertido!—dizia a Beatriz, córada de prazer, lembran-

Digitized by Google

do-se das procissões solemnes e tristes de Lisboa.

Atrás da musica vinha um carro pesado com a fórma de um carro romano, enfeitado de esculpturas groseiras, sarapintadas e doiradas.

Dentro d'esse carro, entre quatro anjos de caracoes postiços e de azas de tarlatana, iam dois bois estolados, deitados de costas, sem cabeça e com as pernas espetadas para o ar, sacudidos pelo rodar sobre a calçada desegual.

Puxavam o carro tres juntas gordas e luzidias com as armações enfeitadas de flôres e verduras.

Logo a seguir, um outro carro levando uma pipa de vinho.

— Sr. Viellard... — disse a voz grave do Alvaro por trás dos pequenos — quer uma festa mais pagã? —

O sr. Viellard virou-se para elle, tirou as lunetas que limpou cuidadosamente ao seu lenço de cambraia.

— Eu lhe digo... mas a ideia é

Digitized by Google

christã, o mais christã possivel, já que tudo isto apenas tem o fim exclusivo da caridade...—

O Paulo lembrou-se dos pobres da estrada e procurou o Manoel com o olhar.

Este respondeu:

—Caridade!... Mas de que serve? Bem sei que todo o pão é para os pobres, e toda a carne, e todo o vinho, e que ámanhã nenhum pobre terá fome n'esta villa. Mas o que é um jantar farto por anno? Esse jantar farto diminue-lhes a miseria, o soffrimento?... Apenas a humilhação da esmola que degrada; a condição de vida permanece a mesma...—

E acrescentava abanando a cabeça com aquella mesma expressão de dôr:

—Não, não, sr. Viellard... Isto é muito bonito e muito alegre... mas não serve de nada. Nada serve, sr. Viellard, emquanto houver pobres!...—

O Paulo não disse nada mas ficou a scismar:

Digitized by Google

—Emquanto houver pobres?! O que quererá o tio Manoel dizer com isto?...—

A' noitinha antes de partir, deram uma volta pelo jardim publico todo illuminado e depois metteram pela estrada escura e solitaria, na direcção da quinta.

. . . . . .

O Paulo foi para o seu quarto sem somno. Tinha a cabeça cheia de pensamentos que não o deixavam dormir.

Já depois da luz apagada, levantou-se outra vez para abrir a janella de par em par.

Fazia um grande calor.

Entrou um silencio pelo quarto dentro!... Um socego!...

Não havia lua, mas o ceu estava tão estrellado que se distinguiam perfeitamente os vultos dos eucalyptos pela banda de baixo do muro do jardim e a mancha negra dos pinhaes, lá ao longe, do outro lado da varzea.

No jardim de baixo havia uma

Digitized by Google

cascata pequenina n'um recanto de verdura. Ouvia-se a agua cahir gotta a gotta, entre as pedras carcomidas.

Mas ouvia-se ainda outra coisa, no grande silencio. O Paulo debruçou-se no parapeito da janella e escutou.

Eram os passos vagarosos de alguem que passeava no terraço.

Mas não se podia vêr quem era.

—Eu sei...—pensou o Paulo—tambem *elle* não póde dormir.—

Afastou-se da janella, hesitou... momentos depois descia a escada cuidadosamente.

Quando chegou ao terraço, a tal pessôa já não andava passeando.

O Paulo viu um vulto sentado, com os cotovelos encostados aos joelhos e a cabeça apertada nas mãos.

Approximou-se devagarinho, passou-lhe um braço ao pescoço:

—Tio Manoel, o que tens tu?—

O Manoel estremeceu como quem acorda de repente; viu o Paulo, sorriu, e ia responder-lhe quando o pequeno

Digitized by Google

lhe poz a mão na boca para o fazer calar.

— Não, tio Manoel!... — implorou elle — Não me respondas assim... Vaes dizer-me que não tens nada, que estás a tomar o fresco; e que me vá deitar para que o frio me não constipe... Mas não me fales assim como a um *baby!* Se tu soubesses como eu penso e como preciso que me expliquem as coisas!... —

O Manoel sorriu outra vez, mas já com uma expressão differente.

Puxou uma cadeira para junto de si, fez sentar o Paulo; e disse-lhe com muita doçura:

— Vamos então conversar. Conta lá tudo que anda n'essa cabeça... —

— Não é só na cabeça, tio Manoel. Parece-me que é sobretudo no coração. Coisas que eu nunca tinha visto e que agora vejo, coisas em que nunca tinha pensado... Eu não sei dizer bem... não sei se entenderás. Lá em Lisboa, vês tu, em casa ou no lyceu, a pensar

Digitized by Google

nos livros ou em divertimentos... Emfim... nunca me lembrava da miseria. Se encontrava um pobre na rua, dava-lhe uma esmola, e prompto; esquecia. Vivia sempre com gente a quem não faltava nada... Percebes, tio Manoel? Parece-me que não tinha culpa; mas sem eu saber bem porquê, *agora* imagino que era mal feito...—

—Mal feito, o quê, Paulo?—

—Mal feito não pensar na miseria. E' tão grande! Ha tanta gente que soffre! Aqui na quinta não dou um passo que não a encontre, que não a veja, a miseria, em toda essa pobre gente do campo...—

Calou-se um momento a scismar, e depois continuou:

—Tio Manoel, então o pão que a terra dá não chega para todos? Porque temos nós de mais e *elles* nunca teem bastante? E porque é... porque é... que eu me atormento e me afflijo tanto com estas ideias?—

O Manoel olhava para elle com ter-

Digitized by Google

nura e pena e com uma expressão nova, como se o visse pela primeira vez.

—Tu és um bom pequeno, Paulo. — disse elle afinal — E como és muito intelligente para a tua edade, vou vêr se posso explicar-te isso tudo. Os homens vão-se aperfeiçoando sempre e esse aperfeiçoamento, afastando-os cada vez mais da sua condição primitiva de animaes selvagens, egoistas e maus, vae adoçando os seus costumes, vae-lhes abrindo o pensamento a ideias largas e generosas. Queres entender melhor? Escuta: d'antes, quando um homem rico passava por um pobre e lhe dava uma esmola, voltava para casa com a convicção de ter cumprido o seu dever. Mas hoje não. O homem rico e poderoso começa a perceber que a esmola não basta. E' preciso outra coisa. E' preciso que não haja pobres. E' preciso que os homens todos se juntem para que o trabalho seja bem repartido por todos aquelles que poderem trabalhar; e que os velhos e os doen-

Digitized by Google

tes estejam sempre ao abrigo da miseria. Isto ha-de ser assim um dia porque já hoje é melhor do que era, porque esta ideia vae crescendo em nós á medida que nos aperfeiçoamos. Um pequeno da tua edade antigamente não pensava n'estas coisas; mas agora pensa. Porque já vamos comprehendendo que o nosso dever de homens para com os outros homens, não se resume só em dar-lhes uma esmola quando teem fome, mas sim nos obriga a trabalhar para que ninguem tenha fome. Entendes?—

O Paulo não respondeu.

Ficou a scismar. O Manoel tinha razão. Devia ser assim.

—Tio Manoel...—disse elle afinal—mas o que se ha-de fazer para que não haja pobres? O tio Alvaro...—

O Manoel interrompeu-o:

—O Alvaro tem feito muito. Elle pensa em tudo isso. Dá toda a sua alma a essas ideias; dá-lhes toda a sua vida de trabalho; e ainda lhes ha-de

Digitized by Google

dar mais... Tem conseguido muito. Mas eu hei-de fazer mais do que elle; tenho obrigação de ir ainda mais longe porque sou mais novo. Hei-de dar o exemplo, mostrar á gente do campo como se trabalha a terra... E tu, Paulo, ainda has-de ir mais longe do que eu, has-de saber e comprehender o que os do meu tempo não sabem ainda nem comprehendem. Vês tu, caminhamos todos para a maior verdade, para a maior bondade, para a maior força, para a maior justiça, para a maior perfeição... —

O Paulo bebia-lhe as palavras, embalava-se com a musica da sua voz grave e dôce no grande silencio tranquillo da noite.

—Falas como o sr. Viellard;—murmurou elle — dizes quasi as mesmas palavras. E' preciso que eu entenda, que eu entenda bem, e que não esqueça nunca... —

O Manoel continuava:

— Cada um faz o que póde; o Al-

Digitized by Google

varo pelos seus livros, pela sua fortuna, pelas suas influencias, pela politica; eu pela terra, pela minha paixão, pela minha fé na terra, na terra bemdita que ha-de um dia dar pão para todos; e tu... quem sabe? Ninguem sabe o que vaes fazer. Mas seja o que fôr, contanto que dês a tua intelligencia, a tua bôa vontade, toda a tua força, toda a tua vida... Nada se perde e tudo concorre para o mesmo fim...—

O Manoel levantara-se e estava agora de pé deante de Paulo.

Poz-lhe a mão na cabeça:

—Entendes? Entendes?...—

Depois voltou-se para o lado dos pinhaes e da varzea, que a noite encobria, para todo aquelle campo que se estendia sem fim por alli fóra, vago e turvo na escuridão:

—Vês toda esta terra?—disse elle estendendo o braço e apontando—E' preciso mostrar aos homens como ella paga o trabalho intelligente, como ella

Digitized by Google

agradece o nosso amor, como ella ha-de ser a nossa grande salvadora! —

E enthusiasmava-se, falava alto na sua exaltação; já quasi nem via os olhos ardentes do Paulo.

— A miseria da gente do campo!... Se não é uma dôr d'alma vêr tanta terra, tanta terra coberta de matto, abandonada em longos poisios, estragada, perdida... e os homens a passarem-lhe por cima sem trabalho e sem pão!... A terra! A terra bemdita, desprezada e incomprehendida. Não se saber como ella é forte e generosa, como ella tem calor e vida para dar calor e vida a toda a gente! —

— Tio Manoel... — perguntou o Paulo devagarinho, depois de um silencio — é sobretudo na terra que tens esperança, não é verdade? para que um dia deixe de haver pobres?... —

O Manoel respondeu:

— Vês como a terra está escura? Como tudo se nos apresenta agora turvo, de noite? E' assim que a miseria e

Digitized by Google

a ignorancia abafam as forças e o poder da terra. Mas amanhã quando vier o sol, o que n'este momento está sombrio e triste, apparecer-nos-ha cheio de luz e de côres; do mesmo modo a sciencia e o trabalho libertarão a terra e a farão produzir o pão para todos. Verás... verás ainda mais do que eu, porque és mais novo.—

—Tio Manoel...—disse o Paulo pegando-lhe nas mãos apaixonadamente—como eu gosto de ti!—

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

Digitized by Google

Digitized by Google

TERRA BEMDITA

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

— Paulo, — disse o Manoel pondo a mão no hombro do sobrinho — lembras-te d'aquella caçada real aos grilos, n'uma tarde de verão, aqui na charneca, ha cinco annos? —

O Paulo sorriu.

A luz serena de um entardecer de Outomno, estendia-se pelo descampado fóra.

As collinas aveludavam-se ao longe.

O horizonte recortava-se n'um afas-

Digitized by Google

tamento de leguas e leguas sobre o vulto azulado da grande serra...

— Mas que é da charneca? — perguntou a voz sonora e alegre do Antonio.

A Maria José poz-se a rir.

— Como é bom ouvir-te rir! — exclamou o Paulo olhando-a com admiração. — Quando ris, com esse riso tão claro, dás coragem, animas, alegras toda a gente. As nossas almas riem comtigo. —

— E' verdade. — acrescentou o Manoel — Todas as mulheres deviam rir como tu. Com certeza os homens seriam mais fortes e trabalhariam melhor. —

Calaram-se todos quatro.

D'ahi a um instante a Maria José disse:

— Tu sabes, Manoel, que ainda hoje me parece tudo isto um sonho? —

— Isto, o quê? —

— Isto... — E apontava para o que era d'antes a charneca, a char-

Digitized by Google

neca esteril e inutil, a terra pedregosa, resequida e nua, abandonada a pastagens magras, pobres, coberta de matto curto, *onde não se escondia uma relva...*

Por alli fóra, a perder de vista, na vertente das collinas afastadas onde o trigo rompia já, espetando as lancetas agudas das suas primeiras folhas e esverdeando vagamente o chão; onde as oliveiritas novas se alinhavam descendo até ás baixas, como batalhões ordenados e tranquillos; mais perto, onde as grades corriam sobre as superficies lavradas atrás dos espalhadores de adubos e dos semeadores mecanicos; nas linhas escuras que os valladores abriam para o escoamento das aguas; nas leivas revolvidas, nos enormes torrões erguidos, nos regos fundos rasgados pelas relhas das possantes charruas automoveis que avançavam offegantes; para a direita, para a esquerda, até onde os olhos podiam vêr, por toda a parte, a terra fecunda resurgia n'um arranco triumphante de vida

Digitized by Google

nova, de trabalho vigoroso, de abundancia e de riqueza.

Os conductores dos automoveis cantavam e riam; os homens guiando os animaes atrelados aos semeadores, aos espalhadores e ás grades, cantavam e riam; os valladores cantavam e riam; o trabalho equilibrado e proporcionado, o trabalho justo e remunerador cantava e ria sobre a terra, sobre a bôa terra que dava tanto pão!

Tantos homens espalhados sobre a superficie enorme!

Eram como formigas, pequeninos, pontos que o afastamento diminuia e apagava. E no emtanto eram *elles,* era o seu esforço que fecundava a terra, que a fazia dar os thesouros tanto tempo ignorados e escondidos debaixo d'aquella capa de aridez que esperava apenas que a rasgassem...

—Lá vem o Alvaro!—exclamou o Manoel apontando para um vulto que se approximava devagar, parando aqui e além, a vêr os trabalhos.

Digitized by Google

— Manoel — disse elle quando já vinha perto — Acabam de me procurar mais cinco homens pedindo trabalho para a semana.

O Manoel riu-se:

— Diz-lhes que sim, que venham. Cinco, vinte, quarenta... ha que fazer para todos os homens de bôa vontade.—

— Tio Manoel — perguntou o Paulo — lembras-te de quando os gadanheiros vieram pedir trabalho, n'aquella mesma tarde aqui? O tio Alvaro disse-lhes que não podia ser; e ficámos todos sob o peso de uma angustia...—

— Eu lembro-me! — exclamou o Alvaro — Quanto aquillo me custava! —

O Paulo continuou:

— Quando os homens partiram, por ahi fóra, tristes, e com a sombra da miseria atrás de si, eu perguntei-te: — E agora tio Manoel... o que se ha-de fazer agora? — Não me respondeste. —

O Manoel olhava para elle com bondade:

*

Digitized by Google

— Levei cinco annos a responder-te. Cinco annos é muito tempo... Mas não te parece que a resposta é de tal ordem que faz esquecer a demora? —

— Paulo! — gritou o Antonio que estava lá adeante a vêr passar as charruas automoveis que recolhiam á quinta. — Anda cá. Temos uma machina que precisa reparação. Vem tomar nota dos apparelhos que entram ámanhã na officina. —

O Paulo afastou-se apressadamente, procurando nas algibeiras a carteira e o lapis.

— O que estes rapazes me ajudam é extraordinario. — disse o Manoel. — Parece-me que não poderia fazer metade do que tenho feito, sem elles. Somos como um corpo com tres cabeças. Temos o mesmo enthusiasmo, a mesma paixão, a mesma persistencia que nada consegue desanimar. —

— São novos e teem fé . . . — murmurou o Alvaro.

— E tu, Alvaro, como tu me tens

Digitized by Google

ajudado! — continuou o Manoel — Tens-me entregado rios de dinheiro. Agora, emfim, vês que isto produz e que o dinheiro espalhado n'este chão, refilha como o trigo... Mas ao principio, era só gastar, só gastar... Confesso-te que eu proprio, ás vezes, tinha momentos de anciedade, de pavor... A terra chegava a metter-me medo como um sorvedouro. Mas tu nunca hesitaste. —

O Alvaro respondeu com a sua voz grave e tranquilla:

— E' verdade; nunca hesitei. Comprehendi que era o meu dever empregar o mais possivel na terra. Comprehendi que não tinha o direito de possuir tantas extensões incultas quando os campos estão cheios de gente sem pão e sem trabalho. Gozar, sem o minimo esforço, dos meus capitaes mettidos em bancos seguros e passeiar socegadamente pelas minhas charnecas estereis emquanto os miseraveis homens do campo se disputam uma

Digitized by Google

geira de terra... Não; isso era contra a minha consciencia. Eu esperava-te, Manoel. Se o nosso esforço falhasse, paciencia. Ficaria talvez arruinado, mas guardaria para mim a riqueza immensa de uma consciencia tranquilla. Não tens que me agradecer. Eu é que te agradeço porque foste o braço poderoso, a vontade de ferro, a intelligencia esclarecida, que realizaram o meu pensamento.—

A Maria José olhava para os dois e sorria devagarinho com aquelle sorriso que era uma claridade.

Não havia em todo o mundo n'aquelle momento, uma creatura mais feliz do que a Maria José.

Quando chegaram a casa, o sr. Viellard disse-lhes:

—A Beatriz precisa do vosso conselho e do vosso auxilio para resolver um novo problema...—

Mas a Beatriz nem o deixou acabar.

—Eu sou uma pateta—declarou ella—e não sei as voltas que devo dar

Digitized by Google

para chegar ao fim. Mas é preciso achar o caminho, não é verdade, sr. Viellard? —

— Com effeito — respondeu o sr. Viellard — parece-me que ella tem razão. Estas mulhersinhas modernas... como ellas pensam! como ellas pensam nas coisas graves! —

E o sr. Viellard esfregava devagarinho as suas mãos côr de rosa.

O Alvaro perguntou:

— Mas o que temos, finalmente? —

— Olha, tio Alvaro, — disse a Beatriz — eu vou contar tudo desde o principio. Quando ia a sahir da leitaria, ainda agora, appareceu-me a Joaquina. A Joaquina, lembras-te? aquella que tinha as sezões... Sabes que ella casou. Mas teve má sorte, coitada. O marido morreu-lhe e deixou-lhe duas creanças. Imagina, duas creanças pequeninas! Uma ainda é de peito. A Joaquina agora está forte, bôa de saude. Mas de que serve? Não póde ir trabalhar e deixar os filhos sósinhos.

Digitized by Google

Tem vendido coisas para o ar sustentando; agora já não sabe o que ha-de fazer. Tive muito dó d'ella; disse-lhe que viesse ámanhã, que talvez a podessemos empregar na leitaria, que trouxesse os pequenos, que tudo se arranjaria... A rapariga foi-se embora toda contente. E... eu sentei-me ali n'aquelle canto a scismar...—

Todos escutavam a Beatriz com attenção. Seguiam-lhe a expressão dos olhos intelligentes; toda a sua belleza desabrochava em doçura e em bondade como uma flôr delicada e cheia de perfumes.

—E em que scismavas?—perguntou o Manoel.

—Scismava... Bem vês, o caso da Joaquina estava resolvido. A tia Maria José e eu haviamos de achar um meio de lhe acudir, de remediar. Isso já não me preoccupava. Mas... quantas mulheres se encontram por esses casaes, por esses povoados nas mesmas condições da Joaquina? Em

Digitized by Google

o homem faltando, ou porque morra, ou porque vá para o hospital, ou para a cidade, ou para o Brazil... eu sei lá! É a miseria. Entendes, não é verdade? E então pensei que era preciso organizar-se... não sei bem explicar... uma especie de recolhimentos, ou asylos, espalhados pelos campos onde as mães que precisam trabalhar fóra, possam com segurança deixar os filhos durante o dia... —

A Maria José ouvia com um grande interesse.

— Crèches ruraes... — murmurou ella.

— Mais uma instituição excellente que póde ficar a cargo da Assistencia — acrescentou o Alvaro.

O sr. Viellard sorriu voltando-se para a Beatriz.

— A tua ideia vae germinar, minha filha... Cahiu em bôa terra, descança. —

Houve um momento de silencio; depois o sr. Viellard continuou:

Digitized by Google

— Pouca gente se póde gabar de uma felicidade como a que eu tenho! Ser velho e assistir ao alvorecer das ideias de onde a vida bondosa e superior do homem surje emfim na comprehensão justa dos seus deveres, desembaraçando-se da ganga de animalidade que ha tanto tempo lhe prende as suas azas de anjo! Que importa a velhice e a morte quando temos em nós a fé ardente no futuro melhor que espera a humanidade?! —

— Bravo! Bravo! — exclamou o Antonio que trepava correndo a escadaria, com a blusa cheia de nodoas e as mãos todas sujas do azeite das machinas — Paulo! vem ouvir o discurso do sr. Viellard!... Querido sr. Viellard!... não se zangue... Sabe que o adoro. Estou a brincar... Como tem razão!... Sr. Viellard, sinto uma força em mim! Nós vamos transformar o mundo! —

E desappareceu para dentro de casa para se lavar e mudar de fato.

Digitized by Google

N'essa noite, depois do jantar, quando o Alvaro se preparava para a leitura dos seus jornaes, vieram dizer-lhe que estavam alli uns homens que desejavam falar-lhe e ao Manoel.

— Que homens? E o que nos querem? —

O Duarte, explicou:

— Não sei bem. São muitos. Falaram do baldio e que precisava pedir conselho a Vossas Ex.as. Mas não os entendi bem. —

— Diz-lhes que entrem no meu escriptorio. Nós já lá vamos. —

O Duarte sorriu:

— Queira V. Ex.a desculpar; mas não cabem no escriptorio. —

— Não cabem no escriptorio!? — perguntou o Manoel levantando-se e approximando-se da janella. E logo a seguir accrescentou: — Effectivamente vejo uma grande quantidade de gente alli no largo... Olha, Duarte, accende o lampeão e fal-os subir para o terraço. E' o melhor. —

Digitized by Google

— Temos commissão; — observou o Alvaro sorrindo — o que será? —

Quando entraram no terraço, viram-se em frente de uma grande quantidade de homens do campo, endomingados; apertavam-se uns contra os outros, ao cimo da escadaria.

— Entrem, entrem... — disse o Alvaro — estejam á sua vontade. —

Então avançou um velhito de suissas brancas, risonho e esperto, que era o pedreiro da casa havia muitos annos:

— Pedimos desculpa de vir a esta hora! mas temos o dia tomado pelo trabalho... Pedimos desculpa de incommodar... —

— Está muito bem. — respondeu o Alvaro — Nunca nos incommodam. Somos amigos, não é verdade? Estamos sempre ás suas ordens. —

— Muito obrigado a V. Ex.ª. Pois o caso é o seguinte. Somos todos como V. Ex.ª sabe, do conselho; e o baldio é nosso. —

O velhito calou-se um momento.

Digitized by Google

O Manoel sorria.

— O sr. Manoel está a rir... — e o velhito sorria tambem — Aposto que já adivinhou o que a gente quer... —

E continuou:

— Pois a questão é o baldio. Nem mais nem menos. E' o baldio. Aquillo é um descampado que está para alli, que pertence a todos... Uma charneca de mais de uma legua e que, assim como está, não valle dois patacos... A gente anda sempre em cima d'ella a roçar um mattito que não presta... As cabras correm-n'a toda e voltam á noite para o curral estafadas e com fome... E d'ahi então... a gente considerou... —

O Manoel interrompeu-o:

— Logo nos primeiros tempos quando aqui cheguei e que principiaram os nossos trabalhos eu falei-lhe do baldio, Carlos. Lembra-se? Disse-lhe que achava uma vergonha, aquella terra assim morta... Você abanou a cabeça e respondeu-me que era melhor deixar es-

Digitized by Google

tar as coisas como estavam, que a terra não prestava, e não sei que mais. Vocês todos diziam o mesmo... Então agora mudaram de ideia?—

O Carlos dava voltas ao chapeu entre os dedos e olhava para o Manoel com os seus olhinhos espertos; a cara enrugava-se-lhe toda n'um sorriso vivo de sympathia.

—Então que quer V. Ex.ª?—respondeu elle afinal—Quem não sabe é como quem não vê. Agora é outra coisa... O que V. Ex.ª fez da charneca do sr. Alvaro!—

—Diga tudo, sr. Carlos!—exclamou uma voz lá de entre os homens—Diga tudo, homem! não se envergonhe!...—

—Pois a verdade tem de se dizer;—tornou o Carlos—e os senhores não me levem isto a mal! A gente não gosta que lhe mexam no que é seu porque o mais certo é ficar tudo peior do que estava. Ainda me lembro quando foi do baldio alli da Penha... Co-

Digitized by Google

meçaram a dizer que era preciso dividir, cultivar, levar a terra á praça... Andaram com aquillo para trás e para deante; afinal já ninguem se entendia. O povo não queria; a rapazeada lá do conselho foi de sucia á villa, apedrejou casas... o diabo! Houve prisões e mortes. Finalmente o que succedeu? Aforaram o baldio e a terra agora dá pão... Mas para quem é o pão? E' para os senhores fidalgos que aforaram tudo. E o povo?... O povo ficou a vêr navios. E é sempre a mesma historia. A gente já sabe... e por isso não quer que lhe mexam nos seus baldios. Bôa ou má, a terra é da gente. Não presta, não rende nada... mas é nossa. Sempre dá um desafogo ao nosso gadito e sempre se lhe tira a cama para o curral. Ahi é que está... O povo não póde nada mas o povo lá entende que se lhe veem mexer nas suas coisas é para ficarem peior do que estavam...—

Correu entre os homens um murmurio aprovativo.

Digitized by Google

O Carlos limpava a careca ao lenço tabaqueiro; estava tremulo de commoção.

— Mas então o que é que vocês querem? — perguntou o Alvaro. — Nós não pensamos em lhes tocar no baldio contra sua vontade. —

— Pois ahi é que está!... — acudiu o Carlos — E' que a gente sabe que os senhores não são como os outros. Os senhores pensam nos pobres... Elle é augmentar os jornaes, elle é não recusar trabalho, elle é não querer senão oito horas de trabalho por dia... —

— E a Assistencia? E o banco rural?... — disse uma outra voz lá do meio dos homens — E o seguro do gado! D'antes, se nos morria um boi, a gente ficava arrazada. Agora... morreu? Bôas noites!... o seguro paga e a gente não se rala. Vi n'outros tempos homens a chorar a morte de uma cabeça de gado, nem que fosse uma pessôa de familia. Agora com dez

Digitized by Google

reis de mel coado que paga por anno, compra o seu socego . . . —

— Pois é, — interrompeu o Carlos enthusiasmado — Que diabo! Os senhores são homens com quem a gente se entende . . . Olhe, o costume é assim; quando se vê uma bôa casa de lavoura a enriquecer, a gente diz logo: — Meus amigos, a agua corre para o mar. — Não nos faz quente nem frio . . . A's vezes, mais frio do que quente . . . —

Os homens riram-se.

O Carlos sorriu e continuou:

— Vê? A gente ri da miseria para não chorar. O que se lhe ha-de fazer? Mas vamos ao caso. Tem pouco que saber. D'antes não queriamos que nos mexessem no baldio porque tinhamos medo que o papassem como ao da Penha. Agora não temos medo; confiamos em Vossas Ex.as E . . . então viemos aqui para perguntar como ha-de ser. —

E a cara do velhito, vermelha e

Digitized by Google

afogueada do esforço que fizera para falar tanto, resplandecia de bôa fé.

O Alvaro deu-lhe uma palmada no hombro.

— Meu velho Carlos, tu não sabes o prazer que me dás. Palavra de honra, que se em tudo que faço, tivesse gasto a minha fortuna inteira, dava-a por bem empregada n'esta hora. —

Duas lagrimas muito brilhantes pozeram-se a dançar nos olhitos piscos do Carlos e não o deixaram dizer mais nada. O Manoel voltou-se para os homens:

— Contem comnosco. Contem com toda a nossa lealdade, com todo o nosso esforço. —

— Vamos estudar essa questão — continuou o Alvaro — Comprehendem que não podemos responder assim de repente. É preciso pensar, estudar primeiro, entendermo-nos com a gente da camara municipal... Mas estejam descançados... Vão descançados que

Digitized by Google

ainda hão-de comer com fartura o pão do baldio...—

—Pois é... pois é...—murmurava o Carlos tentando sorrir.—O sr. Alvaro arranja as coisas, estuda nos livros, entende-se com os que mandam...—

Um dos homens interrompeu:

—E o sr. Manoel diz á gente como se trabalha a terra...—

Outro homem disse, rindo:

—Elle é que sabe... Se quizer tira trigo do telhado das nossas casas!...—

Os homens riam-se; estavam contentes; cheios de bom humor.

E dando as boas noites, com muitos agradecimentos, lá desceram a escadaria e partiram.

O Alvaro e o Manoel ficaram encostados á balustrada do terraço a olhar para elles.

Depois de um momento de silencio, o Alvaro disse:

—Vês? O que é preciso é sinceridade. Prepara-se a terra e semeia-se o

Digitized by Google

trigo em boas condições; depois espera-se. A semente germina. Não póde deixar de germinar. Vês como as plantasitas vigorosas vão já furando a terra? —

E o Alvaro apontava para os homens que se afastavam conversando e rindo.

E continuou:

— Que bella seara, Manoel, que bella seara quando a confiança e a comprehensão justa das coisas desabrocharem e crescerem no coração de todos os homens! —

— Estamos ainda longe... — murmurou o Manoel — Mesmo no nosso conselho, a Ideia apparece apenas ainda em germen... —

— Ella crescerá, — respondeu o Alvaro com força — ella crescerá, alastrando-se, ramificando-se, desenvolvendo-se, cobrindo a terra toda!... —

Digitized by Google

CAPITULO II

No dia seguinte estavam almoçando quando se ouviu o rolar de um carro pela avenida abaixo.

— Quem será ? ! —

O sr. Viellard levantara-se e espreitava a carruagem.

— E' o Rodrigo. — Disse elle.

— O Rodrigo ! ! — exclamaram ao mesmo tempo a Beatriz e o Paulo.

E correram para o terraço.

Todos os seguiram.

D'ahi a pouco um rapagão alto e robusto com um buço que apontava e uma cara morena radiante de vida e de alegria, subia correndo a escada e era recebido aos abraços.

Digitized by Google

— Mas o que foi isto?! —

— Que surpreza tão boa! —

Durante alguns instantes ninguem se entendia. Todos falavam a um tempo.

— Já almoçaste? — perguntou a Maria José.

— Qual!... Nada. — respondeu o Rodrigo. — Mas não é preciso. Basta-me o prazer de os vêr. E' tão bom estar aqui! E' tão bom abraçal-os a todos! —

Depois de novamente installados á mesa, o Rodrigo que já perguntara duas vezes pelo Antonio sem que ninguem lhe respondesse n'aquella barafunda da sua chegada, repetiu pela terceira vez:

— Mas não me dirão onde está o Antonio? —

— Não se sabe; — respondeu o Alvaro — aquelle maluco sahiu hoje a cavallo de madrugada sem dar cavaco a ninguem. —

— Nem sequer a mim — acrescentou o Paulo.

Digitized by Google

Mas a Beatriz interrompeu-o:

— Mas tu, Rodrigo, conta lá... Como estás aqui de repente quando todos nós te julgavamos ainda em Paris a estudar?! —

— Então?... Voltas que o mundo dá. O meu pae mandou-me chamar. Eu tinha o meu curso acabado e elle precisou de mim na fabrica. Sou uma pessôa *de quem se precisa!...* —

O Alvaro sorriu:

— Bravo! Olha que nem todos os rapazes da tua edade podem dizer outro tanto. Isso é uma fortuna! —

— Que deliciosa manteiga! — exclamou o Rodrigo saboreando uma fatia barrada de manteiga doirada e brilhante.

O sr. Viellard olhou por cima das lunetas para a Beatriz:

— Diz isso á minha discipula se lhe queres tocar na corda sensivel. —

O Rodrigo voltou-se para ella:

— Não é para te lisongear; mas não comi nunca uma manteiga que se

Digitized by Google

podesse comparar a esta. Porque é que este assumpto é a tua corda sensivel? —

A Beatriz ria de contente:

— Ora essa! Porque a leitaria está ao meu cuidado. Ha quanto tempo não vens cá? Aposto que não viste a leitaria depois das obras. —

— Não vi, não. Mas quero vêr. Ha mil coisas que eu quero vêr. Teem-me contado maravilhas do vosso trabalho aqui. —

N'este momento um creado veio dizer ao Alvaro:

— Se Vossas Ex.as querem vêr a passagem dos toiros lá no portão, teem de ir já. O Bernardino veio agora alli á cozinha; já se ouvem as chocas. —

O Alvaro perguntou com socego:

— Toiros?! —

— Sim, — respondeu o Manoel — Talvez alguma mudança de pastagens. —

A Beatriz e o Paulo tinham-se levantado.

Digitized by Google

— Vamos, vamos... — diziam elles.

— Que bôa sorte a minha! — exclamou o Rodrigo córado de prazer — Apanhar uma scena d'estas que nunca vi! —

A Maria José que sahira da casa de jantar, voltava apressadamente com o seu grande chapeu de palha.

— Tambem vou. É tão pittoresco! —

O sr. Viellard já estava no terraço, de bordãosinho na mão, prompto a marchar, ao lado do Manoel.

— Mocidade! Mocidade! — disse o Alvaro batendo-lhe no hombro, a sorrir — Veja, meu amigo, eu já não me tento com essas coisas! —

— Pois eu não perco estes aspectos do Ribatejo; — respondeu o snr. Viellard — é tão alegre!... —

E partiram, emquanto o Alvaro se installava no terraço e accendia socegadamente o seu charuto.

Quando chegaram lá acima, ao portão, encontraram tudo cheio de gente.

Criadagem, familias dos moços de

Digitized by Google

lavoura, algum pessoal do serviço que andava perto, tinham-se juntado alli abrigados pelo portão de ferro que fechava o muro do jardim.

Uma porção de garotos trepara para cima do muro e fazia lá de cima grande algazarra, agitando os carapuços e gritando, já a ensaiar as vozes para as futuras farçoladas do *sol* nas praças embandeiradas e cheias da esbrazeante claridade dos domingos de Agosto...

Trocavam-se commentarios animados.

A alegria tornava-se cada vez mais ruidosa.

As gargalhadas e os ditos partiam e estalavam como foguetes.

—Ouvem as chocas?—gritou a voz de um garoto, aguda como o silvo de um melro.

Um dos moços, o Ricardo, chegou correndo, offegante, com um braçado de forquilhas.

—Eh! rapazeada! Eh! valentes!—

Digitized by Google

exclamou elle — Salta cá para fóra! *Rrraio* de medo!... Vae-se fazer aqui uma casa da guarda... real! —

Foi um delirio.

Eram mais os homens do que as forquilhas.

— Nada de asneiras! — disse o Manoel — Venham cá para dentro. —

Mas o Ricardo implorou:

— Ah patrão!... Não ha novidade... Até era uma vergonha para a casa se a gente ficasse da banda de dentro do portão! —

O Manoel sorriu e encolheu os hombros.

Entretanto os moços tinham sahido todos.

As mulheres admiravam-n'os.

— Sempre são... — diziam ellas. E sorriam, desvanecidas.

Uma fila de quatro campinos surgiu a passo no alto do outeiro, caminhando direito ao portão.

As silhuetas estampadas no ceu, tinham o quer que fosse de cavalleiros

Digitized by Google

antigos, direitas sobre as almatrichas altas, os pampilhos erguidos ao ceu como lanças. Houve um momento de commoção. Toda a gente se calou.

— Toiros! — gritou um dos campinos — Arreda! —

Então passou um vento de loucura.

O Ricardo perdeu a cabeça. Saltou para o meio da estrada n'uma fanfarronada de delirio, atirou com o barrete ao chão com força, bateu as palmas, arqueou as pernas, juntou as mãos sobre os rins...

Os espectadores pozeram-se a berrar:

— A' unha! —

— Eh! Real!... —

— Arreda, alma do diabo! —

— Raios te partam! —

As imaginações ardentes, excitadas, tinham visões da praça innundada de sol: o amphitheatro apinhado de gente, as côres gritantes, a musica atirando pelo ar a alegria crua dos instrumentos de metal...

Digitized by Google

Um dos garotos, em cima do muro, juntou as mãos deante da boca, imitou o signal da corneta.

Assobios, gritos, gargalhadas, exclamações, toda a agitação do enthusiasmo que está sempre latente no sangue vivo do ribatejano.

— Que linda coisa! Que intensidade de pittoresco! — dizia o sr. Viellard saboreando com a vista o espectaculo picante d'aquella *espera* com a mesma expressão de prazer com que poderia saborear á mesa uma conserva exotica.

Entretanto formara-se a serio a casa da guarda, ao lado do portão, contra o muro.

Os campinos tinham descido o outeiro a meio galope.

Queriam mandar desfazer a casa da guarda.

Um dos moços zangou-se:

— Passa de largo ou furo-te a pileca, diabo! —

O Manoel interveiu; ficou a casa da guarda.

Digitized by Google

— Com a fortuna! que grande espera! — disse o Manoel a um dos campinos apontando para o outeiro.

— Saberá V. Ex.ª que o gado é muito e de fama. Soube-se e veio gente da villa, que é mesmo por demais. —

— De quem é o gado? —

— Do sr. Garcia. A gente vem da leziria por causa das sementeiras. Vamos para a serra. —

Passavam já alguns carripanos desconjuntados com rapazes da villa, vermelhos e suados de gritar. As pilecas estafadas traziam guizalheiras, rabos de raposa pendurados nas cabeçadas, fitas de côres e sardinheiras vermelhas . . .

E tudo vinha sujo, coberto de poeira, cançado e com um ar de loucura.

Agora descia a encosta um grupo de cavalleiros . . .

Gente nova, lavradores dos arredores, nos seus melhores cavallos arreados á campina: estribos de pau com os metaes reluzentes, freios sim-

Digitized by Google

ples, cabeçadas chapeadas, as caudas dos animaes entrançadas passadas no rabicho, e as mantas hespanholas listradas de côres vistosas enroladas, apertadas nas correias do orção e aparecendo por debaixo das pelles brancas de carneiro.

E desciam a passo levantado. Os cavallos peninsulares excitados pela proximidade dos toiros, enfeitavam-se, jogavam das mãos, mascavam o freio e sacudiam as cabeças salpicando de espuma o peitoril. Alguns, afrontados pela impaciencia nervosa dos donos, empinavam-se.

As ferraduras largas batiam com estrondo no chão, levantavam nuvens de poeira.

—Olha! Olha! O menino Antonio! —gritaram de repente umas poucas de vozes.

A Maria José poz-se a rir. Iam-se-lhe os olhos cheios de orgulho, no filho, que mettendo o cavallo a galope, chegara antes dos outros deante do

Digitized by Google

portão, e de pampilho ao hombro, fazia ladear o cavallo a preceito, como nas cortezias. O Rodrigo, muito excitado, divertidissimo, agitava o chapeu, berrava:

— *Viva la gracia!* —

O Antonio ao dar com os olhos n'elle ficou pasmado, mas não teve tempo de dizer nada; os outros cavalleiros iam passando e, reunindo-se-lhes novamente, seguiu pela estrada abaixo.

Atrás dos ultimos cavalleiros appareceram mais quatro campinos, e logo a seguir, a cabeçorra taciturna do boi da guia.

— Agora é que é certo! —

— Coragem lá fóra, os da casa da guarda!

— Elles que venham para cá!... —

Chegados uns aos outros formando um corpo só, os cabrestos com a sua pellagem amarella e as grandes armações abertas, entornavam-se do coruto do outeiro e desciam devagar, pesa-

Digitized by Google

dões, mansos, com um ar de estupidez pacifica e inconsciente...

E, logo depois...

Que onda de commoção!

Negros, grandes, gordos, luzidios das pastagens verdes da leziria, com os olhos esgazeados e selvagens, espantados de tudo, attentos, os musculos rijos avolumando sob a pelle flexivel, ageis e possantes, os movimentos rapidos e imprevistos, elles ahi vinham... os toiros!

Apertados uns contra os outros, marchavam n'um passo inquieto. As garupas ondulavam, as cabeças bem armadas tinham distracções...

Levantou-se uma vozearia:

— Eh! Eh, boi!... —

Os garotos acenavam com os carapuços e com os lenços.

Um dos toiros que ia na borda da estrada, parou um momento e olhou, de cabeça levantada, com um ar soberbo de desafio, para toda aquella gente.

Digitized by Google

Um campino espetou-lhe a ponta do pampilho na garupa.

O animal deu um coice, sacudiu-se todo com um mugido de raiva e fitou a casa da guarda.

Os moços atiçavam-n'o dando patadas no chão, lançando-lhe os carapuços ao focinho.

— Eh! Real!... —

— Vens ou não vens! —

Os outros bois iam passando; e aquelle, parado.

O campino apontou-lhe o pampilho á pescoceira de onde pendia uma barbela imponente.

O toiro ergueu a parte deanteira n'um movimento brusco de impaciencia e de furor; depois começou a raspar a terra, baixou a cabeça; a lingua pendia-lhe da boca aberta e espumante; soprava no chão levantando a poeira.

De repente investiu contra a casa da guarda.

— Eh! rapazeada! Aguenta . . . aguenta! . . . —

Digitized by Google

O Rodrigo debruçava-se tanto lá de cima da arvore que por pouco não cahia.

Os campinos da frente sopeavam os cavallos o mais que podiam a vêr se o toiro reentrava nas fileiras antes dos outros acabarem de passar.

Os de trás gritavam e tentavam distrahil-o.

As pragas esfuziavam de mistura com as gargalhadas e as exclamações...

Os moços defendiam-se como valentes...

O animal dera já duas arremettidas quando o Antonio mettendo de volta pelo matto, a galope, saltou para a estrada, passou pelos campinos como um furacão, ferrou o pampilho com mestria no pescoço do toiro e fincando a outra ponta contra o hombro, curvado sobre o arção, obrigando á esporada o cavallo a avançar, desviou o boi da casa da guarda e encostou-o de surpreza ao flanco dos ultimos animaes que passavam.

*

Digitized by Google

Os campinos da frente largaram a galope. O boi da guia seguiu; e toda a massa dos cabrestos e dos toiros partiu em turbilhão, estrada abaixo, no meio de uma vozearia ensurdecedora.

Tudo isto não levou mais de meio minuto; e um momento depois, apenas se via lá adeante uma nuvem espessa de poeira.

Os moços encostaram ao muro as forquilhas e limparam o suor da cara, commentando com enthusiasmo o feito do Antonio.

O sr. Viellard olhou para a Maria José.

Mudara ligeiramente de côr. Mas sorria devagarinho, passado o momento agudo do perigo.

— Vamos para casa; — disse o Manoel emquanto a gente do serviço se dispersava a pouco e pouco — agora não ha mais nada que vêr . . , —

. . . . . .

— Estás descançado das tuas commoções ribatejanas? — perguntou o

Digitized by Google

Paulo ao Rodrigo depois de uma grande conversa no terraço onde todos esgotaram os commentarios ao acontecimento da espera dos toiros.

—Descançadissimo, —respondeu o Rodrigo — e satisfeitissimo. —

O Alvaro disse:

—Porque não vão vocês agora mostrar ao Rodrigo o lagar de S. Marcos para elle fazer uma ideia dos lagares communs, visto estar tão curioso de vêr os nossos trabalhos? —

O Rodrigo levantou-se logo.

—E' uma ideia excellente. O Paulo falou-me por alto da organização dos lagares communs; e é realmente uma das coisas que mais me interessam na nossa obra. —

Pelo caminho, o Manoel, respondendo ás perguntas do Rodrigo, explicou:

—Como decerto já sabes pelas cartas do Paulo e pelo que viste com os teus proprios olhos da ultima vez que aqui estiveste, o antigo processo de se

Digitized by Google

fazer azeite era selvagem: As prensas de vara primitivas, atravancadoras, imperfeitissimas, deixando nos bagaços percentagens consideraveis de azeite; a demora das azeitonas salgadas nas tulhas infectas de onde o fructo sahia para a laboração já deteriorado; a immundice de toda a fabrica, a escuridão, a desordem...—

—Sim, estou vendo tudo isso...—

—Os lagares que trabalhavam para fóra guardavam maquias exageradas e a sua organização era tal que permittia toda a sorte de fraudes...—

—Comprehendo.—tornou a dizer o Rodrigo—E a victima era, já se vê, o pequeno agricultor que não tinha outro processo de tirar azeite das suas poucas azeitonas e que devia submetter-se como sempre, á lei do mais forte...—

—Isso mesmo.—continuou o Manoel—E então pensámos na organização dos lagares communs, uma forma da ideia associativa applicada a este

Digitized by Google

ramo tão importante da riqueza dos nossos campos. —

— Como fizeram? —

— E' muito simples como qualquer applicação da doutrina em si. A unica difficuldade é fazel-a entender. Depois marcha perfeitamente. Reunimo-nos uns poucos de lavradores mais abastados e cada um contribuiu com um tanto para a fundação do primeiro lagar. Construimos sem luxo uma fabrica vasta, arejada, cheia de luz, perto de uma abundante nascente de agua que nos garantia a facilidade do asseio constante. Mandámos vir machinas estrangeiras aperfeiçoadas e pozemos aquillo em andamento sob um regimen de contabilidade rigoroso e honesto. As percentagens de azeite produzido eram taes comparadas com as dos antigos lagares que o povo a principio desconfiava de tanta ventura, temia um *bruxedo,* um ardil qualquer... Depois a pouco e pouco foram ganhando confiança, foram acudindo ao vêr o

Digitized by Google

nosso azeite, muito fino, a [illegible] prensas. mercado preços bem superi[illegible] [illegible]s antigos. Agora não temos mãos a medir. Recebemos maquias insignificantes. Uma parte dos nossos lucros paga o juro do dinheiro empregado, outra parte amortiza o capital fundiario e.. temos as despezas já quasi todas reembolsadas, isto sem prejuizo de ninguem...—

—Pelo contrario!—interrompeu o Rodrigo enthusiasmado—Pelo contrario!... visto que os pobres moem as suas azeitonas em excellentes condições, alcançam producções bem maiores e um azeite de excellente qualidade que lhes permitte lucros muito superiores. Como tudo isto é simples e encantador! Se todos os homens fossem como vocês e entendessem as coisas d'este modo...—

—Olha!—exclamou o Paulo—Aqui tens o lagar... *um dos lagares* communs do concelho, porque agora o nosso exemplo já foi seguido e existem

Digitized by Google

ramo espalhados por toda a região. —

Era uma construcção muito simples; mas apenas entrou o Rodrigo ficou admirado porque, no costume de vêr a immundice, a escuridão e a desordem dos antigos lagares, nem podia acreditar no que alli presenceava.

O pequeno motor de gaz pobre collocado n'um compartimento separado communicava subterraneamente o movimento e a vida a todo o machinismo da casa de fabrico.

A azeitona elevada para o sotão, exteriormente, por um parafuso de Archimedes e recebendo na sua ascensão um poderoso jacto de agua pura, chegava lá acima limpa e fresca; e depois de umas horas de secagem em taboleiros especiaes, era lançada na tremonha de onde continuamente cahia cá em baixo na primeira moenda.

— Repara na moenda; — disse o Paulo ao Rodrigo, — é uma maravilha. —

Digitized by Google

Tinha o quer que fosse de humano, aquella moenda silenciosa e intelligente. Sobre a azeitona cahida no rasto, a primeira mó passava fazendo estalar os fructos frescos e turgidos; logo depois a segunda mó insistia no trabalho de trituração, e era seguida pela pá de ferro que atirava para o alçapão subitamente aberto, a massa perfumada. Os operarios acabavam n'aquelle momento de formar os castellos de ceiras, e o prato superior das prensas de alavanca, pequeninas e airosas, de columnas finas e reluzentes, descia devagar.

— Anda vêr . . . — exclamou o Manoel puxando pelo braço o Rodrigo que admirava o trabalho perfeito da segunda moenda.

E apontava para os castellos de ceiras comprimidos pela acção lenta e possante dos pratos que desciam.

Escorrida a agua russa, o azeite começava a apontar, escapando-se entre as malhas do esparto, brilhante e luminoso; e em breve recobria todos

Digitized by Google

os castellos, de alto a baixo, de uma resplandecente cabelleira de oiro liquido.

— Chega a ser lindo . . . — dizia o Rodrigo — E que delicioso aroma a fructos frescos! —

O esforço dos homens nos braços das alavancas era minimo.

Não havia entre os operarios aquelle ar doloroso de embrutecimento e de miseria que pesa sobre os homens reduzidos pelo trabalho brutal e mecanico a bestas de carga. Havia entre elles a alegria orgulhosa de seres responsaveis dirigindo a força dos machinismos insensiveis e poderosos que dependiam da sua intelligencia e que lhes obedeciam.

O trabalho era methodico; tão bem calculado que não havia paragem nem confusão na marcha regular do fabrico.

O Rodrigo estava encantado. Percorria com um prazer intenso as differentes secções; parava a examinar

Digitized by Google

no armazem de depuração, o azeite que vinha da casa de fabrico passando em canos largos através da parede, cahir nos depositos separadores n'um fio de oiro continuo e dôce.

— Como é lindo! — repetia elle.

E acrescentava, pensando no bem estar, no augmento de riqueza que tudo aquillo representava para as populações dos campos:

— E' oiro, realmente... E' oiro...—

Digitized by Google

CAPITULO III

N'essa tarde o Rodrigo disse á Beatriz:

— Não esqueço a tua promessa de me levares á leitaria. Estou como os desgraçados atacados de fome canina: quanto mais como mais quero comer. Vejo em volta de mim a perfeição em todas as coisas. É um sonho que desejo fixar por todos os modos na minha cabeça e no meu coração. —

— Então vem já, meu esfomeado; — respondeu a Beatriz sorrindo — a hora é excellente; está tudo em plena actividade. Vem tambem, tia Maria José, tu que me ajudas tanto! —

Digitized by Google

Iam já a sahir, quando a Beatriz se voltou para trás:

— Então o que é isso, tio Manoel? O meu mestre, o meu director, abandona-me no momento solemne da minha gloria? —

O Manoel levantou-se, rindo:

— Estava modestamente á espera que me chamasses... —

Apenas entraram na leitaria, a Beatriz approximou-se de um deposito com agua quente onde se encontravam quasi inteiramente mergulhados uns cylindros de lata.

— Rosario — perguntou ella a uma das operarias — o fermento está prompto? —

— Deve estar, menina. Tenho-o em banho-maria ha dezesete horas. —

Então a Beatriz examinou o leite coalhado que estava dentro dos cylindros; mandou depois que o entornassem nos grandes depositos da nata destinada ao fabrico da manteiga do dia seguinte.

Digitized by Google

— Quanto tempo fica essa nata semeada até á fabricação? — perguntou o Rodrigo.

A Beatriz respondeu:

— Dezesete horas. É o tempo necessario para que os fermentos tomem conta de toda a massa. —

— Já se vê, essa nata foi pastorizada, não é verdade? —

— Sim, senhor. Lá estão os pastorizadores... —

Mas nem esperou a resposta do Rodrigo. Chamara para junto dos apparelhos que reluziam uma outra rapariga:

— Maria, estas torneiras não foram hoje areadas. Sabes que não gosto d'esses esquecimentos. O serviço é igual todos os dias. —

Atravessando a casa em todo o seu comprimento, uma arvore ligada ao motor que se encontrava fóra, girava silenciosamente, arrastando no movimento das suas rodas de aço polido as correias transmissoras.

Digitized by Google

E as batedeiras dinamarquezas agitavam os seus longos cabos com pancadas rythmicas; o rolo do machucador passava sem cessar sobre os pães de manteiga doirada; as desnatadeiras roncavam devagarinho deixando escapar os jactos separados de nata e de leite magro que os pastorizadores recebiam, todos vibrantes de actividade concentrada e de calor; e a nata já pastorizada escorria espessa e amarellada sobre as ondulações do refrigerante, indo, canalizada, cahir nos grandes depositos.

As paredes recobertas de azulejos brancos cujo vidrado luzia, as vidraças transparentes e cheias de luz, as engrenagens que pareciam de prata, os apparelhos, as operarias todas vestidas de branco distribuindo-se n'uma ordem perfeita pelos differentes serviços, tudo resplandecia de asseio.

O Rodrigo olhava para um lado e para o outro com attenção.

—Comprehendo que a leitaria seja

Digitized by Google

a tua corda sensivel — disse elle afinal á Beatriz.

Mas ella não o ouviu; estava lá do outro lado falando a duas empregadas.

O Manoel respondeu:

— Vês como ella organiza e dirige? Acredita que é rarissimo eu vir aqui. E depois, está perfeitamente ao corrente das theorias scientificas; conhece o trabalho dos fermentos, o seu desenvolvimento... —

A Maria José acrescentou:

— E' a unica maneira de se trabalhar com proveito. O trabalho inconsciente, rotineiro, já não póde ter resultado, no nosso tempo... —

A Beatriz, approximando-se d'elles, córada e risonha, interrompeu-a.

— Rodrigo, não estejas a fazer-me elogios... Eu sei que estás... Não tenho merecimento. Com estes mestres, bem vês... — e apontava para o Manoel e para a Maria José — é imposivel não entender ou trabalhar mal... —

— E as colmeias? — perguntou o

Digitized by Google

Rodrigo quando iam a sahir da leitaria.

— E's realmente insaciavel! — observou a Maria José, rindo.

Mas a Beatriz ficara com os olhos brilhantes:

— As colmeias!... — exclamou ella — E' preciso vires primeiro ao meu quarto. —

O Rodrigo sorriu:

— Isso é mysterioso! Então é preciso ir primeiro ao teu quarto antes de vêr as colmeias? —

E voltou-se para a Maria José e para o Manoel como que a pedir-lhes uma explicação.

— Vae, vae com ella; — disseram os dois — logo verás... —

O Rodrigo calou-se e seguiu a Beatriz.

Encontraram no quarto o Paulo que se instalara deante de uma janella com um livro na mão.

A Beatriz poz-se a rir:

— Que invasão é esta? —

Digitized by Google

— Ora! Tu bem sabes — respondeu o Paulo, — que se tenho um intervallo de descanço, adoro metter-me aqui no teu quarto, a folhear os teus livros e as tuas revistas, a descobrir coisas no teu cesto de costura e a cavaquear comtigo quando me appareces... —

— Aposto que adivinho porque trazes cá o Rodrigo — acrescentou elle com um ar malicioso. — Vens mostrar-lhe *as nossas mestras,* não é verdade? —

Mas o Rodrigo andava já distrahido, passando revista ao quarto.

— Que lindas Tanagras tu aqui tens, Beatriz! — exclamou elle pegando com geito n'uma das figurinhas de barro — Paulo, como isto é lindo! Que bonitas gravuras! —

— Isso é o meu album de photographias... —

— Bravo! Tambem fazes photographia?... —

E sem esperar resposta examinava os moveis:

— São pintados por ti, aposto. Logo

Digitized by Google

vi! Que bôa ideia, estes lyrios brancos! Tantos!.. tão frescos!... tão puros!... tão esbeltos!... Não admira. Tinhas o modelo bem á mão: bastava-te olhar para o espelho...—

A Beatriz estava divertidissima com os espantos do Rodrigo.

—Não sejas maluco!—disse ella —Que parecença tenho eu com um lyrio?!—

O Rodrigo continuava a sua inspecção e fazia novas descobertas.

—O que é isto? Ah! Um cesto de costura... Que bem arrumadinho! Posso tirar o taboleiro e espreitar o que está debaixo?—

O Paulo começou a rir:

—Aconselho-te a que explores bem essa mina. Não imaginas quantas coisas extraordinarias eu ahi encontro ás vezes! Cartilhas do methodo de João de Deus, santinhos muito sebentos, rendas de *crochet* horrorosas...—

A Beatriz corara até á raiz dos cabellos.

Digitized by Google

— Eu bem sei... não é assim que se remedeia... — explicou ella. — Bem sei que a miseria e a ignorancia não se combatem assim aos poucochinhos e que são precisas as grandes instituições pelas quaes os homens se ajudem *todos* uns aos outros... Mas... que querem vocês? Quando vem uma pobre mulher pedir-me para lhe ensinar o filho a lêr porque a escola fica muito longe..., quando um pequeno me offerece o bentinho que lhe deu o prior e que acha lindo... quando uma rapariga me dá uma renda de *crochet* que representa o trabalho dos seus serões, em paga de eu lhe escrever as cartas para um irmão que está em Africa... Vocês entendem, não é verdade? não posso deitar fóra essas coisas que apezar de não valerem nada por si, representam em todo o caso um sacrificio, uma delicadeza de sentimentos... Não me posso negar a fazer o que elles me pedem... Já se vê, era justo que elles não precisassem de o pedir... E um

Digitized by Google

dia ha-de ser assim. Mas emquanto não é... o que lhe hei-de fazer?...—

E a Beatriz olhava para ambos com um ar perplexo e infeliz como se confessasse uma culpa.

Os dois rapazes sorriam.

—O que me admira é como tens tempo para tanta coisa—disse afinal o Rodrigo.

E recapitulava, muito methodico, muito serio, contando pelos dedos:

—Diriges a leitaria, as colmeias, interessas-te pelo trabalho geral da quinta e pelas reformas do Manoel e do tio Alvaro a ponto de pensares na organização das crèches ruraes (uma invenção tua); coses, pintas, fazes photographia, fazes musica, jogas o *tennis,* montas a cavallo e ainda te chega o dia para ensinar a lêr creanças pobres, para escrever as cartas das raparigas que não sabem escrever...—

—Não contes mais—interrompeu a Beatriz com um sorriso tão calmo e tão cheio de bondade que parecia uma

Digitized by Google

luz de aureola em volta da sua cabeça loira. — Quando a gente se levanta cedo e aproveita com ordem todas as horas do dia, a vida chega para tanto! Eu acho que faço pouco para o que desejaria fazer. Se vocês soubessem... tenho tantos projectos!... —

Sentou-se defronte d'elles, n'uma grande poltrona e começou a falar-lhes das coisas que lhe enchiam o coração.

Agora, aquella ideia das crèches ruraes não lhe sahia da cabeça. Não era uma nem duas que ella queria... Era uma em cada povoado. Umas crèchesinhas muito brancas, rodeadas de uma cerca onde as creanças brincassem ao ar livre, bem aquecidas no inverno, com a alimentação artificial bem organizada para as creanças de peito a quem as mães não podessem dar de mamar, com a alimentação racional, hygienica para as creanças maiorsinhas... um grande asseio; elementos de educação intuitiva, podendo ser...

— Um sonho, vêem vocês? — con-

Digitized by Google

tinuava ella com o seu sorriso tranquillo. — Mas porque não se ha-de realizar? Teem-se feito coisas mais difficeis... —

Pelas persianas cerradas entrava uma claridade muito doce, esverdeando vagamente a brancura dos lyrios que decoravam o quarto; e entrava tambem com o silencio tão solemne do campo n'aquelle tempo do outomno, o ar fresco e puro que vinha da terra.

O Rodrigo interessava-se, envolvido já n'aquelles ideiaes.

— Mas o dinheiro? — perguntou elle, — o dinheiro para isso?

— O Paulo respondeu-lhe logo:

— O dinheiro viria da Assistencia... o dinheiro dos impostos justos... da contribuição de todos para o bem de todos... Vês tu, a esmola não póde ser; a esmola é humilhante; a esmola deve acabar... —

— E depois... — disse a Beatriz cortando, sem dar por isso, uma pergunta que o Rodrigo ia fazer, — e depois era

Digitized by Google

preciso tambem (e mais tarde temos de pensar n'isto muito a serio)... era preciso umas escolas, ou *ateliers,* não sei bem como lhes chame, umas casas emfim, espalhadas pelos campos, onde se ensinassem aos homens, ás mulheres e ás creanças, pequenas industrias ruraes em que se podessem occupar durante os dias de chuva, durante uma parte dos serões de inverno, aproveitando assim os seus ocios de uma forma agradavel e productiva que augmentaria o conforto do casal e distrahiria talvez um pouco os homens das tabernas... —

— Que industrias? — perguntou o Rodrigo.

O Paulo respondeu:

— Ha tantas! Cestos de vime, chapeus de palha, escovas, tamancos, rendas, bordados... —

Calaram-se os tres.

N'aquelles cerebros muito novos, muito cheios de confiança na bondade da vida, as ideias justas e grandes, as

Digitized by Google

ideias que hão-de ser a nossa salvação, germinavam n'um trabalho lento e vigoroso, no trabalho bemdito que ha-de produzir as futuras colheitas sagradas.

— Como te vieram estes pensamentos? — perguntou o Rodrigo á Beatriz.

— Não tenho merecimento . . .. não tenho merecimento algum, asseguro-te. Foi a tia Maria José. Não imaginas que mulher é a tia Maria José! O trabalho em volta d'ella floresce como por encanto. Parece que a sua presença basta para que tudo seja como deve ser. Vemo-l'a passar cantando e rindo . . . E' uma manhã de primavera, assim luminosa, cheia de frescura, de perfumes e de cantos de passaros, fazendo, sem se dar por isso, com o seu calor e com a sua força escondida, subir as seivas da terra e resuscitar a natureza. —

— Vês? — disse o Paulo — nós trabalhamos, trabalhamos... mas ha sempre uma parte da nossa tarefa n'este

Digitized by Google

mundo, a mais delicada, que nunca seria completa sem as mulheres que teem como nós não temos, o dom de sentir, de adivinhar . . . —

— As mulheres! . . : — exclamou a Beatriz — A' medida que os homens percebem essa verdade, é preciso que por nosso turno comprehendamos o que se espera de nós. Até agora quasi não contavamos para as coisas serias, para as coisas uteis . . . E, de repente, é um mundo que se abre deante da nossa intelligencia e do nosso coração! . . . —

— Ha tanto que fazer! . . . — murmurou o Paulo — E' preciso dar-se a vida toda, toda . . . —

A Beatriz levantou-se e levou o Rodrigo deante de uma janella:

— Tenho aqui sempre um modelo de trabalho perseverante e cheio de utilidade, um modelo de força tenaz, um povo laborioso e obscuro que trabalha pelo amor da obra que produz e sem esperança de gloria nem de recompensa;

Digitized by Google

o modelo que devia servir a todas as mulheres que desejem comprehender bem a sua missão . . . —

— E de resto foi para lhe mostrares a tua *cidade sagrada* que o trouxeste aqui, não é verdade? — perguntou o Paulo.

A Beatriz apontava para uma especie de caixa encostada a uma das vidraças.

Levantando a cortina preta que tapavá uma das faces d'essa caixa, o Rodrigo viu através de um vidro, um amontoado confuso de animaesinhos escuros, agitando-se em movimentos vagarosos e incomprehensiveis.

— O que é isto? — perguntou elle.

— Isto é o que se chama, em linguagem technica, uma colmeia de observação — respondeu a Beatriz. — E' uma colmeia como outra qualquer, com a sua rainha, os seus favos, as suas operarias que entram e sahem por um pequeno buraco feito no vidro da minha janella. A differença que

Digitized by Google

tem das outras colmeias consiste em estar dentro do meu quarto e em poder ser observada por mim em qualquer hora do dia em que me apeteça levantar esta cortina. —

— Eu não vejo nada... não percebo nada... — repetia o Rodrigo olhando com attenção.

— Não admira. — disse o Paulo — E' preciso estar costumado, saber os seus habitos, conhecel-as bem... —

A Beatriz interrompeu-o com enthusiasmo:

— Conhecel-as bem... O Paulo tem rasão; é preciso conhecel-as bem. Tu não imaginas, Rodrigo, que povo exemplar este é; as leis a que obedece; os prodigios de abnegação, de coragem e de perseverança que estas creaturinhas fazem no seu mundo tão limitado mas que é *tudo* para ellas. —

Antes de sahir do quarto da Beatriz, o Rodrigo disse-lhe:

— Muito obrigado por me teres trazido aqui. Deste-me um prazer que eu

Digitized by Google

nunca mais hei-de esquecer. Se eu um dia casar, quero ter uma filha que seja como tu, que pense e que sinta como tu. —

. . . . . .

D'ahi a uma hora, quando o Rodrigo se dirigia pelo caminho do matto para a lavoura onde o Paulo e o Antonio o esperavam, viu vir direito a elle pelo mesmo atalho, um homem alto, de suissas ruivas que de repente conheceu.

— Olá! Joaquim Salvador! — exclamou elle com alegria — Que prazer tenho de te encontrar, homem! —

— Olha o menino Rodrigo! — respondeu o Joaquim descobrindo-se — Louvado seja Deus! Sempre tem uma cara que a gente nunca mais esquece! —

Pararam os dois á sombra de um sobreiro, a conversar.

Havia tres annos, quando o Rodrigo passara na quinta um mez de ferias, o Joaquim Salvador era o com-

Digitized by Google

panheiro constante das pescarias, das caçadas, de todas as excursões. Escolhiam-n'o sempre por ser muito fiel, muito forte, muito desembaraçado e tão alegre, tão estarola, que era um prazer ouvil-o commentar todas as coisas com a sua voz de clarim.

— Então que me diz a isto? — perguntava o Joaquim — Não acha tudo mudado? Já havia o principio n'aquelle tempo... Mas agora é que se póde vêr bem como as coisas marcham. O sr. Manoel sempre é um homem de uma canna! Elle mais o sr. Alvaro são capazes de virar o mundo ás avessas!... —

— Que diabo de historia é essa? — perguntou o Rodrigo apontando para um letreiro que o Joaquim trazia na fita em volta do seu chapeu desabado.

Os olhos do Joaquim brilharam como duas faiscas.

— Isto é o Espirito Santo. — disse elle com um ar entendido. E, tirando o chapeu, apontou para as lettras:

Digitized by Google

— Leia, menino Rodrigo. . . —

E soletrava, devagar, como quem saboreia:

— *Assistencia municipal.* —

O Rodrigo declarou:

— Não percebo nada. —

— Não lhe explicaram ainda? — perguntou o Joaquim, pasmado. — Pois senhor, isto é a alma da alma de tudo! —

— Não vês... cheguei esta manhã; foi logo á espera dos toiros, depois o lagar, depois a leitaria... Não houve tempo ainda para tudo. Não admira. —

O Salvador accendeu um cigarro e concertou melhor a jaleca no hombro.

— Pois então sou eu que lhe vou contar — principiou elle — Ah! rapazes! Isto agora é que é o principio do mundo! O sr. Alvaro que é o presidente cá da nossa camara municipal como o menino Rodrigo sabe, lançou um imposto sobre pobres e ricos para a Assistencia... Vae vêr. Ninguem paga menos nem mais do que deve pagar...

Digitized by Google

Cada um conforme as suas posses. Alguns que teem pouco... O que diz?—

O Rodrigo sorria.

— Não digo nada. Vae andando. —

— E então aquelle dinheiro de todos, vintem por vintem... Aquillo são contas claras como a luz do dia! Aquelle dinheiro é para a Assistencia... O que diz?—

Mas o que é a Assistencia afinal?—

— A Assistencia... a Asssistencia... é a Assistencia. E' de onde sahe o dinheiro para sustentar o asylo dos velhos e dos entrevados; e de onde saem as mesadas para os velhos e doentes que vivem em suas casas mas que não teem que comer. Não é esmola, vê o menino Rodrigo? E' o que todos dão para todos, por lei, por dever, por ser o que deve ser. Percebe? Dou eu, dão os outros todos como eu. Hoje precisam os outros, amanhã precisarei eu... Não é esmola. E' o que deve ser. E se soubesse... Não se en-

Digitized by Google

contra um pobre a pedir no nosso concelho. Não ha fome. Porque é que toda a gente não ha-de entender as coisas como o sr. Alvaro? Já se vê que sempre ha pobreza; mas, louvado seja Deus! já não ha miseria. —

O Rodrigo escutava-o com attenção.

— E desde o principio, todos acceitaram bem o imposto? —

— Alguns ainda rosnaram. Vê o menino Rodrigo, a gente não tem culpa... Ha tanto tempo que nos enganam! Hoje promettem-nos uma coisa, amanhã outra; e tiram-nos o dinheiro que tanto custa a ganhar. A gente perdeu a fé; não admira; estamos escarmentados. Os ricos, os que podem, não fazem senão gastar dinheiro em coisas que não precisam, em luxos... que vae tudo raso! E a gente a viver sempre como bichos e sem ter de comer... E sempre leis e mais leis que a gente não entende e de que não vê o proveito... Então, como o outro que diz... quando o sr. Alvaro lançou o

Digitized by Google

imposto, apezar de terem confiança n'elle... sempre eram mais uns vintens que sahiam da algibeira quasi vasia... Mas agora, não senhor! Quem pensa n'isso?... Está tudo direito. Já todos entenderam. A gente não é estupida e quando as coisas são claras, a gente bem as entende. —

O Rodrigo já não sorria. Pensava de si para si:

— Os que governam deviam conhecer esta gente... Meu Deus, meu Deus! Ha tanto que fazer! E' preciso dar-se a vida toda, toda... O Paulo tem razão. —

O Joaquim não se calava:

— E o escriptorio de trabalho? —

— O que é isso? —

— Pois não sabe? Tambem pertence á Assistencia. Um homem que não tenha trabalho vae ao escriptorio; dão-lhe logo serviço. Ha sempre vallas para limpar, matto para roçar, arroteias, surribas, eu sei lá! Nunca se desprezam alli os braços. Quem quizer e poder

*

Digitized by Google

trabalhar, ainda que todos lhe abanem a cabeça, alli encontra sempre pão para ganhar. E não ficamos por aqui... E o banco?—

—Qual Banco?—

—O Banco rural... Aposto que estas coisas não veem nos jornaes. Pois deviam vir. Era melhor virem estas do que outras de que ninguem se importa.—

—Conta lá isso do Banco...—

—O menino Rodrigo sabe... Antigamente a gente se queria concertar um alpendre, ou plantar uma vinha, ou arredondar uma fazendita, ia pedir o dinheiro a quem o emprestava. E quem o emprestava... (Deus lhes perdôe, que muita miseria e muita fome custaram á gente!!) pedia por elle até vinte por cento de juro adeantado. Misericordia! aquillo é que era roubar e sangrar a pobre gente que não tinha onde cahir morta! Agora é outra cantiga. O sr. Alvaro tanto falou nas camaras lá em Lisboa, tanto se entendeu

Digitized by Google

lá com os governantes, que o Estado deu dinheiro para um banco que empresta aos lavradores a dois e meio por cento. Lembra-se do Zé Carvalho? Quando o menino Rodrigo o conheceu era elle um desgraçado que tinha cahido nas unhas de um cão a quem devia os olhos da cara. Pois fiou-se no conselho do sr. Manoel, pediu dinheiro ao banco... E agora pagou já tudo quanto devia ao outro e já plantou uma vinha nova... O que diz? —

O Rodrigo sorriu novamente.

— Nada. Não digo nada. Gosto de te ouvir. —

— E para voltar á Assistencia... Olhe o menino Rodrigo que nos outros concelhos aqui vizinhos, o povo não anda contente. Não tira os olhos de nós. As camaras vêem-se parvas porque o povo repara no que por cá se faz e quer o mesmo para si. Alguns presidentes teem vindo ter com o sr. Alvaro para aprender com elle. Não teem remedio... —

Digitized by Google

O Joaquim pôz-se a rir com um ar finorio.

— E tu o que fazes? — perguntou o Rodrigo — Que emprego tens lá na Assistencia? —

— Somos uns poucos encarregados de distribuir as mezadas; e temos outros serviços tambem lá no asylo e no escriptorio. . . —

— Diz uma coisa... E não ha gente que engane a Assistencia? Que finja precisar para se escapar ao trabalho? —

— Já teem apparecido alguns, mas poucos e descobrem-se logo. Porque, não vê? o dinheiro da Assistencia não é dos ricos; é de ricos e pobres; é de todos. Quando ha um abuso todos se sentem roubados e todos se escamam. E' muito difficil. . . e perigoso. —

O Rodrigo estava encantado; tudo aquillo lhe parecia um sonho.

O Joaquim tirou do bolso uma grande *cebola* de prata.

— Pela boca morre o peixe — disse

Digitized by Google

elle atirando fóra a ponta do cigarro e preparando-se para partir. —A palestra é que me ha-de matar! O tempo a fugir e tenho ainda que andar tanto! —

— A culpa foi minha. Não te devia ter demorado. —

— Não senhor... não senhor... As pernas é que o pagam agora. Não faz mal. Pois estou contente de ter encontrado o menino Rodrigo. Falamos por cá muitas vezes em si. Passe muito bem. Nosso Senhor lhe dê saude. —

— Adeus, Joaquim. Tambem eu gostei de te vêr e de conversar comtigo, palavra de honra! —

E cada um seguiu o seu caminho.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO IV

— Ella ahi vae!... Eh! galgo!... —

E o Antonio, debruçado sobre o arção, lançou o cavallo a toda a brida sobre o chão raso da leziria.

Lá adeante, a matilha levantara a lebre no talude de uma valla; e os galgos, attentos, partiram logo, devorando a distancia com o movimento rythmico do seu corpo esguio que se abria e se fechava na carreira como os braços de um compasso.

Os perdigueiros, mais pesados, seguiam offegantes, com latidos de enthusiasmo, as grandes orelhas sacudidas ao vento, a pelle flexivel escorre-

Digitized by Google

gando sobre o esforço violento dos musculos.

Envolvidos na mesma febre, os cavallos, costumados áquella paixão, corriam n'um galope de vertigem que a vista não conseguia detalhar, as ferraduras batendo precipitadanente a terra dura do poisio, excitados, a boca espumante, os pescoços estendidos, as pernas delgadas e nervosas levando o corpo que parecia não ter peso.

E a lebre lá adeante correndo em linha recta: um pontinho amarellado que mal se via na vastidão da leziria toda banhada dos primeiros raios do sol, que a envolviam n'uma claridade crua e crystalina, como só possuem as nossas madrugadas de Outomno.

Um pontinho amarellado que a angustia e o terror faziam fugir com uma velocidade de sonho.

— Como isto é lindo! — pensava de si para si o Rodrigo, encantado, invadido por aquella deliciosa impressão de vôo, por aquelle interesse apaixonado

Digitized by Google

onde n'um momento, morrem todos os outros interesses, por aquella vertigem que o estonteava tirando-lhe a noção de todo o perigo.

Os cavallos do Paulo, do Rodrigo e do Manoel galopavam quasi a par. Mas o do Antonio tomara uma certa deanteira.

A voz do Antonio animando os cães soava como uma trombeta na solidão da leziria.

E os cães excitados, endoidecidos de espaço, de luz, de paixão, redobravam de velocidade.

A lebre sentindo as forças abandonarem-n'a dava, de bocado a bocado, gritos de agonia.

Afrouxava... afrouxava... A distancia diminuia entre ella e os primeiros galgos. Mas afastava-se novamente, açoitada pelos ultimos arrancos da sua força e do seu pavor...

A leziria era tão grande que o aspecto do caminho percorrido não mudava. A' esquerda, as ondulações ma-

Digitized by Google

gestosas do rio marcadas pelos salgueiros baixos entre os quaes a espaços se viam as scintilações da agua onde o ceu se reflectia; um ou outro choupo, irrompendo da margem, despido de folhas, esfumando na transparencia do ar os seus ramos sem vida; e para deante, sempre a mesma linha do horizonte, fugidia, inattingivel como a linha do horizonte sobre o mar.

O turbilhão da caçada varria a superficie lisa, deixando atrás uma leve nuvem de poeira levantada que logo recahia na grande tranquillidade da vastidão deserta...

Saltavam-se como riachos as vallas largas e fundas bordadas de taludes, onde as ultimas chuvas tinham feito brotar relvas novas de um verde brilhante, e que atravessavam a leziria, perpendiculares ao rio, estendendo-se em linhas parallelas que o afastamento juntava como as varetas de um leque.

— Eh! galgós!... — gritava o Antonio já rouco; e as vozes do Paulo,

Digitized by Google

do Manoel e do Rodrigo, acompanhavam a sua.

Um momento... e parecia que tudo ia acabar. Mas a lebre, espavorida, sentiu a proximidade mortal do primeiro galgo.

Um arranco ainda...

O barulho da perseguição desenfreada, cada vez mais perto, chicoteou-a de mais um alento... o ultimo.

Os dentes do galgo enterraram-se na pellagem aspera...

Morta!...

Os cavallos estacaram junto do grupo tumultuoso e febril da matilha que se contorsionava e latia em delirios de alegria.

O Antonio foi o primeiro a saltar abaixo, mas deixou ao Manoel a honra de sopezar a lebre.

— Que toira! — exclamou este erguendo-a pelas orelhas e olhando-a com admiração.

— Nunca vi nenhuma assim! — de-

Digitized by Google

clarou o Antonio pegando-lhe por seu turno.

O Paulo sorria:

— A ultima é sempre, na tua opinião, um prodigio! —

O Antonio poz-se a rir e estendeu na relva a lebre morta que alli ficou n'um abandono completo dos membros exhaustos, n'um descanço profundo que nada podia mais alterar e que tanto contrastava com a vertiginosa anciedade dos seus ultimos momentos de vida.

Então, em volta d'ella, os galgos alongaram-se no chão na attitude de esphinges, de bocas abertas e linguas pendentes, com aquella angulosidade dos corpos magros que nunca dá a impressão de repouso perfeito.

Os perdigueiros offegantes, mortos de calor e de fadiga, deitados na relva humida de orvalho, estendiam as cabeçorras bonacheironas sobre as patas deanteiras.

Aliviados do peso, os cavallos sa-

Digitized by Google

cudiram-se com um ruído surdo e depois ficaram quietos, de focinho baixo, resfolegando a frescura da terra, desejando beber...

— E' a primeira vez que corres uma lebre? — perguntou o Paulo ao Rodrigo deitando-se no chão ao comprido.

— E'; — respondeu o Rodrigo ainda todo vibrante — e confesso-te, que pelo menos uma vez, acho que é preciso ter-se esta deliciosa impressão de enthusiasmo e de vertigem. —

O Antonio prendera a redea do cavallo debaixo de um pedregulho e andava peló meio dos cães conversando com elles:

— Hein? Que tal, Morena? Esta foi real... Velho Turco! Ainda és o melhor de todos... Coitado!... Larga! Chega para lá!... Não é a primeira nem ha-de ser a ultima, deixa estar... Anda, Valente... Estás fino!... —

Os cães levantavam-se, olhavam-n'o com os grandes olhos muito meigos, agitando as caudas e torcendo-se em

Digitized by Google

volta das suas pernas, com ares modestos e submissos.

— Apre! que o sol já vae escaldando! — exclamou o Paulo erguendo-se — Que horas são, tio Manoel? —

— São quasi oito. Vamo-nos embora. —

E prendendo o corpo da lebre ao arção da sella, acrescentou a rir:

— Isto é um presente para a Maria José. —

Montaram novamente e pozeram-se a caminho, devagar, com as redeas muito abandonadas e os cães em volta d'elles seguindo n'um trotesinho cançado, de ventas no chão, a farejar alguma poça de agua onde se podessem refrescar.

— Por onde vaes, tio Manoel? — perguntou o Antonio. — Por ahi é mais longe. —

— Não importa. O Gaspar deve estar hoje na Magdalena a fazer a sua conferencia. Quero passar por lá e leval-o para almoçar. —

Digitized by Google

— Conheces o Gaspar? — continuou elle voltando-se para o Rodrigo.

— Pessoalmente, não. Mas conheço-o muito de nome, pelos seus escriptos, pelos seus trabalhos sobre economia rural... Não é filho do ministro da guerra? —

— Vaes adoral-o! — exclamou o Antonio com enthusiasmo.

— E' um rapaz de uma intelligencia pouco vulgar e de um grande merecimento — acrescentou o Manoel.

— Imagina, — disse o Paulo — que tem o seu curso acabado, é muito rico, conhecido pelos seus trabalhos importantes... e não quiz que o livrassem de soldado pela simples consideração que se podia tornar mais util n'aquella vida. —

— Mas como? porquê? — perguntou o Rodrigo, interessado. — Não entendo bem. —

O Manoel respondeu:

— Já vaes entender. Pediu que o mandassem para um regimento da

Digitized by Google

provincia para que os seus camaradas fossem rapazes do campo. Sujeitou-se a tudo, como os outros; conversava com elles, vivia bem da mesma vida para os estudar, para os conhecer a fundo... —

— Vae ouvindo... — interrompeu o Antonio — Parece uma historia da carochinha!... —

O Manoel continuou:

— A pouco e pouco principiou a ter sobre elles a influencia natural nascida da sua superioridade, da sua educação, da sua intelligencia e da sua bondade. Usou d'essa influencia para lhes prender a attenção a uma serie de conferencias agricolas que lhes fazia aos domingos. Ao principio o auditorio era resumido; depois augmentou continuamente. Divertia-os com lanternas de projecções por meio das quaes os interessava no desenvolvimento agricola dos outros paizes. Mostrava-lhes reducções dos apparelhos modernos, explicava-lhes as machinas

Digitized by Google

aperfeiçoadas, fazia com elles pequenas experiencias de culturas na cerca do quartel. Levava-os uma vez por semana em grupos alternados, a visitar as propriedades mais bem administradas da vizinhança. Falava-lhes da ideia associativa, da grande força que os homens teem quando se juntam...—

—Deviam morrer por elle!—declarou o Rodrigo.

—Fazia d'elles o que quizesse;—disse o Paulo.—mas só queria abrir-lhes os olhos, incutir-lhes ideias justas e uteis que fossem como sementes escolhidas que depois cada um, voltando para a sua terra, levasse comsigo e espalhasse para o maior bem de todos.—

—E depois?—

—Depois de um anno pediu que o transferissem para outro ponto do paiz.—

—Entendo... Para fazer nova sementeira da bôa doutrina...—

—Mandaram-n'o então para aqui

Digitized by Google

onde está ha quasi um anno no regimento de cavallaria da villa. —

— E agora já não se contenta com o quartel; — disse o Manoel — conhece já bem o povo dos campos. *Semeia* entre os camaradas como d'antes mas pediu e alcançou licença para percorrer as freguezias semanalmente, levando assim a differentes pontos do districto um ensino agricola ambulante, e com elle a Ideia que o apaixona e que é a nossa tambem . . . —

O Rodrigo murmurou:

— A ideia associativa, a comprehensão do trabalho em commum, o interesse de todos ligando os homens entre si sem distincção de raças nem de cathegorias . . . Já entendo tão bem! . . . Já me apaixono, já *sinto* que daria a vida por essa ideia que faz homens como vocês e como elle! Meu Deus, como a vida é grande e linda . . . —

Havia já algum tempo que se tinham internado no grande pinhal man-

Digitized by Google

so, cujas ramagens de um verde escuro aveludado, se abriam lá muito alto no coruto dos troncos rugosos, placados de grossas escamas, direitos, harmonicos e magestosos como as columnas de um grande templo.

O sol passava, coado pela verdura alta, traçando aqui e além, no chão, desenhos de luz.

Os cavallos iam devagar... o som das ferraduras amortecido na terra negra e macia que as agulhas secas dos pinheiros recobriam de um tapete espesso; topando nas raizes possantes, contorcidas, que rompiam do solo em rastejos, em angulos, em curvas...

Lá ao longe, perdida n'aquella solidão onde não havia outra apparencia de vida, alvejava a fachada e a torresinha modesta da Magdalena.

Resguardava-lhe a entrada um alpendre velho cobrindo o adro, cujo telhado o tempo enfeitara com as côres mortas dos musgos.

—Parece-me que o Gaspar já aca-

Digitized by Google

bou a sua conferencia — disse o Manoel.

E apontava para o adro de onde sahiam grupos de gente do campo que se dispersavam pelo pinhal.

Iam andando sempre.

— Olha!... — exclamou o Antonio — O cavallo de Gaspar! —

Com effeito lá estava, amarrado a um pinheiro, o cavallo do soldado, com o seu chairel agaloado de vermelho e os estribos reluzindo.

Approximava-se d'elles n'esta occasião um grupo de homens que falavam entre si, animadamente.

Um d'elles dizia:

— E tem razão... Pois que raio de proveito tira a gente de um poisio de oito annos, se com adubos a terra póde dar sempre? —

Outro, mais velho, respondia:

— Tudo isso é bom palavriado... Mas que é do dinheiro para os adubos? Que é do dinheiro para os amanhos?... —

Digitized by Google

— Ahi é que está... ahi é que está!.. — apoiavam dois ou tres com ares entendidos.

— E' a tal historia!... — tornava o primeiro apaixonadamente. — Vocês não querem vêr as coisas... Teem as cabeças duras como o diabo... Então o Banco não empresta dinheiro barato á gente?... Que mais querem?... —

O Manoel gritou-lhe:

— Anda-me assim, Agostinho! Dá-lhes de cima para baixo, valente! Abre-lhes esses olhos á força!... —

Os homens pozeram-se a rir.

— Deus o salve, sr. Manoel! —

— Tenham Vossas Ex.as muito bons dias! —

— Então que tal foi a conferencia? — perguntou o Antonio.

— Ah! senhor! Nunca a gente perde tempo a ouvir o que diz o sr. Gaspar!... Ha ainda alguns que encolhem os hombros: E o dinheiro? E a agua? E a chuva? E o sol?... E o raio que os parta!... Mas desde que

Digitized by Google

o sr. Gaspar prega nos adros, depois da missa, já muitos lhe teem seguido os conselhos . . . e com proveito ! . . . —

— Eu que o diga ! — exclamou uma voz com enthusiasmo.

— Ah ! rapazes ! — disse outro — E o tratamento que elle ensinou para as batatas? Aquillo é um louvar a Deus ! . . . —

— Pois sim, — rosnou um vélhote casmurro — mas sahe do bolso. —

— O' alma do diabo ! — berrou o Agostinho — pois você não vê que se perdesse as batatas ainda mais caro lhe ficava ? . . . —

Levantaram-se varias vozes :

— Pois não vê o que o sr. Manoel tem feito ? —

— O que valle é o saber . . . —

— Olhem para a charneca da quinta . . . desfaz-se em pão . . . Uma terra que nem o diabo queria ! —

O Antonio e o Paulo riam.

O Rodrigo ouvia tudo com atten-

Digitized by Google

ção. Pensava na bôa semente que o Gaspar semeiava...

Mais alguns grupos se tinham juntado ao primeiro; e agora, em volta dos nossos caçadores, os homens installavam-se em attitudes descançadas de palestra. Concertavam a jaleca sobre o hombro, enrolavam cigarros, pediam lume uns aos outros...

O Gaspar descera lá ao longe os degraus do adro, montara a cavallo e approximava-se a trote largo. Ouvia-se o traquinar da espada contra o estribo, o ranger da sella alta, o bater surdo das ferraduras pesadas no solo macio do pinhal.

— Olá! Viva! — gritou o Manoel agitando o boné.

Os cães cercaram o cavallo do soldado, com latidos e saltos de prazer.

Tinham caçado tantas vezes juntos!

— Então o que é isto? — exclamou o Gaspar olhando cheio de bom humor para o ajuntamento que lhe abria pas-

Digitized by Google

sagem. — Estão a roer-me na pelle, hein? —

Os homens pozeram-se a rir.

— Agora cá! — responderam alguns — Quem diz mal do senhor?! A gente não é besta... —

— Isso sei eu... O que é preciso é abrir esses olhos com vontade de vêr. —

— Queres vir almoçar comnosco? — perguntou-lhe o Manoel.

— Já se vê que sim. Ia direito á quinta pedir que me acudissem... Estou com muita fome. Foram ás lebres? E que tal? —

— Real! — respondeu o Antonio — Foi uma só... mas olha para ella! —

— Então vamo-nos embora; — disse o Manoel — a Maria José não gosta de esperar. E são horas. —

Despediram-se dos homens e seguiram a passo, caminho de casa.

— Vinhamos a falar de ti. O Rodrigo... E' verdade, tu não conheces o Rodrigo... —

E o Manoel apresentou-os.

Digitized by Google

— Não lhe posso explicar o prazer que tenho de o conhecer... e como o admiro.—declarou o Rodrigo, corando.

— Como pódes admirar um galucho d'estes? — perguntou o Antonio.

Effectivamente ninguem reconheceria n'aquelle soldado o agronomo classificado, o rapaz de sociedade, o economista distincto.

O verdadeiro galucho: as chancas enormes e pesadas, o cabello cortado á escovinha a gola rigida e mal talhada, a farda feita segundo as regras mais severas do quartel.

O Gaspar olhou tranquillamente para si com um ar de grande simplicidade e explicou:

— Bem vê, é preciso assim. Ser bem igual a elles todos, não ter previlegios, sujeitar-me a tudo: rancho, leis de fardamento, a vida, o trabalho grosseiro, tudo... só assim se consegue a verdadeira sympathia, a verdadeira confiança. —

— Mas que mudança de vida! —

Digitized by Google

exclamou o Rodrigo — Que sacrificio de todas as horas, sobretudo ao principio! —

— Está enganado... — tornou o Gaspar — Ora imagine que vae por uma leziria fóra atrás da lebre... O que pensa? O que sente? O sol incommoda-o? Tem medo das vallas? Lembra-se do cançaço, da tensão dos musculos, do estribo que o magôa?... Nada! Nada existe para si n'aquelle momento, senão a lebre, não é verdade? A lebre que foge com uma rapidez vertiginosa... A lebre que é apenas um ponto quasi invisivel na vastidão da leziria. Nenhuma dôr, nenhum embaraço, nenhum obstaculo o faria desistir da perseguição em que está empenhado. Nada mais conta para si, nada mais tem importancia, nada mais existe... Ora ponha na sua imaginação que em logar da lebre persegue uma Ideia que se lhe afigura ser a salvação, a felicidade de milhares de individuos, seus irmãos, que sem ella vivem no

Digitized by Google

escuro de uma ignorancia e de um atrazo social deprimente e doloroso. Imagine que uma vez essa lebre ideial alcançada, em logar do prazer ephemero de a vêr morta, terá a superior felicidade de sentir crescer em volta de si a pouco e pouco a abundancia e a paz entre os seus irmãos d'antes miseraveis e atormentados, vêr florescer... —

O Gaspar sorria.

Que sorriso tinha aquelle galucho! Que expressão de illuminado nos olhos claros e limpidos! Que mocidade resplandecente! Que fé profunda! Que enthusiasmo!

Quem visse uma vez aquelle sorriso nunca mais o podia esquecer.

O Rodrigo murmurou:

— Entendo... Entendo tudo... —

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITULO V

Quando o Alvaro appareceu n'aquella manhã para o almoço, a Beatriz foi ao seu encontro com um enorme ramo de rosas côr de rosa.

— Tio Alvaro — disse ella — tu que és o renovador de todas as coisas, que tens o ideal de acordar o povo do seu grande somno de ignorancia, que dás todas as forças da tua intelligencia para a expansão da abundancia, da paz e do amor sobre a terra, que empregas a tua fortuna para o engrandecimento sempre crescente da ideia de bondade e de justiça . . . —

E a Beatriz, córada de commoção,

Digitized by Google

com os olhos cheios de lagrimas e a garganta estrangulada de enthusiasmo atirou-se contra o peito do Alvaro e todas as rosas se espalharam pelo chão em desordem.

Havia rosas côr de rosa por toda a parte na casa de jantar; e a Maria José entrou com um ramo tão grande como o da Beatriz.

O Manoel explicou, no meio de todo aquelle perfume e de toda aquella frescura das rosas que ainda não tinham perdido as gottas de orvalho da noite:

— Quizemos receber-te hoje que é o Primeiro de Maio, dia consagrado do renascimento da natureza, o maior dia da primavera, com todas estas flôres que são a sua manifestação mais encantadora, a ti que apesar dos teus cabellos brancos, tens sempre no coração uma primavera tão fecunda e tão vigorosa. —

O Alvaro sorria abraçado á Beatriz, com a sua bella testa de inspirado co-

Digitized by Google

roada pela juba do cabello já branco de neve.

— Que ideias vocês teem! — disse elle — E' grande, na verdade, o meu merecimento, quando tenho em volta de mim um tal esquadrão de collaboradores!... E falam da primavera do meu coração! Como se ella podesse florescer se não fossem as seivas da vossa mocidade, do vosso enthusiasmo e da vossa energia! —

— Viva o pae! — gritou o esturdio do Antonio que adorava as manifestações ruidosas.

E, logo a seguir, n'um movimento impetuoso, muito infantil, que lhe ficara sempre, atirou-se ao pescoço do Alvaro:

— Paesinho querido... E' tão bom viver! —

Sentaram-se á mesa que estava toda coberta de rosas e de fructas.

O sr. Viellard não dissera nada, mas limpara as lunetas mais de uma vez durante esta scena.

Digitized by Google

O almoço era delicioso.

O Alvaro olhou com attenção para a Maria José.

—Tu és a incarnação da primavera—disse elle.—Tu, que a par da mocidade, tens a consciencia e a força; tu, que fazes nascer da tua presença, da tua vontade, as florações e os perfumes que hão-de enriquecer a terra.—

—Bravo!—exclamaram os rapazes.

E o Paulo disse, olhando para a tia com a sua antiga adoração que nunca esmorecera:

—Como é verdade! E' o nosso pensamento que o tio Alvaro traduz tão bem.—

Mas a Maria José cortou com uma gargalhada, o côro de louvores:

—Estão doidos, estonteados com o cheiro d'estas flôres. E' preciso abrir as janellas.—

E levantando-se, abriu-as todas, de par em par. E entrou uma lufada de ruidos da natureza, a celebração har-

Digitized by Google

moniosa e dôce d'essa primavera de que ella não acceitava a representação...

Zumbidos de abelhas que passavam na sua tarefa laboriosa, todas empoadas de pollens doirados e côr de purpura; cantos de rouxinoes perdidos de amor; gemidos namorados das rolas bravas que chegavam abafados pela distancia; o vôo precipitado de um melro precedido pelo seu grito agudo de alegria; as pancadas rythmicas do bico d'esses corajosos trabalhadores que escavam na madeira dos troncos a habitação da futura familia; a voz monotona das cigarras prevendo já os grandes calores...

E como fundo, como acompanhamento persistente a este conjuncto de vozes e de ruidos, entrava pelas janellas abertas, o sussurro vago e profundo de milhares de vidas obscuras que se agitavam, que se reproduziam, crescendo e fortalecendo sobre a terra, *dentro* da terra; milhares de insectos,

Digitized by Google

milhares de germens que se abriam... Eram as crysalidas acordando do seu somno invernal, as nymphas que principiavam a ensaiar os membros entorpecidos; as primeiras azas transparentes que se abriam, a primeira embriaguez de luz e de espaço; a vida, a vida eternamente renascente, cobrindo a face da terra, resuscitando em cada cellula adormecida, irrompendo em rebentos nos troncos tanto tempo desnudados, expandindo-se em delirios de amor nas inflorescencias onde os gineceus esperavam já o mysterio sagrado da fecundação.

Ouviam-se crescer as raizes nas profundidades do solo; os braços rugosos, macios, negros, côr de carne, vigorosos e rigidos, delicados e flexiveis, avançando na sua voragem dos sucos nutritivos, fazendo estalar sob o seu esforço lento e poderoso a terra, a terra clemente, generosa, prodiga, a terra bemdita que se dava toda

Digitized by Google

na onda irresistivel do seu amor triumphante.

O azul do ceu era cortado pelo vôo rapido das andorinhas que passavam como settas nos rectangulos luminosos das janellas.

— Parece-me que nunca, na minha vida, vi uma primavera como esta. — declarou o Rodrigo.

— Eu tambem nunca vi; — respondeu o sr. Viellard — e sou bem mais velho do que tu.

E o sr. Viellard olhava para elles todos e pensava no trabalho de cada um e na floração cheia de promessas, de todos aquelles corações.

— Rodrigo, — disse o Manoel — ainda bem que chegaste a tempo de assistir á grande festa do Primeiro de Maio! —

E o Paulo acrescentou:

— De anno para anno essa festa é mais brilhante e tem uma significação mais profunda. —

Tinham acabado de almoçar; e,

Digitized by Google

emquanto o Alvaro de pé no terraço, accendia o seu charuto, o criado trouxe-lhe os jornaes que acabavam de chegar de Lisbôa.

Rasgou-lhes as cintas, percorreu-os com a vista e logo franziu a testa.

— Ha alguma novidade? — perguntou o Manoel.

— Não; — respondeu o Alvaro — o que eu já previa. Sempre a mesma coisa. O Primeiro de Maio. —

E apontava para os telegrammas que o Manoel leu a meia voz.

De toda a parte, de Paris, de Londres, de Roma . . . receios da alteração da ordem, receios de manifestações violentas do povo reivindicando os seus direitos; o socialismo crescente que não acceita mais as velhas leis: o trabalho excessivo, as desigualdades de fortuna; a voz da mizeria e do soffrimento humanos que ameaça levantar-se em clamores que a força armada cada vez é mais impotente de abafar... Medidas tomadas contra os exaltados

Digitized by Google

do grande partido que acorda e cresce como uma hydra de mil cabeças eternamente renascentes, apavorando a tranquillidade inconsciente da sociedade dos privilegiados...

— Vê?... — murmurou o sr. Viellard — aqui, na sua casa, envolvido no enthusiasmo d'esta mocidade, novo eu tambem, rico de esperanças e de fé ardente como um rapaz, chego a esquecer-me de que o mundo é tão grande e de que nem tudo se passa do mesmo modo em toda a parte. E estes echos vindos de longe, de toda a terra que ainda soffre tanto, entristecem-me; sinto de repente as minhas rugas e os meus cabellos brancos, o peso dos annos e os meus desanimos de velho...—

O Alvaro sorriu.

— Bem sei — disse elle — que o nosso trabalho, o nosso esforço, por muito fecundos que sejam, não passam de uma gotta de agua no oceano. Mas com muitas gottas de agua, á força de

Digitized by Google

tempo e de perseverança... com muitas gottas de agua, através de gerações e de gerações... ha-de acabar forçosamente por se formar um novo oceano. Pense n'isto, sr. Viellard. Nós não contamos; nem os nossos cuidados, nem a nossa vida que passa... A Ideia fica atrás de nós, rica da nossa contribuição. E crescerá, crescerá no cerebro dos que vierem depois e que são ainda nós e sempre nós... —

A Beatriz deixara-os no terraço e fôra, como de costume, fazer a sua visita de inspecção á leitaria. Queria que os trabalhos acabassem mais cedo n'aquelle dia para as operarias poderem todas ir á festa do Primeiro de Maio á villa.

Apenas entrou, a Joaquina, affogueada de commoção, veio ao seu encontro:

— Menina, tenho de lhe dizer uma coisa... A Maria não merece a sua estima. Hontem, apenas a menina sahiu, como a reprehendeu por ella

Digitized by Google

ser descuidada no serviço, ficou a resmungar: que viesse a menina para cá trabalhar, que era bom mandar os outros e não fazer nada, e tirar o dinheiro do sangue da pobre gente... e por ahi fóra... —

A Beatriz ouvia em silencio. O coração batia-lhe, batia-lhe...

— Está bom... — disse ella, tentando sorrir — Isso foi a força do genio... Muito obrigada, Joaquina. —

E deu as suas ordens com a serenidade do costume.

Depois foi para o seu quarto e atirou-se para cima do sofá com a cara escondida nas almofadas, n'uma grande convulsão de chôro.

Chorava perdidamente com toda a paixão do seu primeiro desengano, da sua boa fé illudida, da sua generosidade ferida pela ingratidão; com toda a revolta do seu coração tão novo e tão ardente de enthusiasmo, envenenado pela injustiça humana.

Aquella Maria! aquella Maria de

Digitized by Google

quem ella gostava, a quem arrancara da miseria, a quem ensinara a ler, a quem proporcionara uma vida feliz e um trabalho leve e agradavel!...

Como a humanidade era ingrata e cruel! Como as coisas d'este mundo faziam soffrer! Toda a sua bôa vontade... todo o seu amor... tudo... Não merecia, não merecia um tal castigo! O que havia de fazer agora? Parecia-lhe que a terra se arruinava e se perdia, que o seu esforço era inutil, que não havia mais bondade em todo o universo. Ser bôa?... Para quê? A maldade, a injustiça e a inveja governavam o mundo... Apetecia-lhe morrer para não pensar mais.

Abriu-se a porta do quarto e uma voz bem conhecida chamou:

— Beatriz! —

E, logo a seguir, a Maria José vendo-a n'aquelle choro desesperado, approximou-se, inquieta:

— Minha filha... o que foi? Diz, diz tudo... —

Digitized by Google

Com que paixão se lhe atirou ao pescoço, soffocada de lagrimas! Que torrente de queixas! Que trasbordar impetuoso de amarguras! De amarguras que nunca tinham entrado n'aquelle coração e que não encontravam logar...

A Maria José ouviu... ouviu... Não dizia nada; apertava-a contra o peito, passava-lhe a mão devagarinho pelos cabellos, deixava gastar-se por si a violencia da indignação e da revolta, fazia apenas continuadamente aquelle gesto monotono e acariciador com que se adormecem as creanças.

E a pouco e pouco a febre cedia, os soluços espaçavam-se...

— E agora? — murmurou a Beatriz levantando a cabeça e olhando pela primeira vez para os olhos da Maria José.

O que veria ella n'aquelles olhos? Não poude deixar de exclamar:

— Como tu és bôa! —

A Maria José levou-a deante da

Digitized by Google

colmeia de observação. Levantou a cortina e disse-lhe:

— Olha para aqui... e pensa um bocadinho. —

E emquanto a Beatriz olhava, ainda sacudida pelos ultimos soluços, acrescentou baixinho, com a voz abafada com que se fala aos doentes:

— Sabes o que é o *Sphinx Atropos*, não é verdade? Aquella borboleta sinistra que se introduz nas colmeias, mesmo nas melhores, mesmo nas mais ricas e poderosas, enganando as trabalhadoras, destruindo o resultado de vidas inteiras de esforço e de bôa vontade, espalhando na cidade cheia de abundancia e de paz, a devastação, a desordem e a ruina? —

— Eu sei... — murmurou a Beatriz.

— E por muito grandes que sejam os destroços, por mais completo e irremediavel que pareça o desastre, o que fazem... *as nossas mestras*, Beatriz? As nossas mestras tão perse-

Digitized by Google

verantes, tão pacientes, tão corajosas? Pensa, meu amor... —

A Beatriz respondeu, com uma expressão já differente:

—As nossas mestras recomeçam a vida... Puxam para fóra os cadaveres, limpam as ruas e a entrada, vão buscar outros materiaes... Reconstruem os favos; o mel doirado e transparente enche novamente os depositos; a rainha continua a semear a vida... sempre; os ovos transformam-se em nymphas, as nymphas em novas trabalhadoras activas, incansaveis... —

— E a vida segue como d'antes, — continuou a Maria José. — A vida segue para a maior perfeição e esplendor da cidade sagrada que tem sobre si a grande benção do trabalho, da perseverança e da fé persistente e inabalavel no futuro da raça laboriosa que alveja um fim grande e desinteressado, acima das miseraveis contingencias das existencias individuaes... —

Digitized by Google

. . . . . .

A um dos lados da villa alargava-se uma enorme explanada onde o povo se juntava antes de partir na procissão triumphal do Primeiro de Maio.

De toda a parte acudia gente sem fim que chegava de grandes distancias.

E todos traziam ramos de flôres, braçados de verduras, hastes floridas arrancadas aos pomares . . .

Cada um trazia dos differentes pontos afastados onde vivia, o dom da terra, da *sua* terra, á festa das flôres e da abundancia, como se todo o solo que produz quizesse contribuir para a tornar mais brilhante e mais rica, de todas aquellas riquezas tiradas do seu sangue.

Atravessavam a ponte que a pouco e pouco se apinhava de caminhantes vindos de longe, dos povoados mais distantes da planicie.

Desciam as encostas... e á medida que a hora avançava, as encostas en-

Digitized by Google

negreciam-se do povo que passava n'uma torrente continua, descendo, descendo para a explanada, vindo das aldeias e dos casaes perdidos nas montanhas.

Como a explanada se enchia!

O Rodrigo ria, um pouco estonteado por aquelle sussurro da multidão inexplicavel e um pouco inquietador, mesmo quando a multidão é pacifica e feliz.

—Parece que a terra toda se vae despovoar... — disse elle.

—Olha o Gaspar! — exclamou o Manoel.

E acompanhado pelos tres rapazes, approximou-se do soldado.

—Vivam! —

—Que belleza de tarde! —

—Manoel... — disse o Gaspar com os olhos brilhantes — não tens n'este momento a impressão de tocar, de sentir muito de perto a realidade... possivel, do nosso grande sonho abrangendo o mundo inteiro?... —

Digitized by Google

O Joaquim Salvador, com o letreiro do chapeu areiado e reluzindo ao sol, atirou por cima das cabeças com a sua voz de clarim:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! —

— E' a Assistencia que passa... — respondeu com enthusiasmo o Antonio que principiava a estar muito excitado com aquelle murmurio continuado da multidão cercando-os de todos os lados, augmentando sempre.

— Salve-os Deus! — exclamou o Zé Carvalho, endomingado na sua jaleca de *sorrobeco* novinha em folha; e passou, mostrando a dentuça branca n'um riso feliz e simplorio, de bondade.

— O credito agricola... — disse o Paulo apontando para elle e lembrando-se da antiga usura.

A torrente de povo descia a collina, cada vez mais compacta; a ponte despejava gente sem fim, lá das lezirias... A multidão augmentava, au-

Digitized by Google

gmentava... O sussurro engrossava como o barulho do mar...

— Tenham Vossas Ex.as muito bôas tardes! — disse uma voz fresca. E a Joaquina passou e sumiu-se entre o povo com o filhito mais novo nos braços, segurando duas hastes floridas de pecegueiro.

A Beatriz sorriu olhando para a Maria José:

— A futura creche rural... — murmurou ella.

Ouviu-se a voz do Alvaro, já muito perdida, abafada pela multidão crescente, dominadora, que se alastrava pela esplanada, que trasbordava para os campos, que tinha redemoinhos e espraiamentos de cheia, que parecia querer cobrir a terra toda...

— Manoel! Paulo!... Não se percam de nós... Antonio!... vamos todos juntos!... —

A Maria José apontou para deante:

— Olhem!... — disse ella.

A parte do monstro humano que

Digitized by Google

se encontrava mais perto da estrada conduzindo ao convento, começara já a subir a larga avenida.

E quando o Rodrigo, envolvido no movimento poderoso da multidão, olhou para a escadaria monumental que se abria deante de si como um leque, viu-a coberta da onda de povo que subia, arrastada por uma força que já não era a vontade de cada um, mas sim o impulso irreductivel onde todas as almas se uniam formando uma só alma, onde todos os desejos se transformavam n'um só desejo, onde as consciencias individuaes se fundiam n'uma só consciencia.

E sobre essa multidão, tremulavam erguidos como tropheus, os despojos colloridos da primavera que innundava a terra, lançando n'aquella hora sobre os homens unidos e pacificos a benção das suas promessas e da sua prodigalidade.

No alto da escadaria, a meio do grande largo que precedia a fachada

Digitized by Google

do velho convento, levantava-se uma estatua collossal.

Era um Christo enorme, de pedra, que o tempo manchara de sombras dôces e que alli estava havia seculos, de braços largamente abertos, n'um grande gesto de amor, olhando para a immensidade da leziria, esperando vêr surgir n'aquelle horizonte que se perdia n'um afastamento de sonho... emfim... emfim... a comprehensão da sua doutrina.

E os primeiros clarões d'essa comprehensão chegavam n'uma onda formidavel de amor.

A multidão subia... subia... E ao passar, atirava aos pés do Christo as ramagens e as flôres. O pedestal da estatua desapparecia já sob a maré crescente d'aquella abundancia, d'aquella vida da terra bemdita que se traduzia nas côres suaves das rosas palidas, no rosado das malvas, nas umbellas espalmadas e rigidas dos sabugueiros, na infinita delicadeza dos tron-

Digitized by Google

cos floridos das arvores de fructa, nos longos ramos das olaias cobertos pelo côr de rosa magoado dos botões que se entreabriam em agrupamentos cerrados e vigorosos, nos festões amarellos e macios das acacias cujo pollen se espalhava em poeira de oiro, nos braçados de murtas perfumadas de onde as inflorescencias mimosas cahiam como chuva sobre as verduras amontoadas...

Atiravam-se molhos de espigas verdes de trigo n'uma offerta generosa e desinteressada dos primores da abundancia futura, feixes de papoulas: gottas de sangue purpurino da terra bemdita, da terra mil vezes bemdita que tem nas suas entranhas sagradas, o pão que dá vida, a agua crystalina e pura e as florações delicadas e deslumbrantes... todas as côres, todos os perfumes, todos os alimentos preciosos que manteem e fortificam até á maior perfeição, o corpo e a alma da humanidade.

Digitized by Google

E o mar sussurrante e formidavel, subia... subia sem fim...

Parecia que de todos os pontos da terra nasciam homens n'aquella hora para subir na peregrinação de amor e de alegria.

A multidão passava como um rio largo e sereno... Passava... passava... Atravessava o largo deante da fachada do convento, e entornava-se, espalhava-se do outro lado da collina, inundando os campos.

A montanha perfumada e viçosa crescia... subia acima de todas as cabeças, muito alto, muito alto... Chegava ao peito do Christo.

O sol já quasi no poente, olhava para a figura collossal, tingia-a de tons fulvos, aquecia-a de uma vida intensa...

Não se via ninguem... não se conhecia ninguem... O Alvaro, o Zé Carvalho, o Gaspar, o Manoel, a Maria José, o Joaquim Salvador, todos elles, grandes e pequenos, desappareciam,

Digitized by Google

fundidos na grande onda que passava sem fim, igualando todos.

Não se via ninguem...

Via-se a Multidão murmurante e enorme, a Multidão eterna, o rio calmo invencivel e triumphante acima do qual apenas se erguia a figura collossal do Christo, emergindo da montanha de flôres... *Ella* a mais perfeita das florações, a floração ideial, a grande Ideia de fraternidade e de amor que ha-de salvar o mundo.

FIM

Digitized by Google

Digitized by Google

NOVAS PUBLICAÇÕES

Alienados nos tribunaes, pelo Dr. Julio de Mattos. 3.º vol. 700

Amor, tragedia e farça, por João Luso. 1 vol. . . 500

Ceu aberto, por D. Virginia de Castro e Almeida. Livro de instrucção e recreio para creanças, com illustrações do Dr. Alves de Sá. 1 vol. 700

Cidade eterna. Lindo romance inglez de Hall Caine, traducção de D. Laura de C. e Almeida. 1 vol. 700

Coqueiro (O). Producção e industria, por José Maria de Sá. 2.ª edição. 1 vol. 600

Familia e divorcio, pelo Dr. Duarte R. de Sampaio e Mello. 1 vol. . . . . 1$000

Filho (O) prodigo, romance inglez, por Hall Caine, com uma apreciação de D. Maria A. Vaz de Carvalho. 1 vol. 800

Manual de Prehistoria, por Pereira d'Almeida, (Bacharel em Direito). 1 vol. 600

Parciso (O) das creanças. Lindas historias moraes e educativas, com illustrações. 1 vol. . . 300

Pindorama, por Xavier Marques. Romance brasileiro da epocha do descobrimento, premiado pela commissão do IV centenario do Brasil. 1 vol. 500

Scienciocracia—Socialismo pratico—por Pedro Romano Folque, coronel de engenharia. 1 vol. 800

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

JUL 30 1952

Digitized by Google

Digitized by Google